

DM

**Estudo Linguístico e Sociocultural da Emigração
Madeirense para a África do Sul a partir da década de
1960 (no âmbito do Projeto Nona Ilha)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Bruna Micaela Freitas Pereira

MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

abril | 2017

**Estudo Linguístico e Sociocultural da Emigração
Madeirense para a África do Sul a partir da década de
1960 (no âmbito do Projeto Nona Ilha)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Bruna Micaela Freitas Pereira

MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E CULTURAIS

ORIENTAÇÃO
Naidea Nunes Nunes

Índice

Introdução	11
Capítulo I - Enquadramento conceptual e teórico-metodológico	19
1. Mobilidade, migração, relatos de memória e a língua falada	19
2. As entrevistas, a sua transcrição e a análise de forma e temática	28
3. O <i>corpus</i> como instrumento de estudo linguístico e sociocultural	33
Capítulo II - Estudo linguístico do <i>corpus</i> da língua falada	36
1. Análise fonética	36
1.1. Características da oralidade	36
a) Hesitações	36
b) Reformulações	42
c) Repetições	45
d) Truncamentos	48
e) Contrações de vogais	49
f) Aférese ou queda de som ou sílaba no início da palavra	50
g) Elipse de vogais	52
1.2. Particularidades da variedade madeirense	53
a) Palatalização da consoante lateral [l] precedida da vogal palatal [i]	53
b) Apagamento da vogal [u] no final da palavra	54
c) Semivocalização do -s final em [j]	54
d) Síncopa da consoante [g] em contexto intervocálico	54
e) Realização do ditongo gráfico <ou> como [wa], em posição final	55
f) Ditongação do [u] tónico em [aw]	55
1.3. Características do Português popular	55
a) Alterações vocálicas	55
b) Assimilações	55
c) Dissimilações	56
d) Metáteses ou troca de posição dos sons ou das sílabas na palavra	56
e) Rotacismo ou alteração consonântica do [l] em [r]	57
f) Introdução de vogais no meio da palavra para desfazer grupos consonânticos ..	57
g) Prótese ou adição de uma vogal no início da palavra	57
h) Epêntese ou adição de um som no meio da palavra	58
i) Nasalizações	58
j) Desnasalizações	58
l) Monotongações	59

m) Paragoge de vogais no final das palavras terminadas por consoantes	59
n) Alteração da terminação nasal das formas verbais da terceira pessoa do plural	60
o) Síncope ou queda de um som no meio da palavra	61
2. Análise lexical	61
2.1. Regionalismos semânticos	63
2.2. Regionalismos lexicais	64
2.3. Empréstimos da(s) língua(s) do(s) país(es) de acolhimento	65
2.4. Alcnhas individuais e coletivas ou gentílicos	67
2.5. Provérbios e expressões populares	68
2.6. Formas diminutivas e aumentativas	69
3. Análise morfossintática	71
a) Posição dos clíticos na frase	71
b) Ausência de artigo definido antes do possessivo em nomes de parentesco	77
c) Falta de concordância verbal, nominal e adjetival	79
d) Sujeito expreso com <i>a gente</i> em vez de <i>nós</i>	82
e) Verbo <i>ter</i> com valor existencial (em vez de <i>haver</i>)	84
f) Omissão de preposições e de outros elementos gramaticais	85
Capítulo III - Estudo sociocultural das temáticas do quotidiano	87
1. Fatores de variação linguística e identidade sociocultural	87
a) Sexo	87
b) Idade	89
c) Escolaridade	89
2. Aspetos socioculturais da vida na Madeira	91
3. Vivências socioculturais no(s) país(es) de acolhimento	95
4. O contacto entre línguas e o processo de transmissão da Língua Portuguesa como identidade cultural	98
Capítulo IV - Discussão dos resultados linguísticos e socioculturais	112
1. Resultados linguísticos	112
2. Resultados socioculturais	118
3. Resultados esperados e observados	119
Considerações Finais	122
Referências Bibliográficas	125
Dicionários e Gramáticas	125
Obras de referência	125
Webgrafia	128

Apêndices	131
1. Guião da entrevista	131
2. Transcrições das entrevistas	131
3. Fichas das entrevistas	131
4. Histórias de vida	131
5. Autorização dos informantes	131
6. Ficheiros áudio das entrevistas	131

Agradecimentos

Tenho para mim que os agradecimentos são como as despedidas: não devem ser longos; apenas sinceramente sentidos. Assim que serei sucinta.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos aqueles que forneceram elementos de análise a esta investigação e, sem os quais, nunca a poderia ter sequer iniciado: Ilda Câmara, Maria Gomes, Manuel da Costa, Agostinho Corte, Humberto Gomes, Leonel Gouveia, Arlete Rebolo, Gumercinda Barros, Marco Pereira, Sandra Paulo, Carla Alves, Cisaltina Belo, Manuel Rodrigues, Deoclécio Abreu e John Sousa.

À minha orientadora, Professora Doutora Naidea Nunes, por todo o tempo, dedicação e amizade.

Ao Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA) nas pessoas do Doutor Alberto Vieira, coordenador do Projeto “Nona Ilha”, da Dr.^a Graça Alves e da Mestre Cláudia Faria e ainda dos Mestres Andreia da Silva e Xavier Marujo, estagiários que colaboraram na transcrição das entrevistas.

Aos meus pais.

À minha mãe.

*Eles não sabem que o sonho
é tela, é cor, é pincel,
base, fuste, capitel,
arco em ogiva, vitral,
pináculo de catedral,
contraponto, sinfonia,
máscara grega, magia,
que é retorta de alquimista,
mapa do mundo distante,
rosa-dos-ventos, Infante,
caravela quinhentista,
que é cabo da Boa Esperança,
ouro, canela, marfim,
florete de espadachim*

(...)

*Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida,
que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.*

António Gedeão

Pedra Filosofal, 1956

Resumo

O Arquipélago da Madeira possui oito ilhas (Madeira, Porto Santo, Deserta Grande, Bugio, Ilhéu Chão, Selvagem Grande, Selvagem Pequena e Ilhéu de Fora) e a “Nona Ilha” é a construída pelos emigrantes madeirenses dispersos no mundo, dando o nome ao projeto desenvolvido pelo Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), cujo objetivo é recolher e analisar as histórias de vida destes. Este estudo linguístico e sociocultural, neste caso sobre a emigração para a África do Sul, a partir da década de 1960, é um contributo para o conhecimento das suas vivências e realidades.

Devido às reduzidas condições de vida, pobreza, precariedade e fome existentes na ilha da Madeira, em meados do século XX, muitos jovens viram a emigração para a África do Sul como uma forma de escapar à miséria, mesmo enfrentando constrangimentos legais, desconhecendo a língua e tendo consciência dos árduos e longos trabalhos existentes para as suas qualificações. Surgem, então, as seguintes questões: Como era a vida na África do Sul? Quais as áreas e tarefas predominantemente madeirenses? Qual a relação entre os madeirenses (e portugueses), como comunidade, e com os sul-africanos? Qual o impacto linguístico, cultural e social decorrente dessa situação? Através das entrevistas realizadas a diferentes gerações de emigrantes (primeira e segunda geração), é possível conhecer a realidade pela qual milhares de madeirenses passaram e é uma forma de recolher informações que, de outra forma, ficariam perdidas para sempre. A transcrição grafemática das entrevistas semiestruturadas realizadas assume um papel muito importante no registo efetivo destes dados, garantindo a sua comparabilidade, análise e discussão.

A constituição do *corpus* empírico, enquanto amostra da realidade da emigração madeirense para a África do Sul, permite a realização de um estudo linguístico e sociocultural, a partir dos relatos de memória dos informantes de diferentes localidades, idades, géneros e escolaridades. Verifica-se que o impacto da cultura, da língua e da sociedade sul-africana foi muito importante nas suas vidas. No entanto, a presença da Língua Portuguesa, da música, da tradição religiosa e da alimentação madeirense é muito forte, pelo facto de a comunidade portuguesa ser muito unida e pela existência de Casas da Madeira e outras Associações, assim como escolas portuguesas.

Palavras-chave: Emigração Madeirense; África do Sul; Método de Entrevista; Análise de *Corpus*; Estudo Linguístico e Sociocultural; Identidade.

Abstract

The Archipelago of Madeira consists of eight islands (Madeira, Porto Santo, Deserta Grande, Bugio, Ilhéu Chão, Selvagem Grande, Selvagem Pequena and Ilhéu de Fora). The ninth island, a term designated to all people native from Madeira and now dispersed across the world, takes into account the experiences, linguistic and socio-cultural realities of these migrants. This Masters dissertation, which aims to contribute to the "Ninth Island" project developed by the Atlantic Study Center (CEHA), has as its main objective the collection and analysis of information and life stories of the South African Madeiran migrant community.

Due to the poverty, hunger and precarious living conditions that existed on Madeira Island in the mid-twentieth century, many young people saw emigration to South Africa as a means of escape. Access to long and arduous jobs due to their limited qualifications, as well as legal constraints and an inability to understand the language, were just some of the barriers encountered by these emigrants. This led to the following questions being raised: How was life in South Africa? Which were the predominantly Madeiran areas and tasks? What was the relationship between the Madeirans and Portuguese as a community and the South Africans? What is the linguistic, cultural and social impact of this situation?

Through the interviews to different generations of emigrants (first and second generation), it is possible to know the reality that thousands of Madeirans have faced. The graphematic transcription of the semi-structured interviews plays a very important role in the effective recording of these data, guaranteeing their comparability, analysis and discussion. The constitution of the empirical corpus, as a sample of the reality of Madeiran emigration to South Africa, allows the realization of a linguistic and sociocultural study, based on the reports of the informants of different localities, ages, genders and schooling. The impact of South African culture, language and society has been very important in their lives, however, the presence of the Portuguese language, music, religious tradition and Madeira's food is very strong, because the Portuguese community is very close and there are "Casas da Madeira" and other Associations, as well as Portuguese schools.

Keywords: Madeiran Emigration – South Africa – Interview Methode – Corpus Analysis – Linguistic and Sociocultural Study – Identity.

Introdução

No âmbito do projeto Nona Ilha, o Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA) tem criado uma base de dados com histórias de vida da emigração madeirense para diversos países de acolhimento. Nesse sentido, esta dissertação de mestrado visa contribuir para esse projeto, no que diz respeito à emigração para a África do Sul. Como nos diz Alberto Vieira (cf. webgrafia):

Algumas épocas, como o século XX, e alguns destinos, como o Brasil, América Central, Havai, continuam a monopolizar a atenção dos especialistas, sendo pouca ou nenhuma atenção dada a destinos e comunidades como a Austrália, África do Sul, Venezuela, Estados Unidos da América e ex-colónias, nomeadamente a República Popular de Angola.

Assim, reveste-se de especial importância e utilidade estudar a emigração da Ilha da Madeira com destino à África do Sul – abordando as componentes histórica, linguística e sociocultural desta realidade humana, com um foco particular nas questões da Língua (oralidade e escrita), uma vez que a emigração sempre fez parte dos traços identitários portugueses, tornando-se um fenómeno histórico-social, na medida em que a sua evolução proporcionou que novos hábitos e conhecimentos se formassem a partir do contacto com outros povos.

Como escreve Alberto Vieira (cf. webgrafia), o espírito de aventura e de descoberta do povo português é, desde há muito, conhecido mundialmente. Teve o seu grande pontapé de saída com a chegada à África do Sul, por Bartolomeu Dias, navegador português, e, desde então, tornou-se um ponto de interesse para portugueses, holandeses e ingleses que viram as suas hipóteses de enriquecer com as matérias-primas da terra, aumentar significativamente. Como seria de esperar, esta afluência de povos europeus ao continente africano, tornou o local palco de inúmeras disputas por território e poder por parte dos colonizadores, e resultou na escravatura para os nativos. Um importante marco na história da África do Sul está precisamente relacionado com a colonização holandesa e, posteriormente, britânica. Durante a ocupação holandesa na cidade do Cabo, os colonos falharam em subjugar os nativos e tê-los-ão morto em diversas guerras e imposições de força, provocando uma diminuição drástica da mão-de-obra disponível. Tendo em consideração este fator, os colonos holandeses começaram a trazer escravos indianos e indonésios, que, nas descendências seguintes

deram origem a uma etnia que passou a ser conhecida por *cape coloured*, por possuírem traços e cor específicos e distintos dos outros nativos.

Alberto Vieira (cf. webgrafia) explica que a colonização britânica da África do Sul teve início, aproximadamente, no fim do século XVIII e foi responsável pela massificação do trabalho escravo, devido aos constantes e cada vez maiores carregamentos de ouro e diamantes para a metrópole. Simultaneamente a estes eventos, deu-se a ocupação britânica na ilha da Madeira, abrindo caminho para relações comerciais e profissionais entre madeirenses e ingleses. De facto, o povo madeirense, começou a adquirir novos conhecimentos acerca da agricultura, indústria vinícola e economia, criando todo um novo mundo de hábitos e costumes. Atente-se que nem tudo foi “um mar de rosas”: são inúmeros os registos de exploração dos residentes nas áreas rurais, através de contratos exploratórios e injustos como a compra de pipas de vinho por valores irrisórios ou, ainda, o contrabando de vinho e aguardente. No entanto, independentemente das situações menos positivas, os madeirenses tinham perante os ingleses uma relação de certa dependência. A esse respeito, lê-se em Brandão (cf. webgrafia): “Esta ilha é um cenário e pouco mais – cenário deslumbrante com pretensões a vida sem realidade e desprezo absoluto por tudo o que lhe não cheira a inglês. Letreiros em inglês, tabuletas em inglês e tudo preparado e maquinado para inglês ver e abrir a bolsa.” Seja como for, parece terem sido reunidas as condições necessárias para a partida de centenas de madeirenses da ilha, que depositavam confiança na gestão britânica e procuravam um futuro melhor.

No século XIX deu-se a promulgação da carta de libertação dos escravos na África do Sul, deixando os colonos numa posição extremamente frágil e desagradável, levando-os a abandonar a capital e a deslocar-se para zonas da periferia, junto com aqueles que antes estavam sujeitos à escravatura. Mesmo sendo pagos ou usufruindo de outras regalias (mínimas), os então ex-escravos associavam certos trabalhos agrícolas, como no caso do trabalho da cana-de-açúcar, a trabalho escravo e recusavam-se a permanecer nesses campos. Todas estas situações potenciaram a necessidade de mão-de-obra e foram o empurrão para o início da emigração madeirense para a África do Sul. De facto, lê-se em Teixeira (cf. webgrafia):

Na ilha da Madeira existia uma colónia de mercadores ingleses e a ínsula era um importante interposto comercial britânico, nas rotas atlânticas das embarcações para as Índias Ocidentais. Na sequência da crise de mão-de-obra nas Antilhas Britânicas, com os proprietários a procurarem colonos para substituírem os antigos escravos, emancipados em 1834, os madeirenses eram vistos como bons candidatos, descritos como excelentes trabalhadores e artífices competentes.

O início do processo de migração madeirense para a África do Sul terá sido semelhante. Segundo Vieira (cf. webgrafia), “podemos afirmar com segurança que, nos princípios do séc. XX, a comunidade portuguesa era significativa e que, em 1904, os madeirenses assumiam uma posição maioritária”. Para o que terá em muito contribuído a rota do Cabo, que passava pela ilha da Madeira, uma emigração também associada a Lourenço Marques (atual Maputo) porque a África do Sul era um prolongamento de Moçambique, já que os portugueses podiam ir sem passaporte, utilizando apenas o bilhete de identidade para a colónia portuguesa. Muitas vezes, optavam por esse trajeto para passarem “a salto”, ou seja, como clandestinos para a África do Sul, atraídos pela sua riqueza em minerais, ouro e diamantes. Em 1890, estes minerais vinham do interior, nomeadamente da Rodésia, através dos ingleses que os traziam para Lourenço Marques e daí o desejo de comprarem esta região aos portugueses, visto o terminal da linha junto ao mar ser um ponto estratégico para exportação dessa matéria-prima para a Europa. Vieira (cf. webgrafia) afirma que o ouro da África do Sul começa a aparecer na Europa em finais do século XIX e em 1902 há registo dos primeiros emigrantes madeirenses que partem para lá são da Fajã da Ovelha e Prazeres (Calheta), possivelmente já a partir de finais do século XIX. A título de curiosidade, os vapores do Cabo eram os únicos, dos que passavam pela Madeira, que tinham três chaminés, por isso dizia-se, popularmente, de quem fumava muito: “Tu fumas pareces [como] o Vapor do Cabo”. Vieira (cf. webgrafia) refere:

Até à déc. de 60, na Ilha, era usual a designação “vapores do cabo” para identificar os navios da Royal Mail Steam Packet Company que, frequentemente, escalavam a Madeira. Estas escalas são uma referência no quotidiano dos madeirenses e eram também a possibilidade de muitos deles encontrarem outros destinos de emigração ou um caminho mais fácil em direção à Inglaterra. Esta rota comercial foi a ponte para a afirmação da comunidade madeirense na África do Sul, nomeadamente, na Cidade do Cabo, em Pretória e Joanesburgo.

Agostinho Cardoso, no seu estudo *O fenómeno económico-social da emigração madeirense*, datado de 1968, escreve:

Quanto à África do Sul, a emigração madeirense que começou a aumentar por volta de 1950, atingiu, em 1956, o seu máximo (1029 emigrantes, para um total de 1.225 emigrantes portugueses), para ir baixando, nos anos seguintes, em relação ao contingente emigratório do nosso país, que não diminuiu. Esta emigração continuava todavia, em 1966, em 2º lugar, logo a seguir à da Venezuela, com 240 emigrantes em 1966, para um total de 4721 emigrantes portugueses. Em 1967,

baixou para 3º lugar com 142 emigrantes, subindo o Brasil para 2º lugar com 379 emigrantes. (...) Em 1967, a Madeira ocupava em relação aos contingentes emigratórios dos outros distritos metropolitanos a seguinte posição: Venezuela, 1º lugar; Brasil, 3º lugar; África do Sul, 4º lugar; Estados Unidos, 17º lugar. (Cardoso, 1968: 15-16)

Vieira (cf. webgrafia) também fornece dados quantitativos sobre a partida de emigrantes madeirenses para a África do Sul, indica as principais zonas onde se instalaram e fala da sua importância na sociedade sul-africana, criando várias associações portuguesas:

Desde princípios do séc. XX que se tornou notória a presença da comunidade madeirense na África do Sul, nomeadamente em Pretória e Joanesburgo. Os madeirenses tiveram uma função importante na pesca e na agricultura. No primeiro caso, dominaram o mercado de tunídeos e de lagosta, enquanto no segundo detiveram o controlo dos produtos hortícolas. Sempre foram a comunidade mais representativa dos portugueses, constituindo mais de metade dos emigrantes, o que lhes permitiu antes e ainda no começo do séc. XXI uma posição importante na sociedade. (...) No caso da África do Sul, tivemos 2526 saídas entre 1945 e 1949; 5118, entre 1950 e 1959; 579, entre 1960 e 1969; 683, entre 1970 e 1979. (...) Nas áreas de maior concentração de portugueses (na Cidade do Cabo, Port Elizabeth, Pretória, Durban, Pretória e Joanesburgo), temos diversas associações de emigrantes portugueses onde os madeirenses conquistaram um lugar de relevo. A mais conhecida e já referida, a Academia do Bacalhau, surgiu em 1960, sendo uma referência para a comunidade portuguesa. Ainda podemos salientar algumas associações, como o Club Sport Marítimo de Pretória, o já mencionado Club Sport Marítimo de Joanesburgo, a Casa Social da Madeira (Pretória), o Grupo Folclórico Madeirense de Joanesburgo, a Casa da Madeira de Joanesburgo, a Associação Familiar Pérola do Atlântico, Representante da Comunidade Madeirense de Natal (Durban).

Como podemos ver, a África do Sul foi um país de acolhimento com forte atração emigratória, tal como a Venezuela e o Brasil. A emigração portuguesa para a África do Sul também beneficiou da proximidade da ex-colónia portuguesa, Moçambique. Em Henrique (cf. webgrafia) lê-se:

Ao longo do século XX, a África foi progressivamente ocupando um lugar central na vida portuguesa: Portugal não só dependia economicamente das suas colónias africanas como estas desempenhavam um papel indispensável no equilíbrio global do sistema fascista vigente desde 1926. Daí que se tenha verificado, por parte dos grupos dominantes da sociedade portuguesa, a necessidade de construir e de consolidar um certo número de mitos relativos à presença portuguesa em África, destinados a explicar e a justificar as ações e a permanência lusas nessa região do mundo, particularmente a partir da década de 50, quando se inicia, em África, o processo das independências.

Nos barcos que iam até Lourenço Marques e paravam na cidade do Cabo, na África do Sul, os madeirenses que não tinham autorização para saírem neste destino eram fechados para não fugirem do barco nesta paragem (informação transmitida por dois entrevistados).

Depois de chegarem a Moçambique, os portugueses clandestinos passavam a fronteira a pé e, por vezes, apanhavam o comboio do Transval para o Suheto. Era provável que na província do Transval falassem crioulo, uma mistura de Português e de Inglês. No que diz respeito à passagem para a África do Sul, era muito frequente solicitar os serviços dos chamados “passadores” ou serem abordados pelos mesmos. Certos indivíduos na Madeira eram especialistas em levar os madeirenses “a salto” para a África do Sul, ganhando elevadas comissões por levá-los e outras por denunciá-los. A Namíbia e Moçambique eram os destinos de fuga mais comuns para aqueles que não queriam ser apanhados pelas autoridades, por não terem documentos legais¹. Ou seja, não tinham “carta de chamada” para trabalhar ou para estudar, no caso de serem muito novos, e porque eram jovens que fugiam ao serviço militar, sobretudo na altura da guerra colonial, e mesmo com “carta de chamada”, ao fazerem dezoito anos já não tinham autorização do Estado português para saírem do país (informação transmitida pelos entrevistados).

Quando os emigrantes madeirenses, na década de 60, chegaram à África do Sul, já existia o *apartheid*, uma ideologia discriminatória que, como a designação indica (apartar), pretendia separar brancos de negros e, conseqüentemente, atribuir diferentes direitos e deveres. Foi inclusive criada uma identificação pessoal para cada indivíduo, em que era especificada a sua raça. As implicações socioeconómicas do *apartheid* têm repercussões até o dia de hoje. Sob esse sistema, foram criados espaços para cada etnia, originando uma onda de indignação e revolta por parte dos nativos. Os madeirenses, embora considerados “brancos inferiores” ou “de segunda” pelos africanos (sul-africanos descendentes de europeus, sobretudo holandeses, ingleses, franceses e alemães), eram, todavia, brancos e gozavam de alguns benefícios em relação aos negros, sendo vítimas destes em certas querelas, especialmente em estabelecimentos comerciais, por inveja e vingança, como relatam alguns entrevistados. Apesar das ações de violência e vandalismo em várias lojas comerciais, os madeirenses continuaram a ver a África do Sul como um local de prosperidade. Contudo, o fim do *apartheid* e a incerteza da

¹ Informações fornecidas oralmente pelo Professor Doutor João Adriano Ribeiro, a quem agradecemos muito a generosidade, uma vez que ainda não existe uma publicação sobre este assunto.

situação política, social e económica do país fizeram muitos madeirenses regressarem à sua terra natal, nos anos 90. A outra grande vaga de regresso à Madeira ocorreu depois da morte de Mandela, com o novo governo, em que a criminalidade nos negócios e nas casas dos brancos aumenta a cada dia que passa, conforme dados fornecidos pelos informantes.

Embora muitos investigadores considerem a temática da emigração madeirense um livro em branco, esta tem já muitas páginas escritas, especialmente nos últimos anos com o regresso dos madeirenses de locais como a Venezuela e a África do Sul à ilha, como afirma Vieira (cf. webgrafia):

Estamos perante uma realidade ainda não devidamente quantificada e quase desconhecida em termos de estudos sociodemográficos. Conhecemo-los e contactamos com gente que regressou desses países de acolhimento, identificámo-los através do seu modo de falar, mas temos, muitas vezes, dificuldades em aceitar o retorno, porque isso implica, de novo, a partilha do magro território, do poio, que os que ficaram consideram seu, não por herança, mas por usufruto.

Neste sentido, é de suma relevância conduzir um estudo linguístico e sociocultural que demonstre a influência da emigração, nomeadamente para a África do Sul, na vida daqueles que regressaram, mas também daqueles que ficaram na África do Sul, comparando a primeira geração de emigrantes com a segunda, os luso-descendentes que nasceram lá. Posto isto, as hipóteses de partida desta investigação são: os emigrantes da primeira geração, por terem nascido na ilha e terem fraca escolarização, serão mais conservadores, tanto no que diz respeito à Língua Portuguesa (incluindo o uso de regionalismos madeirenses) como no uso de formas do Português popular, alcunhas e provérbios, bem como a nível das tradições socioculturais (alimentação, religião e música); há transmissão da Língua Portuguesa aos luso-descendentes, com escolarização formal; a segunda geração como nasceu no país de acolhimento e fez a escolarização sul-africana utiliza mais palavras e expressões das línguas do país de acolhimento do que os emigrantes de primeira geração.

Por conseguinte, esta investigação tem como objetivos: a) efetuar entrevistas a emigrantes madeirenses representativos de diferentes fases de emigração para a África do Sul e seus descendentes, aplicando um guião de entrevista semiestruturado; b) abordar a questão da oralidade e da transcrição grafemática das entrevistas (passagem da documentação oral à escrita), constituindo um *corpus* de histórias de vida que possa permitir a análise dos dados e a sua discussão; c) analisar o conteúdo das entrevistas,

através da linguagem dos relatos biográficos, direcionadas para as memórias da infância e da ilha, do quotidiano e da vida familiar (visão das raízes madeirenses - paisagens e património linguístico e sociocultural), circunstâncias da partida e as suas motivações, expectativas, instalação, adaptação e confronto com a nova realidade linguística e cultural do país de acolhimento, mobilidades, experiências, contacto entre línguas e respectivas interferências, duração da permanência e regressos; d) conhecer algumas particularidades fonéticas do dialeto madeirense e do Português popular, conservadas na fala dos emigrantes e transmitidas às gerações seguintes, assim como particularidades lexicais e semânticas que fazem parte do património linguístico e sociocultural madeirense; e) apurar as interferências das línguas dos países de acolhimento: lexicais, semânticas, fonéticas e morfossintáticas no Português falado pelos emigrantes; f) verificar se os emigrantes mantêm na sua memória expressões ou ditos populares, provérbios, rimas, canções, ou seja, a riqueza da expressividade popular e regional madeirense; g) constatar se os entrevistados ainda se recordam de alcunhas da família e de vizinhos da sua freguesia na Madeira e se, no país de acolhimento, ainda são conhecidos por alcunhas dentro da comunidade de madeirenses ou na comunidade local; h) aferir a presença de elementos culturais tradicionais da Madeira, tais como a música, o folclore, a gastronomia, o artesanato, arraiais e festas religiosas, na vida atual das diferentes gerações de emigrantes.

Além destes objetivos linguísticos e socioculturais, o projeto “Nona Ilha” pretende também reconstituir a história da emigração madeirense, através da “História Oral” ou “História vista de baixo” e identificar influências culturais madeirenses no país de destino dos emigrantes, a nível linguístico e cultural (música, arte, gastronomia, etc.), assim como apoiar luso-descendentes que procuram informações sobre os seus antepassados, reconstruindo histórias de vida e a transmissão da cultura madeirense aos descendentes de emigrantes madeirenses, recuperando as memórias linguísticas e culturais que persistem, tendo a Madeira como referência de origem identitária.

De modo a apresentar de forma clara e sistemática todo o processo de construção deste estudo, iniciar-se-á pelo enquadramento teórico-metodológico do trabalho. Seguidamente, apresentar-se-á a análise linguística dos dados empíricos das entrevistas que constituem o *corpus* da investigação. Depois, observar-se-ão as informações socioculturais fornecidas pelos entrevistados em relação à Madeira e ao país de acolhimento e a relação entre alguns dados linguísticos e os factores de variação na língua falada e identidade sociocultural dos informantes. Por fim, antes das

considerações finais, proceder-se-á à discussão dos resultados obtidos nos dois capítulos anteriores. Após as referências bibliográficas, incluir-se-ão os apêndices, nos quais constam a transcrição das 14 entrevistas do *corpus*, as respectivas fichas, histórias de vida, ficheiros áudio e autorizações de gravação e de divulgação dos dados pessoais.

Capítulo I - Enquadramento conceptual e teórico-metodológico

1. Mobilidade, migração, relatos de memória e a língua falada

Embora se fale cada vez mais de mobilidades em vez de migração (emigração e imigração), por ser uma realidade cada vez mais presente no mundo atual, os conceitos distinguem-se, na medida em que a palavra mobilidade abarca todos os tipos de movimentos territoriais e não só, também sociais (mobilidades sociais), independentemente da sua duração ou distância, enquanto a migração implica a mudança da residência permanente (Lewis, 1982: 8). Por isso, toda a migração é mobilidade, mas nem toda a mobilidade é migração. Embora os dois conceitos se distingam, porque a mobilidade são todas as formas de movimento espacial ou geográfico e a migração é um conceito restrito para movimentos de longa distância, implicando mudança da residência permanente, os dois têm em comum a dimensão temporal e espacial, existindo diferentes tipos de mobilidade e de migrações, de longo e curto período e de longa e curta distância. As Nações Unidas consideram existir “migração” quando ocorre a residência de pelo menos um ano no país de acolhimento, segundo Lewis (1982: 18).

O conceito de “migração”, por sua vez, está associado à noção de “diáspora”, que provém do grego *diasporein*, com o significado de ‘semear’, daí a dispersão das pessoas espalhadas pelo mundo, que vivem longe da sua terra natal, cuja origem se mostra enraizada através da conservação da língua falada, da religião e da cultura, sendo o cordão umbilical as tradições. Como afirma Cancian (cf. webgrafia), os indivíduos na diáspora têm um sentimento de deslocamento que pode continuar mesmo depois do regresso porque mantêm consigo o desejo do retorno à terra de origem, mas não podemos regressar a uma identidade passada da memória porque tudo está em constante transformação, incluindo a cultura de origem no contexto da diáspora, de tal forma que novos costumes e palavras acabam sendo assimilados, surgindo, assim, a construção de uma nova identidade cultural porque identidade e cultura são inseparáveis. De acordo com Sousa (2014: 515):

“Diáspora começou por ser um conceito conotado com aqueles que eram literalmente arrancados da sua terra natal e deportados para uma outra, sendo por isso associada à dispersão, como no caso das colónias imigrantes gregas, ou em relação ao extermínio dos judeus. Historicamente, a diáspora desenvolvida na terra

de adoção, denotava uma clivagem entre as antigas e as novas culturas. Hoje, o conceito está associado à emigração, independentemente das causas que lhe estão subjacentes, e o seu significado tem outro lastro, por via do fenómeno da globalização”.

Como refere Sousa (2014), na diáspora, enquanto espaço transnacional, a identidade cultural é híbrida, numa nova terra que cruza pelo menos duas culturas e, no caso da África do Sul, várias línguas e culturas.

Há diferentes definições de “migração”, de acordo com diferentes abordagens, sobretudo espaciais e sociais, ou seja, da geografia humana e da sociologia. Refere-se aqui o conceito que reúne os dois aspetos, apresentado por Eisenstadt (1953: 167-180), “migration as the physical transition of an individual or a group from one society to another. This transition normally involves abandoning one social setting and entering another, and different one”. A sua ênfase é principalmente na mudança de uma sociedade da anterior região de residência para uma nova e diferente vida social numa nova região para onde decidiu emigrar. Acrescenta-se, por motivações socioeconómicas, implicando o contacto com outras línguas e culturas e o desenvolvimento de competências interculturais. Logo, a migração também pode ser vista como um fenómeno linguístico e sociocultural, enquanto instrumento de difusão de línguas e culturas, e de integração sociocultural que pode criar comunidades dentro de uma comunidade, como é o caso da zona chamada “Little Portugal”, na África do Sul, sendo também um fenómeno de interação linguística e cultural, além de espacial e social. Os relatos de memória biográficos ou histórias de vida, que constituem a base de estudo do projeto “Nona Ilha”, revelam muitas informações sobre as realidades socioeconómicas e as interações socioculturais das migrações madeirenses.

As histórias de vida enquadram-se no âmbito da História Oral, que privilegia as fontes orais porque estas complementam as fontes escritas. No texto “O que faz a História Oral diferente?”, Alessandro Portelli diz-nos que “as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes. Elas têm em comum características autónomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher (ou que um conjunto de fontes preenche melhor que a outra)” (1997: 26). Afirma que “A fileira de tom e volume e o ritmo do discurso popular carregam implícitos significados e conotações sociais irreproduzíveis na escrita” e que os informantes do povo “podem ser pobres em vocabulário, mas sempre mais ricos em variações de matizes, volume e entonação que os oradores da classe média, os quais aprendem a imitar no discurso a monotonia da

escrita” (1997: 28-29). Então, “As fontes orais dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida. Outro aspeto diz respeito ao conteúdo: a vida diária e a cultura material destas pessoas e grupos” (1997: 27).

A primeira coisa que torna a História Oral diferente é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a História Oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspetos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemónicas (1997: 31).

Em relação à riqueza expressiva do registo oral, o autor refere que os “descompassos” entre a linguagem padrão e o dialeto são sempre sinal de um tipo de controlo que os expositores têm sobre a sua fala, sendo que o dialeto ocorre em situações como contar anedotas, coincidindo com um envolvimento mais pessoal do narrador. Thompson (2000: 6) menciona que:

There can be no doubt that this should make for a more realistic reconstruction of the past. Reality is complex and many-sided; and it is a primary merit of Oral History that, to a much greater extent than most sources, it allows the original multiplicity of standpoints to be recreated. But this advantage is important not just for the writing of History.

Ou seja, a História Oral também tem um propósito social e linguístico-cultural ou intercultural, no caso das histórias de mobilidade ou estudos das migrações, envolvendo a memória como instrumento de trabalho, muitas vezes a partir das histórias de vida dos iletrados ou menos escolarizados. A História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registo de narrativas da experiência humana, tendo uma abrangência multidisciplinar e sendo sistematicamente utilizada por diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais, como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Linguística, a Psicologia, entre outras. Segundo Thompson (2000), os depoimentos dos entrevistados podem ser numerosos, resultando em grandes quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva.

Existem alguns problemas levantados pela metodologia de pesquisa da História Oral, desde a reflexão teórico-metodológica à prática do trabalho de campo, da

entrevista à transcrição e do arquivo à sua conservação. Sobre o uso da oralidade como fonte, Matos e Senna (2011) citam Thompson (1992: 17):

A História Oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

Matos e Senna (2011) transcrevem um excerto de Alberti (1989) que afirma que a História Oral apenas pode ser utilizada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, que a memória dos seres humanos alcance, entrevistando pessoas que dele participaram, como atores ou como testemunhas, mas, com o passar do tempo, as entrevistas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos.

A importância da transmissão oral era já reconhecida pelos antigos gregos, cujo passado é sobejamente conhecido. Tal como na Grécia Antiga, de onde advêm dúvidas em relação à pertença de várias obras e documentos, precisamente devido a algumas lacunas geradas pela transmissão oral, como é o caso dos relatos da *Ilíada* e da *Odisseia*, narrativas atribuídas a Homero, hoje existem algumas questões relacionadas com a “ilusão biográfica”. Este conceito aborda a temática da construção biográfica, que, por ser dotada da percepção e vivência pessoal, está sujeita à adulteração, isto é, à modificação da informação, pela passagem do tempo. De facto, e de volta à Antiguidade Grega, é interessante notar que os termos “*mythos*” (mito) e “*istoria*” reportam ambos ao termo de “narração” ou “narrativa”. A este respeito, Passerini (1993: 29) acrescenta: “À primeira vista, a relação entre mito e história parece ser a mais adequada para descrever o complexo espaço da história oral”. O conceito de “ilusão biográfica” está presente em Wengraf *et al.* (2000: 1), que o descreve como: “uma mudança “subjéctiva” ou “cultural” na qual os significados pessoais e sociais, como bases de acção, ganham maior proeminência”, o que é natural, uma vez que:

A memória envolve um processo de selecção do inconsciente [que] determina o que é lembrado e que é reprimido; para os investigadores é tão importante quanto o que é lembrado como o que não é lembrado. A ausência não pode ser interpretada como o esquecimento ou perda de memória e uma mera reprodução da realidade passada (Sellarés, 2009: 75).

Embora possam ocorrer situações em que as informações prestadas por um informante não correspondam a documentos oficiais e/ou comprovadamente válidos para a época, assumem igualmente um papel preponderante no material histórico, através de uma perspectiva pessoal da realidade. Dito isto, é imprescindível reconhecer que os relatos de memória são um autêntico resgate histórico, na medida em que é através deles que é possível conhecer as mudanças e os progressos das sociedades humanas.

No que diz respeito à relação entre a memória e a imaginação, que têm a mesma origem, porque lembrar e inventar estão associados, Matos e Senna (2011) referem o que diz Le Goff:

Os gregos antigos fizeram da memória uma deusa (Mnemosine), inspiradora das artes liberais como a História, a Dança, a Astronomia e a Eloquência. Com base nessa construção, vemos que a História é filha da memória e irmã das musas guardiãs da poesia e dos poetas, responsáveis no mundo antigo por eternizar a idade das origens, ressignificando-a (Matos e Senna, 2011: 96-97).

Freitas (2006: 103) cita Maria Teresa Nabão, que concorda com Le Goff, sobre a memória enquanto objeto principal no trabalho com as fontes orais:

O estudo é recuperado por intermédio da memória das testemunhas. A memória é a base constituidora da oralidade. (...) Ela, apesar de sempre atual, não apresenta precisão, pois está constantemente ajustada às crenças e imaginários dos indivíduos. Assim, a fonte oral pode ser confrontada com outros tipos de documentação e analisada não apenas como uma complementação do documento escrito nos estudos históricos, uma vez que ambos os documentos produzem informações sobre as transformações das sociedades humanas.

Neste sentido, a História Oral é uma prática muito antiga, intimamente ligada aos contos populares, ao universo da comunicação humana. Para Matos e Senna (2011), a História Oral procura registrar e, portanto, perpetuar impressões, vivências, lembranças, dos indivíduos que se dispõem a compartilhar a sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

Estes relatos de emigrantes que partiram em busca de melhores condições de vida estão carregados de informações históricas, geográficas, linguísticas e socioculturais que, se não fosse a sua transmissão oral, ter-se-iam perdido:

A riqueza inegável que possuem fontes orais é que em numerosas ocasiões revelam fatos desconhecidos ou ignorados aspetos de fatos desconhecidos de certos grupos ou regiões da população que não é possível investigar através de documentação existente na história tradicional (Sellarés, 2009: 75).

Recorde-se que a maior parte da emigração para a África do Sul, no século XX, foi empreendida por indivíduos com baixos níveis de escolaridade e que apenas podem usar a fala para relatar as suas vivências. Desta forma, as fontes orais “permitem, de uma forma organizada, o conhecimento e compreensão de valores sociais, religiosos e educacionais, normas, comportamentos veiculados por esta oralidade” (Bueno, 2008: 1).

Os primeiros a emigrar eram usualmente adolescentes ou jovens adultos do sexo masculino que pretendiam criar condições para formar uma família e estabelecer uma vida, atravessavam a fronteira “a salto”, como muitos referem, em direção à África do Sul, a maior parte das vezes de forma ilegal, através do pagamento de somas monetárias elevadíssimas a desconhecidos (os chamados “passadores”) que, por sua vez, em algumas ocasiões, os burlavam e denunciavam após a travessia, para receberem dinheiro pela denúncia. É assim que, através do relato oral destes homens, é possível conhecer a realidade que milhares de madeirenses experienciaram e que nunca é transmitida por mulheres, uma vez que a emigração feminina ocorria, quase sempre, após a masculina e, conseqüentemente, de uma forma mais fácil e segura, visto que os noivos ou maridos organizavam a viagem destas quando já tinham os direitos de permanência no país de acolhimento, enquanto mulheres casadas muitas vezes por “procuração” ou com visto de turismo, como num dos casos relatado nas entrevistas, em que o casamento não podia ser feito na Madeira, pelo facto de o jovem ter fugido ao serviço militar, casando-se lá. Observe-se, a este propósito, a descrição da emigração para a África do Sul, feita ao documentador (D), por um locutor (L) do sexo masculino (informante 12) e um do sexo feminino (informante 1).

Informante 12:

D: Mas o senhor... O senhor Manuel quando passa pela África do Sul vai a pé? Lembra-se... Pode-me descrever [descrever-me]... Lembra-se como é que foi a passagem?

L: Ia-se [íamos] de carro até à fronteira... A depois [depois] passava-se [passávamos] num arame...

D: Por baixo do arame?

L: Sim senhore [senhor]... Ia-se [íamos] com cuidado... Nã [não] se podia nem fumare [fumar]... Por causa dois [dos] cachorros... Qu'eles [que eles] tinham [tinham] cachorros lá na fronteira...

D: Sim...

L: [Pa [para] dar sinal... A gente [nós] passoua [passou/passámos] à fronteira... Po [para o] outro lade [lado]...

D: Exato...

L: Pa [para] ire [ir] p'ra [para] a África do Sule [Sul]... Adepois [depois] de 'tare [estar] na África do Sule [Sul]..

D: Já não havia problema...

L: Já não havia problema...

Informante 1:

L: Sozinha mais [com] uma cunhada e claro que me acompanhou também, foi prá [para a]...

D: [África do Sul.

L: Com um irmão... Um irmão de [do] meu maride [marido], também. Fomos as duas... Eh... Portante [portanto] casaram ... Por [porque] casamos de [por] procuração.

Os relatos de memória, na forma de histórias de vida, remetem-nos para a importância da língua falada e da “história do si” ou “história do eu”, método de memória biográfica, havendo uma estreita ligação entre História Oral e identidade, pois a memória, associada à história de vida, é um elemento constitutivo da identidade. Neste caso, o sentimento de pertença a uma comunidade que partilha um passado e história comum. Como afirma Bueno (2008: 3), “A cultura conduz à aproximação entre o presente e o passado, e nos reporta ao futuro, acentua a função de produtividade que requer um domínio sistemático do homem sobre a matéria e sobre outros homens”. Por sua vez, a identidade não pode existir sem a memória: a consciência dessa mesma partilha cultural. Desta forma, sempre que um informante faz um relato oral está a evocar situações concretas da sua memória e a revivê-las; mais do que isso, está a provocar uma revivência conjunta, já que o ouvinte revive o momento com a mesma intensidade. Daí que Bosi (2003: 22) afirme que “recordar é sempre um ato de criação” e, comumente, diz-se que “recordar é viver”. Ouvir estes relatos é ser-se testemunha em simultâneo de um tempo ido e de um tempo atual, uma vez que o ato de recontar implica a percepção atual do ouvinte sobre esse acontecimento.

Neste ato de contar, o discurso assume um papel crucial no estabelecimento de relações produtivas entre os indivíduos, ao mesmo tempo que fortalece os laços da identidade que têm em comum. Simultaneamente à ação de contar, assiste-se a uma outra, que Portelli (1985) destaca: a “arte de ouvir”. De facto, o autor propõe um conjunto de relações entre a história oral e a chamada “arte da escuta”:

A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo); - a relação entre o tempo em que o diálogo ocorre e o tempo histórico discutido na entrevista (memória); - a relação entre a esfera pública e a esfera privada, entre autobiografia e história - entre, poderíamos dizer, História e história; - a relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador.

No primeiro ponto, a relação entre o entrevistado e o entrevistador é necessário ter em consideração a proximidade de um em relação a outro. Certamente será mais fácil abordar certas temáticas, como por exemplo, dificuldades ou situações pessoais com alguém que já conhecemos do que com um desconhecido ou, por vezes, o inverso. É necessário ainda ter em consideração a relação entre o tempo do “reconto” e o momento da ação, uma vez que podem ocorrer alguns lapsos. No entanto, a memória biográfica, embora por vezes fragmentada, aproxima-nos sempre mais desse património cultural passado que temos em comum: “Os esquecimentos, omissões, silêncios, lapsos, lágrimas dos entrevistados são o selo da autenticidade” (Bueno, 2008: 3). Quanto à esfera privada e pública, é importante ter em mente, ao conduzir a entrevista, que o informante não tem que explorar todos os assuntos conduzidos da forma que o entrevistador pretende, mesmo que sejam tópicos fundamentais para a investigação em estudo. Por fim, a relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador está relacionada com a responsabilidade da narração. Portelli (1985: 5) relembra que a narração passa pelo mesmo processo fragmentado da memória, ou seja, não se trata de textos exemplarmente organizados a nível de ideias e conteúdo. Na realidade, falar de narração não é evocar um processo finalizado, mas um processo em construção e, uma vez que a memória é também um processo em construção, influenciado pela percepção atual dos narradores, estes têm a responsabilidade de transmiti-la o mais fielmente possível; tal como o entrevistador tem a responsabilidade de abrir um espaço de narração que permita ao narrador esboçar as suas ideias livremente. Neste caso, como se trata de um estudo linguístico e sociocultural, damos ênfase à relação entre a língua falada do entrevistado e a sua transcrição grafemática, por parte do linguista, da

amostragem de entrevistas que constituem o *corpus* para a sua investigação, análise de forma e de conteúdo ou temática.

Antes de proceder à análise do *corpus*, na sua constituição, o investigador deve ter em consideração a questão ética dos dados pessoais, através do termo de consentimento livre e esclarecido, para a autorização de gravação e de divulgação das informações fornecidas pelos entrevistados. O termo de consentimento livre é um documento, para efeitos de investigação, que deve ser preenchido pelo informante e em que este fornece as suas informações pessoais, tais como: nome, data de nascimento, morada, habilitações académicas, estado civil, entre outras e declara que permite a recolha, gravação e tratamento de dados da entrevista de forma parcial e/ou total, podendo ainda optar pela escolha de um nome fictício ou anonimato. Quando trabalhamos com dados empíricos da oralidade com base na sua transcrição, é importante guardar a gravação da narrativa do entrevistado e ter em conta a subjetividade da mesma, dado que a fala pode transmitir muito além de certas intenções discursivas expressas pelo locutor. Daí que Portelli (1985: 6) afirme: “A oralidade, então, não é apenas o veículo da informação, mas também um componente do seu significado”.

Perante o acima exposto, procedeu-se à realização de entrevistas a catorze informantes que emigraram para a África do Sul, de forma a registar as suas histórias de vida, vivências e opiniões. Numa fase preliminar, foram recolhidas algumas informações sobre a emigração madeirense para a África do Sul, a partir da década de 1960, e para cada um dos entrevistados foi preenchido um pequeno formulário com os seus dados pessoais e socioculturais (nome, data de nascimento, naturalidade, escolaridade, estado civil e profissão), antes da gravação áudio da entrevista. Os termos de consentimento livre foram entregues, preenchidos e devolvidos por cada um dos informantes que forneceram elementos informativos acerca da vida rural, parentescos, infância, escola, ocupações, religião, rotinas, casamentos, emigração, entre outras questões que constam de um guião de entrevista previamente elaborado. Os informantes cujas fichas de consentimento de gravação e divulgação dos dados pessoais não se encontram devidamente assinadas pelos próprios, correspondem ao primeiro modelo de formulário utilizado no projeto “Nona Ilha”, que ainda não previa esta formalização, embora a mesma tenha sido dada oralmente. Com base nos dados pessoais fornecidos nas entrevistas, foram elaboradas as histórias de vida dos entrevistados, assim como as fichas das entrevistas, onde é possível verificar os momentos (minutos e segundos) em

que cada informante fala sobre as diferentes temáticas, para facilitar a sua localização nas faixas de gravação.

2. As entrevistas, a sua transcrição e a análise de forma e temática

Um método é um modo de recolha e/ou de análise das informações, destinado a testar hipóteses de investigação. Este é muito importante principalmente quando se trata de um estudo empírico, observação ou recolha e análise de dados concretos no seu contexto real, e deve ser inspirado numa reflexão teórica adequada, revelando elementos de compreensão que se afastam das evidências comuns. Logo, o valor científico do trabalho empírico, que nunca é um cenário de investigação linear, para Quivy e Campenhoudt (2005), está na coerência com a reflexão teórica que o fundamenta. Deste modo, o rigor científico não consiste nos pormenores da aplicação dos procedimentos ou pressupostos metodológicos utilizados, mas sim na coerência do conjunto do processo de investigação.

O método das entrevistas constitui um dos modos de recolha das informações para análise de dados empíricos. Partindo da pergunta de partida, faz-se a exploração ou as leituras e as entrevistas exploratórias para a construção da problemática, definindo o modelo de análise, de acordo com os objetivos do estudo. Depois, a investigação chega ao momento da verificação, ou seja, a observação, que conduz à análise das informações e às conclusões. Pois, o estatuto científico da pesquisa só é garantido pela verificação dos factos, segundo Quivy e Campenhoudt (2005).

Deste modo, a observação engloba, conforme Quivy e Campenhoudt (2005), o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis. Os dados observáveis são uma amostra de comportamentos de um conjunto de relações sociais, neste caso uma amostra de histórias de vida representativas da população madeirense que emigrou para a África do Sul. A recolha dos dados é uma das fases de execução da etapa da observação. Esta operação consiste em reunir as informações que são recolhidas junto das pessoas que constituem a amostra. No caso das entrevistas realizadas aos emigrantes madeirenses por meio de um guião de entrevista, utiliza-se a observação indireta. Por isso, o uso das entrevistas como meio de recolha dos dados requer o método complementar da análise de conteúdo ou mais especificamente de

análise temática, principais métodos de investigação em Ciências Sociais que possibilitam o estudo qualitativo das informações.

Desta forma, no estudo qualitativo, existem dois grandes tipos de análise e de tratamento dos dados: a análise do conteúdo (Bardin, 2003) e a análise temática (Paillé, 1996). A primeira consiste, basicamente, no estudo das palavras e dos seus significados, fazendo-se uma contagem da frequência de termos e de ligações lógicas que permitem recuperar os elementos importantes, significativos, recorrentes e mesmo ausentes, existindo programas informáticos para esse fim. A segunda serve para separar os temas presentes no *corpus* para fazer a sua análise, sendo uma abordagem que visa interpretar e teorizar fenómenos linguísticos, mas também socioculturais. Optou-se por este tipo de análise porque inscreve-se num conjunto de métodos de pesquisa qualitativa caracterizada pelo recurso a métodos e técnicas de abordagem direta do sentido dos fenómenos humanos e sociais, sem ter de passar pela quantificação. Além disso, o *corpus* está estruturado porque as entrevistas podem ser segmentadas por temas como: família, infância, rotinas, emigração, viagem, instalação e adaptação ao país de acolhimento, ilha, regresso. Posto isto, a análise destas temáticas, segundo uma lógica interpretativa e comparativa da língua falada e das histórias de vida dos entrevistados, tem por objetivo dar sentido às informações recolhidas, sistematizando-as.

As informações recolhidas dependem das perguntas que figuram no instrumento de observação, existindo interdependência entre a observação e a análise dos dados. O método das entrevistas distingue-se dos outros pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Quando corretamente utilizados, permitem ao investigador retirar das entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e variados. O método das entrevistas caracteriza-se por um contacto direto entre o investigador e o locutor, acontecendo uma troca de informação em que o informante exprime as suas perceções sobre um acontecimento ou uma situação, as suas experiências e interpretações, neste caso da sua própria história de vida. As perguntas abertas, de acordo com os objetivos da investigação permitem que o locutor seja autêntico e aprofunde as temáticas em estudo. As intervenções do documentador contribuem para a recolha de elementos de análise tão fecundos quanto possível.

Neste estudo, foi utilizado o método da entrevista semiestruturada, que é o mais utilizado na investigação em Ciências Sociais. Para a recolha de histórias de vida, geralmente, é usado um método de entrevista aprofundado e pormenorizado, de modo a reconstituir experiências ou acontecimentos biográficos do passado. Neste caso,

também foi seguido um questionário ou guião da entrevista, para a estruturar e facilitar a comparabilidade dos dados, mas flexível, na medida em que não é inteiramente aberto, mas também não é rigidamente estruturado com um grande número de perguntas precisas, não sendo obrigatório colocar todas as perguntas pela ordem do guião, o que dá liberdade ao entrevistado para se exprimir livremente, de acordo com Quivy e Campenhoudt (2005). No caso de divagação, o documentador pode redirecionar o locutor, sempre que necessário, para os objetivos da investigação.

As principais vantagens deste método são o grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos e a flexibilidade que permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando a sua linguagem e quadro mental de valores e atitudes. Os limites e problemas são a própria flexibilidade do método que pode dificultar a estimativa correta do desempenho do investigador na realização das entrevistas, pois as entrevistas ao contrário dos inquéritos por questionário não se apresentam ordenadas num modo de análise definido. A análise dos dados de uma entrevista, segundo Quivy e Campenhoudt (2005), deve ter em conta a elucidação das perguntas do investigador, a relação de troca e o âmbito da entrevista, que induzem as formulações do interlocutor, não podendo ser consideradas independentemente do contexto de comunicação.

Quivy e Campenhoudt (2005) salientam que, em investigação social, onde se incluem os estudos linguísticos, as entrevistas permitem observar muitos elementos de informação e de reflexão, que devem ser objeto de uma análise sistemática de conteúdo ou temática. Ou seja, o investigador deve descrever e agregar as informações, analisar as relações entre as variáveis e comparar os resultados observados com os resultados esperados, interpretando as diferenças. O *corpus* de dados, enquanto conjunto de informações estruturadas, com elementos temáticos semelhantes, que serão categorias de análise, permite conhecer as relações existentes entre eles, dando uma descrição abrangente do objeto de estudo, neste caso a emigração madeirense para a África do Sul. O tratamento dos dados precede e permite a sua interpretação. Para Mucchielli (2006), este duplo trabalho mobiliza vários processos intelectuais, tendo por base a comparação, a generalização, o pôr em relação e a construção correlativa de formas e de sentidos, através da utilização dos processos anteriores.

Quanto aos resultados, Quivy e Campenhoudt afirmam que, no que se refere à análise das informações, a realidade é mais rica e mais variada do que as hipóteses elaboradas a seu respeito. Quer dizer, uma observação séria revela frequentemente

outros factos além dos esperados e outras relações que não devemos negligenciar. Por conseguinte, a análise das informações tem uma segunda função: interpretar estes factos inesperados e rever ou afinar as hipóteses, para que, nas conclusões, o investigador possa sugerir aperfeiçoamentos do modelo de análise ou propor novas pistas de reflexão e de investigação. Nesta pesquisa, os resultados obtidos resultam da análise de forma, estudo linguístico do *corpus* da língua falada em uso ou em interação, e da análise temática, estudo sociocultural dos temas do quotidiano.

Dada a importância do *corpus*, para se proceder à sua análise, comparação, interpretação e sistematização dos dados, é fundamental a transcrição ou passagem das entrevistas do registo oral para a escrita. Ou seja, aquilo que se ouve de outrem, é tarefa da maior responsabilidade, uma vez que envolve não só ser capaz de entender *o que é dito* como a forma *como é dito*: “A transcrição não é uma atividade rotineira. O transcritor trabalha na qualidade de analista, deparando-se frequentemente com trechos de gravação passíveis de várias transcrições” (Binet, 2012: 2). De facto, é necessário levar em consideração a subjetividade da transcrição. Aquilo que um transcritor pode entender como uma declaração pode ter uma tónica de interrogação, ainda que não devidamente expresso pelo locutor, e poderão surgir algumas incompatibilidades quando são as mesmas entrevistas são transcritas por transcritores distintos. Assim que cada segmento da transcrição é o resultado o mais aproximado possível dos dados presentes na gravação (seja ela áudio ou vídeo).

As transcrições ostentam marcas gráficas que identificam a pertença dos autores à comunidade científica dos analistas da conversação. Um membro da comunidade sabe reconhecer logo a pertença ou não de um colega a esta mesma comunidade, olhando pelas transcrições que produz (Binet, 2012: 4).

Um dos cuidados a ter, aquando do trabalho de transcrição está relacionado com o excesso de zelo, isto é, apesar de parecer ser um trabalho aparentemente mecânico, é necessário ter cautela para não imprimir na transcrição qualquer tipo de marca pessoal. Isto inclui não acrescentar nada que não esteja lá, mas, ao mesmo tempo, incluir tudo o que lá esteja:

O transcritor não deverá ser zeloso ao ponto de tentar resolver todas as lições, principalmente quando estas lhe são totalmente incompreensíveis. Por outro lado, não deverá subtrair elementos do texto, ainda que sejam geradores de confusão e dificultem a inteligibilidade (Ramilo e Freitas, 2002 : 1).

Porém, as transcrições grafemáticas das entrevistas devem garantir a coerência e a unidade frásica do que foi dito e como foi dito, ou seja, o rigor necessário para o estudo fonético, lexical, semântico, morfossintático e mesmo pragmático da língua falada. Ou seja, a análise de forma é inseparável da análise temática e esta depende daquela. Por conseguinte, aplicaram-se as normas de transcrição grafemática ou ortográfica, que apresentamos abaixo, para garantir o rigor científico e a comparabilidade dos dados, mas também a sua inteligibilidade.

Normas de transcrição das entrevistas

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos.	()
Hipótese do que se ouviu.	(hipótese)
Truncamento de palavras por interrupção discursiva.	/
Qualquer pausa	...
Pausas preenchidas	Ah, eh, mmh, ih, oh, hum, uh, ahn, ehn, uhn, tá, né, ó [olha], etc.
Discurso direto ou citações em modo de discurso direto, entre aspas, introduzidos por dois pontos.	Eu disse: “Onde foste?”.
O uso dos dois pontos também introduz uma enumeração, descrição ou explicação.	:
Entoação enfática	MAÍUSCULAS
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))
Antes da fala do entrevistador = Documentador	D: (se houver mais de um: D e D2)
Antes da fala do informante = Locutor	L: (se houver mais de um: L e L2)
Sobreposição ou simultaneidade de vozes, como não podemos sobrepor as falas na escrita, usamos um sinal para ligar as linhas.	[
Transcrição das palavras contraídas, sincopadas ou com alterações fonéticas, tal como são pronunciadas, apresentado as formas completas ou normativas logo a seguir, entre parêntesis retos.	[]
As formas verbais também são registadas como pronunciadas, com a forma corrigida entre parêntesis retos, assinalando a itálico as alterações fonéticas.	[]

Colocar entre parênteses retos também a correção da posição dos clíticos e as concordâncias verbais e nominais.	[]
Acrescentar algum elemento gramatical em falta	[]
Os elementos gramaticais desnecessários são assinalados entre barras oblíquas, por interferência de outra língua ou por confusão.	//
Colocar em itálico os empréstimos, mas também as letras que marcam alterações fonéticas do dialeto madeirense ou de formas populares.	<i>itálico</i>

Quadro 1: Normas de transcrição das entrevistas.

3. O *corpus* como instrumento de estudo linguístico e sociocultural

No âmbito do trabalho com fontes orais, a Linguística de *Corpus* é a disciplina que se ocupa da recolha e análise de *corpora* orais ou escritos e surgiu da necessidade dos linguistas se apoiarem em usos reais da língua para descreverem evidências linguísticas, permitindo fazer generalizações ou esboçar teorias sobre o funcionamento linguístico, nomeadamente sobre a variação e a mudança linguísticas. A Linguística de *Corpus* contemporânea caracteriza-se pelo tratamento eletrónico dos *corpora* com o auxílio de ferramentas computacionais. Para Berber Sardinha (2000), um *corpus* deve ser constituído com dados autênticos (não inventados), legíveis por computador e representativos de uma língua ou variedade da língua que se deseja estudar. Trata-se de uma abordagem empirista, contrária à abordagem racionalista, do ponto de vista linguístico, tendo como ponto central a noção de linguagem enquanto sistema probabilístico. Posto isto, entende-se por texto uma amostra de linguagem falada ou escrita delimitada segundo os critérios de compilação do *corpus*. Sinclair define este como “uma coletânea de textos naturais (‘naturally occurring’), escolhidos para caracterizar um estado ou variedade de uma língua” (Sinclair, 1991: 171). Sanchez (1995: 8-9) explicita o mesmo conceito como:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos) sistematizados segundo determinados critérios suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum dos seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise

Segundo Sanchez (1995), esta definição é a mais completa porque incorpora vários pontos importantes: a) origem ou naturalidade dos dados que devem ser autênticos e não fabricados; b) propósito, o *corpus* deve ter a finalidade de ser objeto de um estudo linguístico; c) composição, o conteúdo do *corpus* deve ser criteriosamente escolhido (com critérios de seleção definidos de forma científica ou objetiva); d) representatividade, o *corpus* deve ser representativo de uma língua, variedade ou linguagem de especialidade (com proporcionalidade de determinado número de palavras ou de textos); e) extensão, o *corpus* deve ser vasto para ser representativo; f) adequação, o *corpus* deve ser adequado aos objetivos da análise linguística, ou seja, deve ser construído com determinadas características que permitam investigar determinada questão linguística; g) formatação, os dados do *corpus* devem ser legíveis por computador. Assim, há que cumprir um conjunto de requisitos de forma a garantir a validade e a confiabilidade do *corpus* que servirá à investigação em foco. Para Sanchez (1995), esses requisitos são: autenticidade, representatividade, equilíbrio, amostragem, diversidade e tamanho (segundo Kennedy, 1998; Biber; Conrad; Reppen, 1998; Renouf, 1998 e Sinclair, 2005). Um *corpus* linguístico também serve para fazer estudos noutras áreas do saber, como Sociologia, Antropologia Cultural, História Oral, etc. Assim como um *corpus* destas áreas também pode ser usado como *corpus* linguístico, como é o caso do *corpus* de História Oral do projeto “Nona Ilha”. A Linguística de *Corpus* pode ser vista como uma metodologia aplicada livremente enquanto instrumento de trabalho em várias disciplinas, sem mudar a orientação teórica destas, embora também seja vista como uma abordagem ou perspectiva de estudo da linguagem e mesmo como uma disciplina, visto que produz conhecimento novo que não é adquirido com o uso de outras ferramentas e de outros pressupostos teóricos, desde a compilação do *corpus* à descrição da linguagem, permitindo a análise qualitativa dos dados.

Tanto a abordagem da História Oral como a metodologia da Linguística de *Corpus* possibilitam fazer não só investigação qualitativa mas também quantitativa dos dados recolhidos nas entrevistas. No caso do projeto “Nona Ilha”, e em particular no que diz respeito a este estudo linguístico e sociocultural, interessa-nos não só a análise formal da língua falada mas também a análise temática, enquanto investigação qualitativa. Gonçalves e Lisboa (2007) sublinham a importância da pesquisa qualitativa, cada vez mais valorizada nas Ciências Sociais, traduzindo o universo de significados, representações, crenças, valores, atitudes, aprofundando um lado não perceptível das relações sociais e permitindo a compreensão da realidade humana vivida socialmente.

Assim, a metodologia qualitativa é um contributo fundamental para as Ciências Sociais, sendo sobretudo muito eficaz nas áreas e campos temáticos em que faltam fontes de informação acessíveis e organizadas. Como as investigações qualitativas geralmente produzem grande quantidade de informação descritiva, a sua organização e sistematização é muito importante. A análise de conteúdo e/ou temática oferecem a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade (Quivy e Campenhoudt, 2005). Segundo Bento (2016: 23):

No processo de análise de conteúdo, não há regras pré-estabelecidas para a definição de unidades nem de categorias. Cada análise de conteúdo é distinta de todas as outras, não havendo por isso possibilidade de se definirem critérios universais. As categorias são classes ou argumentos de unidades de conteúdo, organizadas em conformidade com as características comuns dessas unidades.

Já existem diversos programas informáticos de tratamento de dados qualitativos, que facilitam muito a complicada e demorada tarefa da técnica tanto da transcrição como da análise de conteúdo e/ou temática das entrevistas. Porém, nesta investigação, não foram utilizados recursos informáticos, por se tratar de uma amostra de histórias de vida com uma quantidade de informação não excessivamente extensa. O tratamento manual dos dados tem a vantagem de dar ao investigador um maior e mais profundo conhecimento do que transcreve e analisa. A amostra é constituída por catorze entrevistas de informantes que forneceram informações que compõem um *corpus* de análise constituído por, aproximadamente, 132637 palavras e foram registadas apenas em áudio.

Capítulo II - Estudo linguístico do *corpus* da língua falada em uso ou em interação

Neste capítulo apresenta-se a análise linguística da língua falada em interação nas entrevistas realizadas aos catorze informantes que constituem a amostra de emigrantes madeirenses que tiveram ou têm a África do Sul como país de acolhimento. Começamos por estudar as questões fonéticas, seguindo-se as questões lexicais e, finalmente, algumas questões morfosintáticas presentes na fala dos entrevistados, a partir da sua transcrição ortográfica ou grafemática.

1. Análise Fonética

1.1. Características da oralidade

Na análise fonética, podemos observar diferentes elementos que caracterizam a língua falada, como os fenómenos da oralidade, por exemplo: a) hesitações, b) reformulações, c) repetições, d) truncamentos, e) contrações de vogais ex: pao = para o, f) aférese ou queda de som ou sílaba átona no início da palavra e g) elipse de vogais ex: p'la = pela),

No que diz respeito aos fenómenos da oralidade, é possível encontrá-los em todos os discursos dos informantes:

a) Hesitações:

Informante 1:

- i) Com um irmão... Um irmão de [do] meu maride [marido], também. Fomos as duas... eh... Portante [portanto], casámos de [por] procuração.
- ii) Eh... pronte [pronto], também foi o [um] namoro por cartas.
- iii) Eh... Nesse espaço... A minha cunhada tinha... O meu irmão tinha casado há pouco tempo...
- iv) “Olha, [o] melhor vamos [é irmos] embora, vamos dizer ao pai para se ir embora”. Eh... O meu pai *antão* [então] disse: “Vai chamar um *taxe* [táxi], então, que eu fico aqui esperando”. Aqueles carros de... De ... Como é que se chama?... Na altura era de aluguer...
- v) Prontes [Pronto], o meu pai aceitou, veio pôr a casa... sim senhor... Eh... A minha irmã já... Uma tinha namorada [namorado], tinha namorado... Eh...

- vi) E prontes [pronto]... e então... eh e claro que ele sabia que tinha uma menina segura p'ra [para] ele. Doutor Jaquim [Joaquim] de Sant/... Eh... Doutor já é falecido e não sei...
- vii) Foi, aqui o... chama-se [chamava-se]... era o Vapor do Cabo?

Informante 2:

- i) Ah... Eh... No domingo, eu fui à igreja, como de costume, com a minha mãe, mal sabia /de/ que tava [estava] al... alguém [a] me espreitar. ((risos))
- ii) Eh... E claro era de botas, qu'a [que a] gente [nós] s'ia [íamos] p'rá [para a] serra buscar lenha e vinha-se [vínhamos] assim co [com o] meu pai, e ele vem ao nosso encontro.
- iii) Eh... E mesmo qu'o [que o] meu pai, imaginemos qu'o [que o] meu pai me viesse: "Olha, não sei quê...". E depois ficamos uma semana de lua-de-mel aqui no Funchal também no... Também na...
- iv) Eh... Eu... eu vim e o meu pai disse: "Olha, aqui está o rapaz qu'eu [que eu] falei, Manuel coisa". Ele veio... deu-me uma... uma *mãozada* [aperto de mão] muito apertada, ((risos)) apertou a minha mão com muita força...
- v) É, *inda* [ainda]... Agora já está... mas ele era muito bonito, é... Eh... Eh... É pena qu'eu [que eu] esqueci-me [me esqueci] de trazer a fotografia dele...
- vi) E eu queria... eh... que [a] minha mãe não se sentisse triste e eu cantava o cântico do Teixeira à minha mãe. ((risos))
- vii) Bem, eu não continuei, tamém [também] com a minha vida na África do Sul... eh... Tivemos [estivemos]... é claro, em Durban, três anos...

Informante 3:

- i) Portanto, eu nasci a trinta do dez de cinquenta e um... eh... mais propriamente dito na... na... Ponta do Pargo, Sítio do Amparo... eh... Portanto, na altura qu'eu [que eu] nasci, o meu pai já era emi... já tinha emigrado...
- ii) Não estava presente... eh... Ele esteve lá durante uns anos e... Portanto, no regresso do, potanto [portanto], do meu pai... eh... ele decidiu que também não ia regr... eh... eh... emigrar mais, por várias razões: tinha sido atacado também lá e roubado...
- iii) E, portanto, inclusive trouxe algumas... eh... amostras daqui/ho [daquilo] que lhe tinha [tinham] feito... do... Por exemplo, amarraram-lhe as mãos com um... com um rádio... com um fio do rádio...
- iv) E trouxe-me aqui/ho [aquilo] e aqui/ho [aquilo]... eh... parece que não, mas comoveu-me...
- v) Infelizmente, já existia... Já existia, porque eles moravam... Portanto, ele trabalhava no meio rural... eh... o... no... mais propriamente... no... no... Portanto, no... nas... nas... nas terras... E... eh... portanto, tinha um [uma] pequena casita [casinha].
- vi) Mas, entretanto, as circunstâncias também não era [eram] assim muito fáceis na nossa terra, como na altura... eh...
- vii) Tenho muitas memórias... por exemplo... Portanto,... eh... éramos três irmãos, neste caso... eh... eh... eu era o mais velho... Portanto, praticamente vivia com a minha mãe... E, portanto,... ah...

Informante 4:

- i) Daí pa [para] a frente... eh... Tinha a terceira classe... com catorze anos já não era autorizado nesses anos...

- ii) Essa viagem... eh... Durante a noite, havia um guia...
- iii) Foi... A firma começou a pagar bem, foi o que me fez mal... E eu continuei a trabalhar ca [com a] firma ((riso)) porque pagavam [pagavam] bem... Se pagasse [pagassem] male [mal], talvez eu tivesse deixado... eh... ou tido alguma coisa por conta própria...
- iv) E... Eh... Entretanto vim à Ilha...
- v) Muito fraquinhos... E... eh... Então, dois resolveram ir p'rá [para a] Inglaterra...
- vi) Eh... Os dois foram p'ra [para] lá trabalhar na hotelaria... São recepcionistas [reccionistas]...
- vii) Só não foge, pa [para] não ire [ir] à guerra, quem não usa... Eh...

Informante 5:

- i) Eu nasci, portanto, na freguesia do Monte... e... eh... Fui criade [criado] de criança, que o meu pai era fazendeiro, na Quinta do Alemão. Era conhecido o senhor Gesche, que era no Caminho dos Saltos...
- ii) Era... eh... A primeira não, que eu já... Antigamente havia...
- iii) Fiz a quarta classe... E como era um filho único... eh... Pronto... Eu tenho uma prima que morava em São Roque, que era novinha... Eu tinha os meus doze, ela já devia de ter os seus vinte e poucos...
- iv) Era. Antigamente, a gente [nós] pa [para] termos uma vida tínhamos que emigrar... Porque a vida aqui... é [era]... eh... é [era]... Como se sabe...
- v) Moral da história, [o] meu pai tinha construído a casa... eh... com dois quartos, cozinha, casa de banho com água quente, fogão que aquecia a água... eh...
- vi) Eh... Ele construiu a casa... Eu saí em sessenta... a nove de janeiro de sessenta e cinco pá [para a] África do Sul... E já saí com a casa ali... Eu penso que ele construiu a casa uns dois anos antes...
- vii) Porque *aquilho* [aquilo] ali... Eu lembro-me que o meu pai trabalhou um ano... um ano ou pouco... ou mais... que... eh... eh... A... a Alemanha tinha dificuldade, não mandava dinheiro pa [para] o senhor Gesche... não pagava o trabalhador...

Informante 6:

- i) Eh... Ere [eram]... Nós somos... eh... oito irmãos... Praticamente, um faleceu... Infelizmente, um faleceu... *sêmes* [somos] sete...
- ii) Eh... muito pouco... Era uma freguesia, come [como] sabe, lá no Norte da ilha... do Norte da ilha... E... *erum* [eram] praticamente, o pessoal era todo pobre, posso dizere [dizer]...
- iii) Embora tivesse alguns que tinham fazendas, mas tudo o que tinham... tudo o que tinham eram produtos de fazenda... eh... Havia outros que tinham umas casinhas [casas] /mais/ melhores do que *autres* [outros], mas, praticamente, era iguale [igual]... Sem água, sem luz... e... eh... sem nada!
- iv) Ah, muito, muito pobre, muito modesta, mas alegre, mas contente... Não... eh... É a tal coisa, tínhamos... tínhamos comida: *batatas* [batata-doce], *semilhas* [batatas], couves, feijão, milho, trigo... Tínhamos [tínhamos] isso tudo...
- v) E, às vezes, e às vezes... eh... Quando se queria comere [comer], não estava pronto... Não estava cozido... eh... É... é... é isso... Nesse ponto, mas, de resto, tínhamos [tínhamos]...
- vi) Sei... sei... sei que príncipe [princípio]... eh... Eu, e talvez os três irmãos mais velho [velhos] do que eu, foi assim... [o] meu pai comprou

- pao [para o] mais velho e aquiho [aquilo] ia passando pao [para o] mais antigo...
- vii) Cadernos de escrever... eh... Aquiho [aquilo]... Havia um caderno que era de escrever [escrever] o ditado, outro que era de fazer contas... E [o] meu pai comprava, come [como] era não sei...

Informante 7:

- i) Eh, nasci a dezassete de setembro... de milhe [mil] novecentos e quarenta e cinco...
- ii) Andei na escola... eh... Dei a quarta classe...
- iii) Eu não era d'escrever [de escrever] muito, mas... mas, no início, quando [quando] não havia assim maneira de... eh... telefone, era por cartas...
- iv) E temos tido oportunidade, de gente hum generosa, não é, que guardou as cartas... Que guardou cartas que recebeu e que che... e que eh hum... que escreveu...
- v) Eu... Olhe, eu, felizmente, eu escrevia pá [para a] minha mãe... pá [para a] minha mãe ou... eh... pá [para a]... pá [para a] minha sogra, era [eram] as pessoas...
- vi) Eh... S'a [se a] escola era de manhã, a gente [nós] de manhã, até à hora d'ir [de ir] pá [para a] escola, ia-se [íamos] pá [para a] fazenda... Era a nossa vida...
- vii) O meu pai... o meu pai já foi... eh... Foi regedor... uns anos... E... eh... A minha mãe, felizmente, é que fazia o trabalho dele... de...

Informante 8:

- i) Era uma questão de... hum... de... eh... necessidade... e... eh... de espaço...
- ii) O começo foi sempre por necessidades... eh...
- iii) Eh... hum... O meu pai eu sei... eh... mas os meus avós...
- iv) Hav... Eu penso que foram em... em negócios... Em coisa, porque dos seus irmãos, um veio e... trouxe as suas coisas, comprou terrenos e nunca mais emigrou. O meu avô... trouxe... eh... hum... arranjou... hum... um bom pé-de-meia...
- v) Ah, já há um bocadinho [bocado]. Já eu era... eh... nove... dez anos, onze anos...
- vi) Mas p... Eh... Mas também havia aquela hum... Não era uma ilusão era uã [uma] certeza qu'iam [que iam] viver melhor... E antes de sere [ser]... Portanto [portanto], com as experiências, por exemplo, uma das ex... das... Eu penso que... que foi a experiência, era do meu avô que trouxe um bom po... um bom pé-de-meia...
- vii) É. Exactamente. Era um bom... Era um exemplo. E... e o meu avô parda [perdeu]... perdeu metade do que tinha em... na... Quando foi a República, porque fo... eh... co... com... Investiu em te... em casas e terre... em casa, terreno, casa e terrenos eh... metade da sua... eh... coisa... E metade eh pôs ne... nos bancos e pôs eh emprestou... emprestou a pessoas e...

Informante 9:

- i) Pois, eu... eu vivi c'os [com os] meus pais praticamente a... a minha vida inteira. Ah... Fiz dois anos e meio, mais ou menos, de tropa e também vivi uns quatro aninhos [anos] em Londres eh, mas de resto...
- ii) Olhe, o meu pai... eh... O meu pai disse que foi p'ra [para] evitar um casamento qu'eles [que eles]...

- iii) Exatamente, exatamente. E ele... ele embarcou, eu não sei, mas ele já devia ter os seus trinta e se... trinta e oito anos mais ou menos. Eh... A minha tia ali a cima dizia qu'ele [que ele], no princípio, qu'ele [que ele] arrependeu-se de ter eh...
- iv) Eh... hum... A minha mãe... eh... hum... tinha... tinha tido um tio, irmão do meu avô, que tinha emigrado, ou no princípio do sécu... Já não sei, mas ele... ele já tinha casado com uma... eh... Lá a gente [nós] chama-se [chamamos] uma... uã [uma] padece [africansismo do Português], qu'ê [que é]...
- v) Uã [uma] pessoa... eh... d'origem [de origem]... eh... Uropeia [europeia], mas já nascida [nascida] lá...
- vi) Ah... É a única língua europeia que foi... eh... tem as origens fora da Europa... É o africano [africano]. Portanto, ela [ele] casou-se com uã [uma]... com uã [uma] senhora de lá e temos primos que falam mais o africano [africano] do qu'o [que o] Inglês e...
- vii) Ah... toda isto é, eh começou com esse tio ah adepois [depois] o meu... O tio Manuel foi p'ra [para] lá e, ao fim duns [de uns] anos, os... eram... eles eram seis: três irmãos, três irmãs.

Informante 10:

- i) Não, não. Os meus pais nasceram aqui na Madeira. A minha mãe é de São Vicente... O meu pai é dos Canh... eh... Ponta do Sol. E eles emigraram e eu e o meu irmão nascemos lá na África do Sul. Nós os dois nascemos lá.
- ii) Eh... O meu pai... eh... Pronto, ele... ele tinha trabalhado na força área. Ele queria... E, entretanto... eh... Ele já tinha ido à África do Sul uma vez e ele tinha amigos lá e tudo e, entretanto, recebeu uma proposta p'ra [para] trabalhar lá numa empresa de aviação...
- iii) Então, decidiram e foram... Entretanto... eh... Essa proposta de trabalhar na empresa ficou... de lado... porque os amigos dele, que ele já conhecia, que estavam lá, tavam [estavam] todos... eh... a trabalhar na parte de... do comércio.
- iv) Não, não. Foi [foram] meses. Acho que foi [foram] seis meses depois, depois de eles chegarem lá. A minha mãe engravidou cá e, entretanto, foi... eh... sim...
- v) Fazia parte da nossa vivência, essencialmente... eh... Cada sexta, a primeira sexta do mês, íamos à igreja. Eh... Fazia parte da escola, já que era uma escola católica.
- vi) Eh... Quando eu tinha por volta de dezasseis... dezassete anos, eh... nós chegámos a ir algumas vezes...
- vii) Eh... Exatamente. A idade da parva... eh... Eu não gostava porque achava que era um pouco foleiro... E era para ouvir... E eles convidavam... eh... tipo [o] Jorge Palma. E eu, para mim, não gostava de ouvir aquela música... Para mim era... Não gostava...

Informante 11:

- i) A *dama* [dam/barragem]... eh... uma... aqui a gente... eh... É uma *dama* [dam/barragem] de água...
- ii) Na fronteira, deram-lhes outra vez sinais de luz para os outros passadores de lá eh... por causa d'eles [de eles] não tornarem [voltarem] a ser preses [presos], pa [para] eles [não] vir [virem] pa [para] trás para Moçambique.
- iii) Ele também já morreu... eh... que ele era dos Prazeres. Forem *no* passarem [foram passá-lo] na fronteira. Eh... Escute... E muitos também

- caminhavam [saíam] de Moçambique e já não chegavam à África do Sul...
- iv) Uma miséria e... eh... iam sempre à *pocura* [procura] de mais uma coisinha [coisa]... E ele foi *prese* [preso], mas o próprio patrão dele era de *Galua* [Gaula] e gostava muito dele...
 - v) E memo [mesmo], no verão, eles *iem* [iam] ao Porto Santo em três semanas ou... eh... quinze dias, também me levavam. Eles eram muito *mês* [meus] amigos.
 - vi) Também [a] minha mãe, se fosse ao Funchal, também passava lá. Sim. Mas aí eu já tava [estava] ganhando mais uma coisinha [coisa]. Já tava [estava] ganhando, foi o dinheiro que eu mais ganhei... eh... foi cento e oitenta escudos...
 - vii) Tude [tudo], tude [tudo]. Eh... Eles trabalhavam e os meninos na escola, que eram três filhos, duas filhas e um filho. E era o senhor que era do banco... eh... do coisa...

Informante 12:

- i) Depois, *num* [não]...eh... Não me dava muito jeito, não me ficava lá muito...
- ii) Sim *senhóra* [senhora], tinha de *sere* [ser]. *Adepois* [depois], eu fui [fui]... Veio uma... uma... uma *senhóra* [senhora] lá *duma* [de uma] fábrica... eh... *pa* [para] eu *ire* [ir] *trabalhare* [trabalhar] com ela de *chofer* [motorista].
- iii) Foi [fui] *p'ra* [para] lá *trabalhare* [trabalhar]... eh... Trabalhei *co* [com o] meu irmão... Tinha lá um...
- iv) Tive lá... Em sessenta e *cinque* [cinco], *quande* [quando] foi o campeonato [campeonato] do mundo, *qu'o* [que o] Eusébio jogou. E... eh... Nessa altura, *tiverem* [tiveram] quase a *ganhare* [ganhar]... e... mereceram.
- v) Eu *nã* [não] tinha *direite* [direito]. Mas, quando... eh... eu vi eles [vi-os] a *prenderem* os meus amigos, eu *aborre-ci-me c'aquillo* [com aquilo] e *vim-me* [fui] embora.
- vi) De *barque* [barco]. Veio [vim] no Santa Maria, nessa altura. E... e... depois, teve o... o... o... Já... eh... já... E... o... Príncipe Perfeito. E também viajei no Santa Maria. Viajei no... no Príncipe Perfeito, no Infante Dom Henrique... e... no... no... no Angola.
- vii) Província da Beira... a Beira. E da Beira eu fui de... eh... já de... Entretanto, eu já fui com um aviso...

Informante 13:

- i) Eu sei *qu'o* [que o] meu tio teve... sete anos *pa* [para] *tere* [ter]... eh... *Apois* [depois] a residência lá... e *nã* [não] *sere* [ser] ilegal. E o meu pai levou mais ou menos *quatre* [quatro] anos.
- ii) Eh... Que *tinha-se* [tínhamos] muita liberdade. Na altura, eh... *Prontes* [pronto], na minha infância, a pessoa ia *pá* [para a] escola de manhã. Depois, vinha à tarde, *estudava-se* [estudávamos] um pedacinho [pedaço].
- iii) Eh... *Fomos viver pa* [para] um apartamento, porque o meu pai tinha... eh... acabado de abrir um novo negócio.
- iv) Eh... Então, o meu tempo livre não era *moito* [muito], mas o pouco *qu'eu* [que eu] tinha, era bem aproveitado. ((risos))
- v) Sim, *vivia-se* [vivíamos] todos bem. Até o... eh... os funcionários *qu'o* [que o] meu pai tinha lá na... no... *tr...* na empresa dele, alguns deles eram de cor e... eles não tinham problemas.

- vi) Então, quando o *apartheid* acabou... eh... Nos primeiros, quando o Mandela tava [estava] no... no poder, correu tudo muito bem... e... foi muito bom. Mas, *pois* [depois], eh... A partir daí, as coisas começaram a...
- vii) Por exemplo, eu andava muito [muito] na rua, de bicicleta, sozinho. Eh... Os meus pais não [se] preocupavam... eu acho que não [se] preocupavam muito [muito]. Eh...

Informante 14:

- i) Eh... licenciado em Medicina Dentária. Na Universidade da África do Sul, não sei se interessa... Stellenbosch já agora, também.
- ii) Stellenbosch é uma cidade próximo [próxima] da cidade do Cabo, mais ou menos meia hora de... de carro... eh... Uma cidade eh... Pode-se imaginar [pode imaginar-se] o Douro, mas sem o rio.
- iii) Mas, geralmente, não usam. Os meus piquenos [pequenos], por exemplo, têm netmadeira... que naquele tempo, tudo... eh... mas... um tem gmail, outro tem hotmail.
- iv) E [o] meu pai ia entrar numa profissão de condutor... e é só depois... eh... tiveram sorte e o negócio começou a vingar e, então, [o] meu pai já não foi p'ra [para] esse... essa profissão... [de] condutor.
- v) Porque eu vivia... que eu, quando os meus pais tavam [estavam] em casa, eu tava [estava] a dormir... eh...
- vi) E, então, eu só falava Africanse, apesar do facto de [que] não me compreendesse [compreendessem] muito bem porque... eh... os primeiros dois, três anos... eu estava em casa com [a] minha mãe.
- vii) Foi... é... eh... até hoje não sabemos... Porque foi assim o... [a] minha irmã... a minha avó foi abrir o negócio e era um dia [em] que o meu avô, normalmente, ia ao mercado.

b) Reformulações:

Informante 1:

- i) O que foi qu'eu [que eu] disse... o que [o] meu pai disse: “Olha, quem boa boa... quem boa cama busca, boim [bom] sono dorme”.
- ii) Bordade [Bordado]... Toalhas de mesa, bordados matiz, enfim, a minha bor... toalha [de] bordado Madeira também foi...
- iii) E, então, ele aproveitou-se, agarrou-se o [ao] meu irmão... a [ao] meu maride [marido] para aguentar o negócio dele e veio.
- iv) Agora, se... o dinheiro foi dado ao meu irm... ao meu... ao meu cunhado, que é esse irmão de [do] meu maride [marido]...
- v) Veio... viemos pra [para] cá e, então, foi quando eu fiquei grávida do Nélio e, em vez de ir para a África do Sul, eu fui para Suazilânde [Suazilândia], que ele tinha outro irmão em Suazilânde [Suazilândia], que era próximo da África do Sul.

Informante 2:

- i) E eu tinha um primo que tinha uma venda, ele vai à casa desse pri... À... À venda desse prime [primo] e esse prime [primo] disse: “Ah, então você veio cá passear e tal...”.
- ii) Ele chegou, bateu, meu pa... E a nossa casa era de alto e baixo, era de três quatinhos em cima e dois quartos em baixo.

- iii) O meu pai... eh... o meu marido quis aqui na igreja de São Pedro, porque a mãe dele era muito doente e não queria festas e tal...
- iv) Mas eu qu'era [que era] acostumada a trabalhar, não tinha ning... escrevia cartas a [à] minha mãe, LINDÍSSIMAS...
- v) E depois minha mãe fo... no entanto [entretanto], foi p'ra [para] [a] Venezuela, que minha mãe teve um filho ó tarde [já com alguma idade].

Informante 3:

- i) Portanto, na altura qu'eu [que eu] nasci, o meu pai já era emi... já tinha emigrado...
- ii) Por exemplo, amarraram-lhe as mãos com um... com um rádio... com um fio do rádio...
- iii) E, portanto, eles chegavam lá sabiam qu'eles ti... *erum* [eram] *erum* [eram] indefesos, que não *tinham* [tinham] assim grandes coisas...
- iv) Na altura, a minha mãe como era sozinha tinha que ter empregados p'ra [para] trabalhar, por acaso até tinha um mo..., chamava-se moço [empregado], nessa altura...
- v) Dos problemas... Não era propr... problema... a nível do problema... Era [eram]... era [eram]... era [eram]... era [eram] as coisas eram... assim naturais...

Informante 4:

- i) Com dezassete... dezasseis...
- ii) duas cercas, tipo uma cerca...
- iii) As vezes q'eu [que eu] vinha aqui encon... conheci a minha mulher aqui...

Informante 5:

- i) E houve ali... Eu dizia ao meu pai: "Ó pai, leve-me ao Porto Santo que eu também quero..."
- ii) E vim à tarde... eh... à noite, venho p'ra [para a] Madeira...
- iii) Era... eh... A primeira não, que eu já... Antigamente havia...
- iv) E eu venho, espero a chegada aqui à noite... à tarde, ponho os pés assim na Pontinha, julgava que *aquilho* [aquilo]...
- v) doze... treze anos...

Informante 6:

- i) Era uma freguesia, *come* [como] sabe, lá no Norte da ilha... do Norte da ilha... E... *erum* [eram] praticamente, o pessoal era todo pobre, posso dizere [dizer]...
- ii) Da terra... E elas não vend... Praticamente, não ia [iam], não ia [iam] lá pa [para] *vendere* [vender]... pa [para]...
- iii) E fugi de lá e vim-me [fui] embora para Joanesbur... para a cidade do Cabo, que são... foi... foi... duas noites e um dia de *train* [comboio]...
- iv) Ele era... ele foi à frente...
- v) Entretanto, ele jogou-se p'ra [para] lá p'ra [para] uns casais que havia ali perto, trouxe um... trouxe um... alguém...

Informante 7:

- i) É capaz que eu não... qu'inda [que ainda] tenho [tenha] algumas...
- ii) Eu... Olhe, eu, felizmente, eu escrevia *pá* [para a] minha mãe... *pá* [para a] minha mãe ou... eh... *pá* [para a]... *pá* [para a] minha sogra, era [eram] as pessoas...

- iii) Eu *caminhei* [saí] daqui... Eu casei com vinte e dois... Foi em sessenta e oito qu'o [que o] meu marido veio casar. Casámos...
- iv) Nem po... nem por isso. Até que p'ra [para] mim, parece que foi uma coisa...
- v) Eu cho... Ora! Apren... Ui! Isso custou-me! Custou-me!

Informante 8:

- i) Eu vivo no Fun... na rua Cinco de Outubro.
- ii) Era uma questão de... hum... de... eh... necessidade... e... eh... de espaço...
- iii) Porque eu convivi com... sempre com to... com emigrantes!
- iv) O meu avô... trouxe... eh... hum... arranjou... hum... um bom pé-de-meia...
- v) Mas p... Eh... Mas também havia aquela hum... Não era uma ilusão era uã [uma] certeza qu'iam [que iam] viver melhor...

Informante 9:

- i) A minha mãe... eh... hum... tinha... tinha tido um tio, irmão do meu avô, que tinha emigrado, ou no princípio do sécu... Já não sei, mas ele... ele já tinha casado com uma... eh...
- ii) Iss... But [mas]... but [mas]... but [mas]...
- iii) O meu pai... [o] meu avô era sapateiro, portanto, dinheiro... não havia sempre dinheiro.
- iv) Ah... toda isto é, eh começou com esse tio ah adepois [depois] o meu... O tio Manuel foi p'ra [para] lá e, ao fim duns [de uns] anos, os... eram... eles eram seis: três irmãos, três irmãs. Ah... foi os primeiros dois, o outro foi p'rá [para a] Venezuela e nunca mais /e/ o vimos.
- v) Madeirenses e cont... e pessoas do Continente...

Informante 10:

- i) O meu pai é dos Canh... eh... Ponta do Sol. E eles emigraram e eu e o meu irmão nascemos lá na África do Sul. Nós os dois nascemos lá.
- ii) Quando tínhamos vinte e três... A partir dos vinte até aos vinte e... seis, nós tínhamos um grupo... que era... éramos bastante... amigos.
- iii) P'lo [pelo] menos ao [no] meu ver, era... tinha mais a ver com o facto... inferior... eh... com menos número...
- iv) Eh... Inicialmente, eu sei que, o meu pai... A mãe dele, a minha avó paterna...
- v) Porque a minha mãe, nessa altura... Havia certas... Regra geral, a minha mãe trabalhava as tardes.

Informante 11:

- i) E, depois [depois], [o] meu irmão mais [com] esse senhor que era o... Ele também já morreu... eh... que ele era dos Prazeres.
- ii) Vinte euros! Eh... Vinte escudos!
- iii) Já não posso... Já não me lembro...
- iv) Foi na primeira pista. E seu ir... e seu tio...
- v) Mas tinha um quarto especial p'ró [para o] filho, p'rá [para a] filha, p'ra [para] mim, tinha uma casa de jantar, uma cas... sala, tinha a minha cozinha, tinha a casa de banho e tinha o meu quartinho [quarto] de costura.

Informante 12:

- i) De... da aluguer [aluguer]. E eu trabalhei aqui... uns... quatro anos, mais ou menos, uns quatro anos. Adepois [depois], eu vendi o carro.
- ii) Província da Beira... a Beira. E da Beira eu fui de... eh... já de... Entretanto, eu já fui com um aviso...
- iii) Inda [ainda] trabalhei lá... Trabalhei lá até... até noventa e sete... Mile [mil] novecentos e noventa e sete... mile [mil] novecentos e noventa e sete. Não embarquei mais...

Informante 13:

- i) Sim, vivia-se [vivíamos] todos bem. Até o... eh... os funcionários qu'o [que o] meu pai tinha lá na... no... tr... na empresa dele, alguns deles eram de cor e... eles não tinham problemas.
- ii) E o meu tio no domi... no ano a seguir, ele disse assim: "Tão [Então], já acabaste o curso?"
- iii) O orde... comecei a ganhar o ordenado mínimo.
- iv) Aliás, em Pretória, tinha [a] Casa da Madeira, tinha associ... ACP, Associação [da] Comunidade Portuguesa.
- v) Sim, era... ba... derivada... salsicha sul-africana, chama-se o boloworse.

Informante 14:

- i) Já agora [a] minha mãe, quando foi, em 56, foi acompanhada pe... por [pela] minha irmã, [que] tinha quatro anos.
- ii) E, como não tinham muito otimismo, achavam que [o] meu pai ia abrir essa merce... Ele, [a] minha mãe, [o] meu pai iam abrir essa mercearia e [a] minha mãe ficava na mercearia.
- iii) Em 7 anos, conseguiram poupar [o] equivalente a 28 anos, [de] tal forma que reformaram-se [se reformaram] aos sessen... no ano 68.
- iv) E continuaram lá e daí... eh... eles vi... passavam desde, mais ou menos, 1981... eles começaram a... nunca tinham inverno porque eles viviam seis meses na África do Sul e seis meses na Madeira...
- v) Só... não levaram nada... e... e... e, por causa disto, [a] minha avó e [a] minha irmã vêm p'ra [para] Áfric... Cape Town e ficam [ficámos] juntos. Ficámos todos juntos.

c) Repetições:

Informante 1:

- i) Com um irmão... Um irmão de [do] meu maride [marido], também.
- ii) e... e... e... No Santo Amaro, foi a festa de Santo Amaro, claro, havia aquelas tabernas para beber o copo, não é?
- iii) Nã [não] nã [não]... Talvez não ganhou coragem...
- iv) Prontes [Pronto], eu ainda tenhe [tenho]... Ainda tenhe [tenho] coisas que foi [foram] e veio [vieram].
- v) Era um estranho, um estranho.

Informante 2:

- i) E arranja os... o... o... a... a... a papelada não arranja, foi [foram] três meses. Daí a três meses...
- ii) Na Residência também "Mira Flores"... Eu acho que também era... Eu acho qu'era [que era] Residência "Mira Flores"...
- iii) Quatro, quatro, quatro...

- iv) (Ydenis, Ydenis Castro). É o (Ydenis Castro).
- v) Porque o... o... o... o... o meu... a minha chegada lá não foi tão feliz como a dela...

Informante 3:

- i) Portanto, ele trabalhava no meio rural... eh... o... no... mais propriamente... no... no... Portanto, no... nas... nas... nas terras...
- ii) Uma... uma... rede, que haviam [havia/tinha] vários sócios, tinham...
- iii) Mas pelo facto de... de... de... de... de... Como é [que] hei de diz? Dos problemas...
- iv) Eh... Foi tudo um... um... tudo [todo] um percurso... de... de... de... E /eu/ recordo-me perfeitamente uma coisa, qu'eu [que eu] tinha um lençinho [lenço] no... na... no... no... no bolso, tirei o bol... tirei o lenço, comecei a acenar.

Informante 4:

- i) Oito... oito anos...
- ii) Num [não]... a escolaridade... num [não]... num [não] havia escola p'ra [para] mais...
- iii) Num [não]... num [não]... num [não], sozinho mesmo.
- iv) pergunta: “Bilhete de identidade? Bilhete de identidade?” Tudo [todos] mostraram o bilhete de identidade...
- v) porque... eh... Talvez não sabia real... Não... não...

Informante 5:

- i) O cônsul... O cônsul alemão...
- ii) Sim, sim... Sim, sim...
- iii) Da... da... da... da Quinta...
- iv) Talvez doze... treze anos... doze... treze anos...
- v) “Tu agora vais ao médico... vais a este médico... assim... assim... assim...”

Informante 6:

- i) Praticamente nasci na casa dos meus avós maternos... maternos...
- ii) Sim, praticamente não... Não, não, não... fome não... Nós não... não havia fome...
- iii) E, às vezes, e às vezes... eh... Quando se queria comere [comer], não estava pronto... Não estava cozido... eh... É... é... é isso... Nesse ponto, mas, de resto, tínhames [tínhamos]...
- iv) Tinha... tinha... tinha lá, como se diz, os barqueiros...
- v) Era geral... era geral...

Informante 7:

- i) Ah, sim, sim, sim.
- ii) Fui d'avião [de avião]. Fui d'avião [de avião].
- iii) Fui... fui... fui sozinha!
- iv) Sim, tava [estava]... tava [estava] ele e tinha família [família].
- v) Era... era apartamento.

Informante 8:

- i) Só vinte e seis... vinte e seis... eh...
- ii) Não cabíamos todos! Não cabíamos todos!

- iii) É... é... é a minha vivência...
- iv) O meu bisavô, eu penso que, quando a minha mãe nasceu... quando a minha na... me... na... me... ma... mãe nasceu, em milhe [mil] novecentos e sete... milhe [mil] novecentos e sete, o meu avô já tinha uns quarenta ou quarenta e poucos anos...
- v) O meu bisavô, eu penso que, quando a minha mãe nasceu... quando a minha na... me... na... me... ma... mãe nasceu, em milhe [mil] novecentos e sete... milhe [mil] novecentos e sete, o meu avô já tinha uns quarenta ou quarenta e poucos anos...

Informante 9:

- i) Sempre cos [com os]... cos [com os] meus pais...
- ii) Olhe, o meu pai... eh... O meu pai disse que foi p'ra [para] evitar um casamento qu'eles [que eles]...
- iii) Exatamente, exatamente.
- iv) O... o... o... o... o que aconteceu é qu'eu [que eu] tinha ah... Do lado da minha mãe, a família [família] toda tava [estava] lá.
- v) Iss... But [mas]... but [mas]... but [mas]...

Informante 10:

- i) Não, não. Foi [foram] meses.
- ii) Quando os meus pais chegaram lá, era mesmo Joanesburgo, no centro, porque a loja... onde... onde... o... o... o meu pai estava a trabalhar era lá e, então, era o apartamento por cima da loja.
- iii) Conhecíamos... conhecíamos... porque o meu pai, os meus pais, por exemplo... Há muitas pessoas que conhecíamos que eram... eh... portugueses.
- iv) A... a... Essencialmente, a crianças...
- v) Lá... eh... é... é diferente daqui da Madeira, a parte da manhã são as ditas aulas teóricas... etc.

Informante 11:

- i) Ou mais... ou mais...
- ii) Conseguiu, conseguiu, ficou legal.
- iii) Sim, o Ivo... o Ivo, [o] meu irmão, não conhece?
- iv) Sim, com onze anos! Com onze anos, já fui para casa alheia.
- v) Não, não, não. Ainda ficou algum lá...

Informante 12:

- i) Não era meu. Era dum [de um]... dum [de um]... dum [de um] senhore [senhor] que necessitava dum [de um] *chofer* [motorista], p'ra [para] mim [eu] o ir buscare [ir buscá-lo]...
- ii) Tirei. Nã [não]... nã [não]... nã [não] tirei no cartel [quartel]. Tirei na Via Civil, mas foi na altura que tava [estava] no cartel [quartel], em cinquenta [cinquenta] e sete.
- iii) Tinha um... um tio... Chamau [chamou]... chamau [chamou] pa [para] Curaçau...
- iv) É [são] gelados... é [são] gelados...
- v) Chamava-se uã [uma] *aiscreen* [ice cream/gelataria]... *aiscreen* [ice cream/gelataria]...

Informante 13:

- i) Sim, sim. São Martinho.
- ii) Mais novo... mais novo.
- iii) Não, na altura não. Na altura, não era perigoso porque podia-se [podíamos], eu podia ire [ir] a pé pá [para a] escola e da escola ire [ir]... ia pa [para] casa a pé, sozinho.
- iv) Era, era a altura do *apartheid*.
- v) Era... era... era mais *pao* [para o/no] verão.

Informante 14:

- i) Foi... foi... na África do Sul foi registado João, mas porque é que nós utilizamos John?
- ii) Todos, todos, todos... da Fajã da Ovelha.
- iii) Não, não, não. Ela foi sozinha.
- iv) Viviam juntos... viviam juntos.
- v) Não é isso, não é isso...

d) Truncamentos:

Informante 1:

- i) Ele conhecia o *mê* [meu] pai, naquela altura era o pai /*qua*/ que levava as meninas à igreja.

Informante 2:

- i) Ali todo bem penteado. ((risos)) E eu também acho que /*nos*/ vesti uma roupinha melhor nesse dia...

Informante 3:

- i) Havia o meu p/tio que mandou-me *uã* [uma] carta de chamada e foi aceite.

Informante 4:

- i) Ou seja, /*que*/ tinha acontecido o golpe de Estado...

Informante 5:

- i) Como ele era o comandante do navio e /*que*/ sabia qu'o [que o] meu pai trabalhava lá e que tinha eh... habilidade *pá* [para a] coisa...

Informante 6:

- i) Disse: “Vai-se [vamos] /*s'*/embora *pá* [para a] Madeira...”.

Informante 7:

- i) Tava [estava] doente, [não sei] *s'é* [se é/se foi] do fígado ou /*s'/o* [se o] que era...

Informante 8:

- i) Mas /*e*/ depois, aquela gente ali da me... da... da... da minha zona, foi muita gente pó [para o] Brasil po... /*como*/ para colonizar o Brasilhe [Brasil].

Informante 9:

- i) Ah... foi os primeiros dois, o outro foi p'rá [para a] Venezuela e nunca mais /e/ o vimos.

Informante 10:

- i) Porque eu acho que /n/a África do Sul, de facto, é um país de oportunidade e de riqueza.

Informante 11:

- i) Vesti-lhe roupinha [roupa] limpinha [limpa] e fomos /s'/embora pao [para o] Centro [de Saúde].

Informante 12:

- i) Vim /s'/embora [embora] pá [para a] Madeira.

Informante 13:

- i) E, tem/-se/ [de] [se] integrar numa sociedade... que... em que... as pessoas falam Inglês.

Informante 14:

- i) Ele toca... eh... vários instrumentos... eh... por essa razão /que/ era o passatempo.

e) Contrações de vogais:

Informante 1:

- i) **P'rá** [Para a] África?
ii) **Qu'ele** [Que ele] veio à Madeira, tava [estava] embarcado, veio e prontes [pronto] e como eu tenhe [tenho] uma cunhada...

Informante 2:

- i) Ele tava [estava] na casa d'um [de um] padrinho e viu **qu'eu** [que eu] vinha com o meu pai... Vínhamos buscar lanha [lenha] e eu trazia uma corsa à cabeça, mal vestida...
ii) E mesmo **qu'o** [que o] me pai, imaginemos, **qu'o** [que o] meu pai me viesse: "Olha não sei quê..."

Informante 3:

- i) Na altura **qu'eu** [que eu] nasci o meu pai já era emi... já tinha emigrado...
ii) **p'ras** [para as] batatas se manter [manterem], para durar mais tempo... eh...

Informante 4:

- i) Daí **p'ra** [para a] [frente] já me tocou esse trabalho... essa responsabilidade...
ii) É... eh... É uma guerra santa **p'ros** [para os] que estão a...

Informante 5:

- i) E vim à tarde... eh... à noite... venho **p'ra** [para] a Madeira...
ii) Eu fui marcar [marcar] a viagem, ca [com a] documentação **qu'eu** [que eu] tinha...

Informante 6:

- i) Vou **p'ra** [para a] pensão “Primavera”.
- ii) De lá a gente [nós] saímos e de lá fomos p'ra [para] sur [sul]... e fui **p'ro** [para o] Cabo.

Informante 7:

- i) Ou se tiver alguma coisa guardada, **qu'um** [que um] dia encontre, depois diz à Isabel **qu'a** [que a] gente [nós] encontra-se [encontramos].
- ii) O meu pai cá queria **qu'eu** [que eu] estudasse mais, mas eu... ((risos))

Informante 8:

- i) Aquelas... aquelas cartas lindas **qu'eu** [que eu] co... Tive a sorte de lê-las todas.
- ii) **Qu'eu** [que eu] tenho pena...

Informante 9:

- i) Mais moço [novo] de **qu'eu** [que eu] e dois anos mais velha [velho] **qu'a** [que a]... **qu'a** [que a] minha irmã.
- ii) Foi trabalhar **p'ra** [para a] loja do meu tio, o meu tio Manuel...

Informante 10:

- i) É engraçado **qu'os** [que os] madeirenses que foram **p'rá** [para a] África do Sul, muitos entraram ou para *butcheries* [talhos] ou *fruit shops* [frutarias] ou *fish and chips* [peixe e batata].
- ii) Mas isto é **p'ra** [para as] ciências...

Informante 11:

- i) **p'ro** [para o] filho, **p'ra** [para a] filha, **p'ra** [para] mim.
- ii) Cá meu marido já foi com carta de chamada, **qu'ele** [que ele] cá tinha medo de ir *pao* [para o] meio do mato.

Informante 12:

- i) Não vê **qu'ele** [que ele] vai ao cinema...
- ii) **Qu'eles** [que eles] tinham [tinham] cachorros lá na fronteira...

Informante 13:

- i) Eh... então... o meu tempo livre não era *moito* [muito] mas o pouco **qu'eu** [que eu] tinha, era bem aproveitado... ((risos))
- ii) Quando eu vim **p'ra** [para a] Madeira foi...

Informante 14:

- i) Nesse momento ia p'ra [para]... **P'ro** [para o] frigorífico vender gelados...
- ii) cos [com os] conhecimentos qu'ela [que ela] tinha de aquele tempo.

f) Aférese ou queda de som ou sílaba átona no início da palavra

Informante 1:

- i) E então aí **tava** [estava] o meu marido a conversar com o pai da minha...
- ii) Primeiro ele perguntou [perguntou] se realmente /se/ eu **tava** [estava] disposta a fazer o casamento assim.

Informante 2:

- i) Ele **tava** [estava] na casa d'um [de um] padrinho e viu qu'eu [que eu] vinha com o meu pai...
- ii) Ah ela é muito nova **inda** [ainda] tem quinze anos...

Informante 3:

- i) P'ra [para] já hoje **inda** [ainda] são difícil [difíceis], mas na altura **inda** [ainda] pior...
- ii) Realmente era, porque /e/ como **tava** [estava] aqui co [com o] meu tio, e **tava** [estava] na quarta classe...

Informante 4:

- i) perguntar uma moeda, não vamos **tar** [estar] ca [com a] arma na mão...
- ii) Depois [depois] de **tar** [estar] no snack-bar, já aprendi um bocadinho [de] Inglês.

Informante 5:

- i) A pontinha também **tava** [estava] a embalançar [balançar]...
- ii) **Tava** [estava] na escola com treze anos...

Informante 6:

- i) **tava** [estava] metido nestes assuntos da emigração p'ra [para] a África do Sul...
- ii) Já **tava** [estava]...

Informante 7:

- i) **Inda** [ainda] tive...
- ii) Até vim quando eu **tava** [estava] pa [para] ter o meu filho.

Informante 8:

- i) Eu conhecia as gavetas todas, as... a parte d'estender [de estender] as roupas, eu ia lá porque as pessoas tão [estão/estavam] todas ali, e pronto lá **tava** [estava] eu.
- ii) Portanto, a minha avó que era **inda** [ainda] mais ambiciosa qu'ó [que o] meu pai...

Informante 9:

- i) Que chorava pedras e que **inda** [ainda] tinha deixado algum dinheirinho.
- ii) **Tava** [estava] sempre a lamber (lá dentro) também...

Informante 10:

- i) **Tavam** [estavam] todos...
- ii) que eu **tou** [estou] a falar...

Informante 11:

- i) E **inda** [ainda] **tava** [estava]...
- ii) O meu irmão **inda** [ainda] tirou a terceira e a quarta [o] meu irmão Agostinho.

Informante 12:

- i) Os dos [dois]... **Inda** [ainda] trabalhei lá...
- ii) Porque eu **tava** [estava]...

Informante 13:

- i) Eles por acaso **tavam** [estavam] na altura a trabalhare [trabalhar] para um patrão que também era...
- ii) Quando o Mandela **tava** [estava] no... no poder...

Informante 14:

- i) Quando os meus pais **tavam** [estavam] em casa, eu **tava** [estava] a dormir...
- ii) Depois, voltava à África do Sul, que [porque] ainda **tava** [estava] a tentar, nesse momento já comecei a tentar assentar os pés.

g) Elipse de vogais

Informante 1:

- i) Ele mandou dinheiro **p'ra** [para] cá.

Informante 2:

- i) Gostava dela **p'ra** [para] casar.

Informante 3:

- i) A minha... a minha história pessoal, portanto, na África do Sul, eu não falo **p'los** [pelos] outros, qu'eu [que eu] nã [não] não posso falar por **p'los** [pelos] outros...

Informante 4:

- i) Muito calminho... Toca a ir **p'la** [pela] viagem longa...

Informante 5:

- i) Se foi pelo cheiro... **p'lo** [pelo] que foi...

Informante 6:

- i) Era **p'lo** [pelo] Natal quando o meu pai matava o porco...

Informante 7:

- i) Nem por isso. Até que **p'ra** [para] mim, parece que foi uma coisa...

Informante 8:

- i) Eh, quer dizer, andam espalhados **p'los** [pelos] filhos...

Informante 9:

- i) O tio Manuel foi **p'ra** [para] lá e ao fim duns [de uns] anos os...

Informante 10:

- i) Mas acho que era só... **p'lo** [pelo] menos ao meu ver...

Informante 11:

- i) Ainda hoje tenho ali a minha máquina que eu coso e descoso e deito **p'ra** [para] dentro e deito **p'ra** [para] fora...

Informante 12:

- i) **P'la** [pela] PIDE...

Informante 13:

- i) Traziam dinheiro de lá **p'ra** [para] cá...

Informante 14:

- i) Já foi no programa retomado **p'la** [pela] ... saúde pública.

1.2. Particularidades da variedade madeirense

As entrevistas fornecem-nos também muitos dados sobre o Português falado na Madeira, ou seja, traços característicos da variedade madeirense, tais como:

- a) Palatalização da consoante lateral [l], quando precedida da vogal palatal [i]

Informante 1:

- i) Eu tinha que ganhar naqu*ilho* [naquilo] que eu sabia para poder pagar.

Informante 2:

- i) Acontece que este rapaz, eu conhecia a fam*ília* [família], não [o] conhecia ele...
- ii) E eu fui pró [para o] quarto dos meus pais, aqu*ilho* [aquilo] tinha uns tapan-sóis...

Informante 3:

- i) E, portanto, inclusive trouxe algumas... eh... amostras daqu*ilho* [daquilo] que lhe tinha [tinham] feito...

Informante 4:

- i) E, entretanto, éramos vinte e poucos, aqu*ilho* [aquilo] não havia maneira de...

Informante 5:

- i) Como tinha aquela documentação e como tinha fam*ília* [família]...

Informante 6:

- i) Conhecia a minha fam*ília* [família] toda lá do Porto Moniz...

Informante 7:

- i) Sim, tava [estava]... tava [estava] ele e tinha fam*ília* [família].

Informante 8:

- i) Começa aí... a história da minha fam*ília* [família] começa aí...

Informante 9:

- i) Do lado da minha mãe a fam*ília* [família] toda tava [estava] lá.

Informante 10:

- i) Era quase a nossa segunda fam*ília* [família] e então era sempre na casa de um ou outro...

Informante 11:

- i) E fazia a festa de Natal e quando ele fazia a festa de Natal era a fam*ília* [família] toda que ia...

Informante 12:

- i) Lembra-se [lembro-me] da fam*ília* [família]...

Informante 13:

- i) Ter tempo p'ra [para] a *familhia* [família]...

Informante 14:

- i) *Aquilho* [aquilo], geralmente, vinha amarrado com um barbante e era vendido dessa forma. Por exemplo, o melão, já era pelo tamanho...

b) Apagamento da vogal [u] no final da palavra (posição que a enfraquece)

Informante 1:

- i) Tinha o dote todo. **Tude** [Tudo] bem preparado, meia dúzia de lençóis, *tudos* [todos] bordados [de] madeira, alguns que ainda os tenho, que não **use** [uso].

Informante 2:

- i) Da África do Sul, **tude** [tudo/ todos] dizia [diziam] qu'a [que a] África do Sul ia ir abaixo, e qu'ia [que ia] acontecer como Angola e **iste** [isto] e *aquilhe* [aquilo].

Informante 5:

- i) Fui **criade** [criado] de criança...

Informante 6:

- i) Teve qualquer coisa a ver com... o **casamente** [casamento]...

Informante 11:

- i) Era **tude** [tudo] **muite** [muito] longe...

Informante 12:

- i) E *frrramentas* [ferramentas] e **tude** [tudo]...

Informante 13:

- i) Mas não era **muite** [muito]...

c) Semivocalização do -s final em [j]

Informante 1:

- i) **Ai** [Às] vezes nos... Eu estava varrendo o...

Informante 4:

- i) Quis aprender a tirar o leite **ais** [às] vacas...

Informante 6:

- i) Ou vai apanhar comere [comer] **ai** [às] vacas ou vai...

Informante 7:

- i) **Ui** [Os] nossos filhos não é... Ah...

Informante 11:

- i) É... é preciso ir **ai** [às] compras...

Informante 12:

- i) Ah vinha **ai** [às] festas...

d) Síncope da consoante –g- em contexto intervocálico

Informante 11:

- i) É uma dama [dam/barragem] de *aua* [água]...

e) Realização do ditongo gráfico <ou> como [wɔ], em posição final

Informante 11:

- i) Ela **embarcoua** [embarcou]...

f) Ditongação do [u] tónico em [ɔw]

Informante 1:

- i) Conhecia *peessoa*s [pessoas] amigas, ali homens...

Informante 6:

- i) Havia outros que tinham umas casinhas mais melhores [melhores] do que *autres* [outros] mas...

Informante 7:

- i) Tive qu'arranjar [que arranjar] uma *peessoa* [pessoa], uma rapariga pa [para] ficar em casa no meu lugar...

Informante 11:

- i) Porque as *peessoa*s [pessoas] que tavam [estavam] e não sabiam...

3.1.3. Características do Português popular

Podemos encontrar ainda variantes fonéticas características do Português popular (nos falantes com fraca escolarização), como é o caso dos fenómenos fonéticos denominados:

a) Alterações vocálicas

Informante 6:

- i) Eh... Ere [eram]... Nós somos... eh... oito irmãos... Praticamente, um faleceu... Infelizmente, um faleceu... **sêmes** [somos] sete...

b) Assimilações

Informante 1:

i) O meu pai **antão** [então] disse: “Vai chamar um *taxe* [táxi] então que eu fico aqui esperando.”

Informante 4:

i) E **antão** [então] daí p’ra [para] a frente é que...

Informante 5:

i) Eu **antão** [então] tinha uma vida dura...

Informante 6:

i) **Antão** [então] esse rapaz mandou...

Informante 7:

i) Oh depois, eu **antão** [então] é que pensava em tudo...

Informante 8:

i) Na África do Sul e então **antão** [então] ele foi pa [para] (longe de Magos) pa [para] depois dar o salto para...

Informante 9:

i) É. **Antão** [então] e agora tou [estou] a [à] procura d’alguém [de alguém] que...

Informante 11:

i) A preta foi apertada e a preta **antão** [então] descobriu...

Informante 12:

i) Roubarem [roubaram] o Santa Maria e **antão** [então] eu vim p’ra [para] cá...

c) Dissimilações

Informante 5:

i) “É... Olhe... isto é boa *piquena* [pequena] que tá [está] aqui...”

Informante 6:

i) Mais *piquena* [pequena] que essa do avô...

Informante 8:

i) As *piquenas* [pequenas] cá iam!

Informante 9:

i) Os *piquenos* [pequenos] ficavam em casa cos [com os]...

Informante 10:

i) Então isto incentivou muitas empresas *piquenas* [pequenas]...

Informante 11:

i) E a *piquena* [pequena] aqui...

Informante 13:

i) *Piquenas* [pequenas] e médias empresas cá na Madeira...

Informante 14:

i) Duas *piquenas* [pequenas] noutro...

d) Metáteses

Informante 4:

- i) E daí... Foi [fui] **aprefeçoando** [aperfeçoando] por aí à frente...

Informante 11:

- i) E, *adepois* [depois], veio p'ra [para] casa e ainda trabalhou na fazenda, **degavarinho** [devagarinho/devagar] mas trabalhou.

e) Rotacismo ou alteração consonântica do [l] em [r]

Informante 9:

- i) Era era pa... Eh... Era mmh eh **prantar** [plantar] eh batatas era cuidar dos... Do gado, dum... D'ũa [de uma] vaca qu'ela [que ela]... Ela não gostava...

- f) Introdução de vogais no meio da palavra para desfazer grupos consonânticos

Exemplos inexistentes.

g) Prótese ou adição de vogal no início da palavra

Informante 1:

- i) E pronte [pronto], **adepois** [depois] ali eh...

Informante 2:

- i) **adepois** [depois], ir estudar, regressar novamente, então ir pá [para a] cama. Portanto, eu fazia o sacrificio...

Informante 5:

- i) Passava um papel que isso **adepois** [depois] tinha que ir pa [para] a África do Sul...

Informante 6:

- i) E **adepois** [depois]...

Informante 7:

- i) E, **adepois** [depois], começou a aparecer os filhos e agora...

Informante 8:

- i) Em Câmara de Lobos é qu'eu [que eu] tenho-me obrigado **adepois** [depois] a formar a Ação Católica Feminina, na...

Informante 9:

- i) E **adepois** [depois] ela foi...

Informante 11:

- i) Foi assim e **adepois** [depois] ele foi preso.

Informante 12:

- i) E **adepois** [depois] eu dei a quarta lá no cartel [quartel]...

Informante 13:

- i) **Adepois** [depois] disse: “Ah”, e começou a fazer conversa...

h) Epêntese ou adição de som no meio da palavra

Informante 4:

- i) **Despois** [depois] fui p’ra [para] o snack bar...

Informante 6:

- i) **Despois** [depois], quando chegávamos, tirávames [tirávamos] aquela e vestíamos outra.

Informante 11:

- i) Às vezes sim e **despois** [depois] [o] meu irmão mais [com] esse senhor que era o...

Informante 13:

- i) Mas **despois** [depois]...

i) Nasalizações

Informante 3:

- i) Com **munto** [muito] respeito qu’eu [que eu] tenho por ele eh...

Informante 8:

- i) Na minha paróquia e então aí eu já tinha muito trabalho, **munta** [muita] responsabilidade porque devo /de/ preparar, imagine, era no mínimo preciso seis que já tivesse o compromisso, que tivesse o emblema...

j) Desnasalizações

Informante 4:

- i) A viagem daqui parece que foi quatro mil seiscentos... escudos... e viagem [viagem] p’ra [para] cima foi mais um bocado...

Informante 5:

- i) Home [Homem]... O telefone tem andado a tocar... a chamar...

Informante 6:

- i) O home [homem] foi-se embora...

Informante 8:

- i) E o home [homem]... [o] meu avô ainda não tinha falecido...

l) Monotongações

Informante 1:

- i) Nã [não] nã [não]... Talvez não ganhou coragem...

Informante 2:

- i) Eu ainda nã [não] queria enfrentar ele [enfrentá-lo].

Informante 3:

- i) Ou seja, nã [não] nã [não], não podia levar mais do que dez, por várias razões, não sei.

Informante 5:

- i) Hum... Nã [não]... Não foi bem assim...

Informante 6:

- i) Claro que nesse altura nã [não]... nã [não]... nã [não]...

Informante 7:

- i) Uma vida? Ai! Nã [não] queira saber a vida qu'eu [que eu] tive!

Informante 8:

- i) Tenho nã [não]...

Informante 9:

- i) Não, ainda não. Inda [ainda] nã [não]...

Informante 12:

- i) Tirei... Nã [não]... nã [não]... nã [não] tirei no cartel [quartel].

m) Paragoge de vogais no final das palavras terminadas por consoantes

Informante 1:

- i) Olha... vais à frente... vais à frente, tu vai vende [vendo] onde é que vai **haver** [haver] para se compra [comprarmos] uma casa, tá [está] bem?

Informante 2:

- i) Eu quero me **casare** [casar-me], *mai* [mas] não conheço aqui as raparigas.

Informante 3:

i) O objetivo era **ire** [ir]... eh... **crecere** [crescer]...

Informante 4:

i) Eu também como quis **escapare** [escapar] como [como] os colegas...

Informante 5:

i) Eu vim de fora pa [para] ver o avião **aterrare** [aterrar]...

Informante 6:

i) Quando se queria **comere** [comer] não estava pronto...

Informante 7:

i) Qu'era [que era] **melhore** [melhor] vir p'ra [para] cá, porque...

Informante 8:

i) Sozinho, depois veio **casare** [casar], levou a um...

Informante 9:

i) A minha mãe continuou a trabalhar uns aninhos e até dechpois [depois] de nos **tere** [ter]...

Informante 11:

i) Acabavam de **comere** [comer] e já iam ao lado para apanharem o...

Informante 12:

i) **Trabalhare** [trabalhar]...

Informante 13:

i) Aí no **Natale** [Natal]... não havia **comere** [comer] específico...

n) Alteração da terminação nasal das formas verbais da terceira pessoa do plural

Informante 2:

i) Eles tavam [estavam] na África do Sul e **vierum** [vieram] à Madeira com extensões [intenções] de casar, mas não conhecia as raparigas ((risos)).

Informante 3:

i) **Erum** [eram] **erum** [eram] indefesos, que não **tinhum** [tinham] assim grandes coisas...

Informante 4:

i) E quando aquela revolução que eles **fazio** [faziam]... greves... manifestações...

Informante 6:

i) Os meus avós **erum** [eram] agricultores...

Informante 8:

i) **Davo** [davam].

Informante 9:

i) Onde eles **tinho** [tinham] a loja era noutra cidade...

Informante 11:

i) Já **fazio** [faziam]... já **fazio** [faziam] carne moída p'ra [para] coisa...

o) Síncope ou queda de um som no meio da palavra

Informante 4:

i) Parte da **infânça** [infância] na agricultura...

Informante 6:

i) E era isso... **cando** [Quando] se...

Informante 11:

i) *Adepois* [depois] eles *tavam* [estavam] *trabalhande* [trabalhando], a **poliça** [polícia] prendeu eles [prendeu-os].

Informante 12:

i) A **poliça** [polícia] começou a fiscalizar os...

2. Análise lexical

A análise lexical focar-se-á nos regionalismos madeirenses (lexicais e semânticos); nos empréstimos da língua do país de acolhimento; nas alcunhas individuais e coletivas, nos provérbios e expressões populares e ainda nas formas diminutivas com valor afetivo, uma das características do Português popular, por exemplo *dinheirinho*, *vaquinha*, *carrinho*, tal como o uso frequente das formas aumentativas *dinheirão*, *casarão*, *carrão*.

Embora o termo “regionalismo” nem sempre seja análogo entre os autores, visto que o seu significado pode ser comum a mais de uma região, é possível averiguar se um vocábulo é ou não estritamente característico de um determinado território. Desta forma, o Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa define-o como: “vocábulo, aceção, expressão própria de uma região.”

O isolamento geográfico do Arquipélago bem como os fluxos migratórios e o contacto com outros povos, proporcionou uma verdadeira riqueza de variantes

linguísticas. Como refere Silva (1994:18), “O acesso à ilha era feito unicamente pelo mar (...) o que contribuía para diminuir os contactos com os compatriotas do Continente. Compreende-se, assim, que o madeirense tenha mantido, até à segunda metade do século XVIII, laços linguísticos muito frágeis com os seus compatriotas do Continente e tenha conservado e/ou desenvolvido a língua de forma própria.”

Ainda a respeito dos regionalismos, Nunes (2014:336) acrescenta: “Trata-se de palavras características de um dialeto, região ou variedade diatópica, sendo unidades lexicais que não existem na norma padrão: arcaísmos que caíram em desuso (...)” Daqui se depreende a afirmação de Rebelo (2014:631): “Na questão do léxico correspondente aos regionalismos, é frequente uma visão do passado.” Realmente, muitos destes vocábulos surgiram como resposta a elementos da natureza, fenómenos, ocorrências ou outros objetos regionais que em nenhuma outra área surgiram, e, daí a sua associação a um tipo de vocabulário mais antiquado.

De facto, a globalização, o crescente contacto com povos e culturas, através dos média, e o novo fluxo migratório madeirense contribuíram para a atenuação dessas peculiaridades madeirenses, sendo que as camadas mais jovens ligam-nas aos falantes mais idosos, às zonas rurais, ao analfabetismo e às atividades tipicamente agrícolas e, por isso, abstêm-se de usá-las. Como menciona Figueiredo (2012: 111), “A tendência dos falantes adolescentes e jovens é seguir o padrão cultural e linguístico pelo qual estão rodeados e que lhes é constantemente transmitido quer pelos programas televisivos, quer pelos diversos contactos, em particular através das redes sociais da internet.” Por tudo isto, é “urgente fazer inquéritos linguísticos nos meios rurais mais conservadores, antes que se percam as variedades dialetais ameaçadas pela tendência uniformizadora e massificadora dos meios de comunicação social...” (Nunes, 1998:89)

No que diz respeito à análise dos regionalismos, está dividir-se-á em duas partes: os semânticos e os lexicais. Os regionalismos semânticos são os vocábulos que, numa determinada região, apresentam um significado diferente do da língua padrão. A título de exemplo, “dentinho”, que corresponde ao diminutivo da palavra “dente”, na Ilha da Madeira é usado como um sinónimo de “aperitivo”. Quanto aos regionalismos lexicais são palavras ou até expressões que só estão presentes nos falantes madeirenses. A este propósito, “semilha” (batata) é um regionalismo lexical.

Na presente investigação, os informantes forneceram tanto exemplos de regionalismos semânticos como lexicais.

2.1. Regionalismos semânticos

Informante 1:

- i) *Rabescava* [rabiscava/tirava] algum, e *prontes* [pronto] e na altura que eu precisava ia comprando e *ai* [às] vezes ia pedindo a ele algum que era preciso mais, então aí ele aceitou de me dar um montante de [em] cada mês...
- ii) Ah querem uma laranjada? Ou ou... Querem um *cortadinho*?"; que /era/ naquele tempo era vinho com laranjada.

Informante 3

- i) Na altura a minha mãe como era sozinha tinha que ter empregados p'ra [para] trabalhar, por acaso até tinha um mo/... Chamava-se *moço* [empregado/criado] nessa altura...

Informante 5:

- i) O *olho de boi* [lanterna] dentro da casa... Do quarto de dormir dele... E ele acordou ca [com a] aquela luz do *olho de boi* [lanterna] a lhe dar [dar-lhe] na cara...
- ii) Meteu uma porta de ferro lá dentro... Querendo dizer... Numa *corredora* [corredor]...
- iii) era feito cas [com as] nossas próprias mãos... Era *joeiras* [papagaios de papel], era carrinhos de madeira...

Informante 6:

- i) Já tem sete anos que eu *caminhei* [saí] da Madeira... Tenho umas saudades loucas...

Informante 7:

- i) Eu fui a última a *caminhar* [sair] de casa.

Informante 9:

- i) De... De, principalmente qu'ó [que o] meu... Qu'ó [que o] meu irmão, qu'é [que é] o do meio, eu sou o mais velho, ela a mais *moça* [nova]...
- ii) Mais *moço* [novo] de qu'eu [que eu] e dois anos mais velha [velho] qu'a [que a]... qu'a [que a] minha irmã. Ah ela falava de... De... De ter que o trancar em casa p'ra [para]... Para ir trabalhar e...

Informante 11:

- i) E muitos também *caminhavam* [saíam] de Moçambique e já não chegavam à África do Sul...
- ii) Deu-lhe um enfarte... tava [estava] trabalhando no *furado* [túnel] de... Machico...

Informante 13:

- i) O *bailinho* [bailinho/música e dança madeirense] da Madeira... Os *bailinhos* [bailinhos/músicas e danças madeirenses]... Ok... E... O... Jorge Ferreira... O... Muitos artistas portugueses... O... Rui Veloso...

O... Seja o que for... Não é... Tudo o que era português qu'era [que era]...

A respeito do termo “*bailinho*”, de acordo com um inquérito realizado por Rebelo (2014:640) a uma determinada amostra de indivíduos madeirenses, “a generalidade dos inquiridos estabelece uma substancial diferença entre eles [entre “baile” e “bailinho”], não correspondendo, contudo, este último termo à noção de pequenez do primeiro”. De acordo com estas conclusões, “baile” designa uma atuação “formal”, enquanto que “bailinho” remete para uma realidade cultural e musical da Região. A autora acrescenta que “baile” é “uma festa com música para dançar” e “bailinho” é uma “dança específica dentro do folclore.” (Rebelo; 2014:641) Embora seja um termo capaz de embarcar vários significados, conforme é possível verificar no referido artigo, os nativos são capazes de distingui-los facilmente de acordo com o contexto:

“Quanto a “bailinho”, designa a) o grupo folclórico; b) o próprio folclore tradicional (“expressão musical popular mais genuína por resultar do cantar e do tocar madeirense (claro que se encontram bailinhos nos Açores e em Portugal Continental”)); c) “o tipo de música que é dançado; d) a “actuação de um grupo folclórico” porque é uma “dança (um baile) característica da Madeira”, isto é, “o baile das romarias” ou “uma forma de dança folclórica.”. Os inquiridos também identificaram a expressão idiomática portuguesa “Levar um bailinho ou um baile” (“numa competição, alguém está a conseguir fazer melhor que os adversários.”) (Rebelo; 2014: 641)

- ii) O presépio, a *lapinha*, a árvore de Natal...

2.2. Regionalismos lexicais

Informante 1

- i) Não o tinha conhecido [conhecido] de chapéu nem de *barreta* [boné], agora ele usa *barreta* [boné].
- ii) Mandou-me uma carta a me *rezondar* [ralhar-me] de tude [tudo] e depois chegou aqui, não deu assim muita...
- iii) *Aquilho* [Aquilo], ele ia plantando feijão, plantando *semilhas* [batatas], tinha banana, tínhamos pouca despesa, era mais azeite e massas e algum arroz.

Informante 2:

- i) Dizia lá o meu primo: “Olha, eu conheço uma *fatestinha* [fadestinha/engraçada], mas é muito nova, eu nã [não] sei se tu podes agarrá-la.”

Informante 6:

- i) Tínhamos comida... Batatas [batata-doce], *semilhas* [batatas], couves...

Informante 7:

- i) Depois d'eu [de eu] vir pra [para] cá, *inda* [ainda] cheguei a cavar, plantar *semilhas* [batatas]...

Informante 11:

- i) O que faltavam lá eram *semilhas* [batatas]...
- ii) Oh era o *brinquinho* [brinco/grupo musical]...

Informante 14

- i) Para no dia seguinte, [a] minha mãe, durante o dia... Ir lá, por exemplo, plantar a *semilha* [batata]...
- ii) E... no... o nosso jardim dava *pá* [para a] rua, *pá* [para a] estrada. Não havia vedação, não havia nada. [O] nosso... o nosso jardim acabava no... no... no... o *tratuário* [passeio] fazia parte do nosso jardim.

2.3. Empréstimos da(s) língua(s) do(s) país(es) de acolhimento

Quanto aos empréstimos da língua do país de acolhimento, também designados por estrangeirismos ou importações, são palavras que não pertencem ao léxico português, mas que pelo contacto com outra língua, começaram a ser utilizados pelos informantes. De acordo com Freitas *et al* (2003: 1) este processo de utilização de empréstimo linguístico, “decorre em três fases, as quais correspondem ao tipo de transformações evidenciadas pela palavra: i) transformações imediatas, ii) transformações progressivas e iii) integração no léxico.” É somente expectável que ocorram transformações aquando da passagem de uma língua para outra, sobretudo em falantes adultos cujas estruturas da oralidade já estão formadas. Naturalmente, não se poderá afirmar que, por ocorrerem transformações imediatas, essa palavra será automaticamente integrada no léxico. Na verdade, isso pode nunca acontecer.

Na investigação realizada, através dos dados fornecidos pelos informantes, foi possível observar que a primeira geração apenas utiliza palavras em inglês para referir-se a nomes de localidades, alimentação ou produtos específicos da África do Sul, enquanto que a segunda geração, para além de utilizar palavras, utiliza ainda construções fráscas mais elaboradas.

Atente-se às informações recolhidas:

Informante 1:

- i) E então foi assim que cheguei *lhá* [lá] e ele já estava à espera *em Cape Town* [cidade do Cabo].
- ii) Era *fish and chipes* [chips] [peixe e batata] e essa coisa de hambúrgas [hambúrgueres]...
- iii) E na altura vendia bastante que era [o] leite azede [azedo], era *sour milk* [leite azedo].

Informante 2:

- i) Era negócio de comidas, *take aways* [pronto a levar].

Informante 3:

- i) E só pelo facto de saber, porque na altura, muita pessoas iam, obviamente com mais idade, mas iam trabalhar pós [para os/para as] *farms* [fazendas].
- ii) Foi a *Cape Town* [cidade do Cabo], na cidade do Cabo.
- iii) Com catorze anos terminei o (stand às five [cinco]) na África do Sul, qu'ê [que é] é a... portanto, aí é uma mudança pró [para o] high school [escola secundária]...

Informante 4:

- i) *Snack bar*, claro... Restaurante e... *take away* [pronto a levar].

Informante 5:

- i) Era chamado o *ladies bar* [bar feminino] e o *public bar* [bar público]... E o *ladies bar* [bar feminino] fechava mais cedo...
- ii) Yeah... E *adepois* [depois] tinha outra vez do... *night managere* [manager] [gerente noturno] do hotel...
- iii) Não sei se já ouviu falar... *fish and chips* [peixe e batata], que é vender batata e peixe...
- iv) Um *fruit shop* [frutaria]... O que é que era um *fruit shop* [frutaria]? *Fruit shop* [frutaria]...

Informante 6:

- i) Veio *refusado* [*refused*/recusado]... E *aquilho* [aquilo] passou-se ali um... talvez um ano...

O vocábulo *refusado* é híbrido, visto que o locutor junta a forma verbal do Inglês *refused* ao sufixo *-ado* do participio passado em Português.

- ii) Eh... Não é tanto isso... É *fish and chips* [peixe e batata]... É pizzas...
- iii) Ele *adepois* [depois] diz: “Vamos!” Como... como quem diz “*follow me*” [segue-me].

Informante 7:

- i) E *fish* [peixe]... Era um *fish and chips* [peixe e batata], não sei se... Se ouviu falar...
- ii) Um apartamento é um *flete* [flat] [apartamento].
- iii) Estação de *trem* [*train*/comboio] em Germ... Germiston.

Informante 8:

- i) *To* [para]... Por isso o...

Informante 9:

- i) Iss... *But* [mas]... *but* [mas]... *but* [mas]...
- ii) Vendiam *fish and chips* [peixe e batata]...
- iii) Sempre, sem... E...*ya* [sim]...
- iv) Tudo o que era português queria algum pixinho [peixinho] ou um bacalhau ou *whatever* [tanto faz], iam bater à loja do meu pai...
- v) *What you called woods?* [O que chamaram de florestas?]
- vi) *Look at your face!* [Olha para a tua cara!]
- vii) *Oh, I know* [eu sei]... *I know* [eu sei]. *I'm trying to think* [estou a tentar pensar].
- viii) *How do you say lazy?* [Como se diz preguiçosa?]

Informante 10:

- i) O bacharelato... com *honors* [honra]...
- ii) Ou *fruit shops* [frutarias] ou *fish and chips* [peixe e batata]...
- iii) Os *stocks* [mercadoria armazenada]...
- iv) *Are you caucasian?* [És caucasiano] *Are you black?* [És negro?] *Are you white?* [És branco?] *Are you asian?* [És asiático?] *Are* [És]... Pronto... *Are you indian?* [És indiano] *Are you mixed?* [És mulato?] E regra geral...
- v) Um bocado... *Entrepreneurship* [empresendedorismo]...

Informante 11:

- i) Lá é “*spector*” [*inspector*/inspetor]...
- ii) Po [para o] *grade one*, *grade two* [primeira classe, segunda classe]!

Informante 12:

- i) Um... um... um *fish and chips* [peixe e batata].

Informante 13:

- i) Ah... se tivesse *smartphones* [telemóveis inteligentes]...
- ii) Era mais um clube de futebol... *Yeah* [sim]...
- iii) *Already* [já]... Já esqueci o nome daquela zona...

Informante 14:

- i) *Methylated spirits*... que era um petróleo... um petróleo diferente...
- ii) Escreva *passion gap* [lacuna do amor].
- iii) Reparei que muitas adolescentes... *cape coloured* [mestiço]...

2.4. Alcunhas individuais e coletivas ou gentílicos

Outro elemento da análise lexical é a presença de alcunhas individuais e/ou coletivas. De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, “alcunha” advém do termo árabe “al-kunya”, comumente traduzido por “sobrenome” ou “cognome”. Ao longo da História, é possível verificar que várias figuras de destaque, como por exemplo, reis e cavaleiros, possuem um “cognome” anexado ao seu nome próprio, sendo, por norma, um adjetivo que qualificasse algum traço de personalidade ou

fisionomia dessa mesma figura. O mesmo não acontece com “sobrenome” ou “apelido”, muitas vezes aplicados de forma errada, uma vez que esses termos designam um nome de família que vai passando de geração em geração. A este respeito, Nunes (cf. webgrafia “Alcunhas”) acrescenta:

Existem diferentes formas de nomear uma pessoa, quer na referência direta quer na referência indireta, ou seja, na ausência do indivíduo referido. Além do nome formal ou oficial dado pelos pais, e excluindo os pseudónimos criados pelo próprio indivíduo, as alcunhas, nomes informais com função distintiva de identificação social, são outra forma de nomeação atribuída por outros, a que a pessoa pode estar sujeita ao longo da vida.

Quanto à presença de alcunhas no decorrer do discurso, foi possível encontrá-las apenas dois informante:

Informante 11:

L: Sim, come [como] [o] meu pai é Jorge, mas [o] meu pai é João. Isto é uma maneira de falar. Sim, e o *Batalha* que era [o] meu irmão, o João. O... O... meu irmão Ivo era o *Jibinha* [Jiba/corcunda]. Olha...

D2: Ele era jiba, para chamarem *Jibinha*?

L: Ele era muito [muito] alte [alto] e muito magrinhe [magrinho] e fa... curvava.

D2: Ah...

L: Tá [está] compreendendo [a compreender]? Então, chamavam-lhe o *Jibinha*.

Informante 12:

D: Senhor Manuel Rodrigues...

L: [Bom dia...

D: No âmbito da... da... Nona Ilha... Portanto, neste caso...

L: [*Machete*...

L2: Ah...

D: *Machete* porquê?

L: Tocava-se muito naquele tempo...

D: Tocava machete, o senhor Manuel?

L: Tocava...

2.5. Provérbios e expressões populares

Para concluir esta seção, considerar-se-á a ocorrência ou não de provérbios e expressões populares nas entrevistas estudadas. Em Funk (2009: 2) encontram-se

algumas características que fazem uma proposição ser um provérbio: a) tem que ser formada por várias palavras; b) geralmente realizada por uma frase (ou como texto); c) ser proposição autónoma; d) ser breve; e e) poder ser independente do contexto (ausência de uma referência explícita ao contexto). Observe-se alguns provérbios e expressões populares recolhidos dos discursos dos informantes:

Informante 1:

- i) O que foi qu'eu [que eu] disse... O que [o] meu pai disse: “Olha, quem boa boa... Quem boa cama busca, boim [bom] bom sono dorme.”

Informante 2:

- i) Eu acho qu'ia [que ia] fugir logo pás [para as] saias da minha mãe eh, pa [para] pa [para] me cozinhar [cozinhar-me/proteger-me] ali, não era?

Informante 3:

- i) “Agora o senhor cônsul venha prá [para a] minha... P'ra [para a] minha cadeira e eu vou prá [para a] sua!”

Informante 4:

- i) Faziam-me perguntas, sim. Mais [mas] havia já alguém a trabalhare [trabalhar] com isso que dava a tal volta...

Informante 5:

- i) O dono do restaurante... Não sei porquê... Mas me caiu [caiu-me] em graça... Gostava muito e a mulher também... Que a mulher era daqui de Santo António...

Informante 7:

- i) Tenho o nome debaixo da língua...

Informante 8:

- i) Um bom pé de meia...
ii) (Água) abaixo...

Informante 11:

- i) Se um tostão servia, ele não deu um tostão.

2.6. Formas diminutivas e aumentativas

Informante 1:

- i) Ela viu o menino [menino] **negrinho** [negro], assim quase desta cor, e ela queria pegar no menino [menino].

Informante 2:

- i) E a nossa casa era de alto e baixo, era de três **quartinhos** em cima e dois quartos em baixo.

Informante 3:

- i) E /eu/ recordo-me perfeitamente uma coisa, qu'eu [que eu] tinha um **lencinho** [lenço] no... na... no... no... no bolso, tirei o bol... tirei o lenço, comecei a acenar.

Informante 4:

- i) E mandava um **dinheirinho** [dinheiro] p'ra [para] cá...

Informante 5:

- i) Era **joeiras** [papagaios de papel], era **carrinhos** de madeira...

Informante 6:

- i) Uns **sapatinhos** [sapatos] de sola seca... Tudo **envernizadinhos** [envernizados], ali tudo...

Informante 7:

- i) Vai fazer três **aninhos** [anos] agora.

Informante 8:

- i) E, então, é aqueles [aquele] **bercinho** [berço]... Aquele **bercinho** [berço], passado oito dias, quinze dias iam àquele... àquele **bercinho** [berço], c'aquela [com aquela] **roupinha** [roupa] que a... pa [para] coisa... para uã [uma] casa duma [de uma] senhora que tivesse... que...

- ii) Era um **molhinho** [molho] de cartas e de postais lindíssimos...

Informante 9:

- i) A gente [nós] era-se [éramos] obrigados... qu... ah... ah... ah... qu'o [que o] pai sempre... s'a [se a] gente não sentava-se [se sentava] a fazer o **trabalhinho** [trabalho], ah bat... batia na mão: "Vocês vão tra... vão... vão estudar".

Informante 10:

- i) Mas deram um **minutinho** [minuto]. Depois, entretanto, falaram com os vizinhos...

Informante 11:

- i) Não. Ele veio a cabo de um ano. Ele disse: "Daqui a dois anos, então, tu vais pa [para]...", já se sabe, ganhar **dinheirinho** [dinheiro] para isto e para aqui/ho [aquilo]. Também depois de eu tar [estar] lá, depois de nove meses, ele comprou casa.

Informante 12:

- i) Levantei um **carrinho** [carro] comercial...

Informante 13:

- i) E aí, come [como] era mais **crescidinho** [crescido]... Depois [depois], os meus pais colocaram-me na música eh... na escola portuguesa...

Informante 14:

- i) Castanjeta... todo aquele **peixinho** [peixe] piqueno [pequeno].

3. Análise morfossintática

No que diz respeito à análise morfossintática, esta irá incidir sobre a) a posição dos clíticos na frase; b) a ausência de artigo definido antes do possessivo em nomes de parentesco; c) a falta de concordância verbal, nominal e adjetival, sobretudo nas marcas gramaticais de género e número nos adjetivos, por influência do Inglês; d) sujeito exposto com “a gente” e e) o verbo *ter* com valor existencial (em vez de *haver*).

a) Posição dos clíticos na frase

De acordo com a *Gramática do Português* (Martins, 2013: 231), um clítico pode ser definido como um “item lexical sem acento prosódico atribuído no léxico, mas com uma certa liberdade posicional (tal como as palavras, mas contrariamente aos afixos)”.

Os clíticos podem ser artigos definidos, pronomes pessoais (o, a, os, as, lhe, lhes, se, me, te, nos, vos), pronomes interrogativos (que, porque) ou ainda preposições (de, para, com, por) e, visto ocuparem diferentes posições nas orações, podem ser classificados como enclíticos, proclíticos e mesoclíticos. Os enclíticos são precedidos pelo verbo (fala-me), os proclíticos precedem o verbo (não me fales) e os mesoclíticos podem ser encontrados entre o próprio verbo (falar-me-ás). A este respeito, na *Breve Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra, lê-se:

No futuro do presente e no futuro do pretérito o pronome oblíquo não pode ser enclítico, isto é, não pode vir depois do verbo. Dá-se, então, a mesóclise do pronome, ou seja a sua colocação no interior do verbo. Justifica-se tal colocação por terem sido estes dois tempos formados pela justaposição do infinitivo do verbo principal e das formas reduzidas, respectivamente, do presente do imperfeito do indicativo do verbo *haver*. (Cunha e Cintra, 1996: 203).

Em nenhum discurso foram encontradas marcas de mesóclise. A explicação reside no facto de esta só ocorrer na fala cuidada e não no registo coloquial, o que também está relacionado com a aquisição da linguagem, conforme Flores (2014: 20):

Se determinadas estruturas linguísticas não existem no seu *input* porque a criança está exposta a determinados registos ou variedades linguísticas que não contêm

essas estruturas (por exemplo o mais-que-perfeito do indicativo, a mesóclise no discurso coloquial), é evidente que a criança não irá adquirir estas estruturas.

Quanto à ênclise, embora seja adotada nas orações principais do Português europeu, existem algumas situações em que o uso da próclise é imperativo, segundo Cunha e Cintra (1996: 203): 1) negações (não *me* digas); 2) quantificadores (pouco *me* importa); 3) advérbios focalizadores (até o cão *me* mordeu); 4) advérbios enfatizadores (bem *te* disse eu); 5) advérbios focalizados (sempre *a* encontro triste); 6) declarativas enfáticas (pois *te* garanto); 7) interrogativas (quem *te* disse?); 8) exclamativas (como ela *me* irrita!); 9) imperativas com *que* (que *me* digam a verdade) e 10) optativas (ou *me* dizes ou...). Os informantes desta investigação forneceram exemplos de uma aplicação correta e incorreta dos clíticos na oração, como se pode verificar:

Informante 1:

- i) Entretanto, prontes [pronto] foi aí que conheci ele [o conheci]... > Está incorreto porque ocorreu uma confusão entre a utilização da pessoa verbal e o pronome pessoal. A forma correta seria: Entretanto, prontes [pronto] foi aí que o conheci.
- ii) E ele veio nos pôr [pôr-nos]. > Não existe nenhuma exceção à regra da ênclise mencionada acima que justifique a sua inexistência na oração. A forma correta seria: E ele veio pôr-nos.
- iii) Não o tinha conhecido [conhecido] de chapéu nem de barreta [boné], agora ele usa barreta [boné]. > A frase está correta porque a presença da negação “não” justifica a aplicação da próclise.

Informante 2:

- i) No domingo eu fui à igreja, como de costume, com a minha mãe, mal sabia de que tava [estava] al... alguém me espreitar [a espreitar-me]. > Uma vez que não existe nenhum indicador que justifique a utilização da próclise, a forma correta seria: No domingo eu fui à igreja, como de costume, com a minha mãe, mal sabia de que tava [estava] al... alguém a espreitar-me.
- ii) Se se acha que não, mande-o embora! > A ênclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu.

- iii) [O] meu pai veio me chamar [chamar-me]... > Não existe nenhuma razão para utilizar a próclise na oração, pelo que a forma correta seria: [O] meu pai veio chamar-me.
- iv) Que [a] minha mãe não se sentisse triste e eu cantava o cântico do Teixeira à minha mãe. > A próclise está a ser devidamente utilizada, uma vez que sucede uma negação.

Informante 3:

- i) Chamava-se moço nessa altura... > A ênclise está corretamente aplicada, de acordo com as normas do Português europeu.
- ii) P'ras [para as] batatas se manter [manterem-se]... > A próclise está a ser utilizada incorretamente. A forma correta seria: P'ras [para as] batatas [manterem-se]...
- iii) Eu já não estava mas ela contou-me a história... > A ênclise está corretamente aplicada, de acordo com as normas do Português europeu.
- iv) Entretanto, eu começo a olhar pra [para] baixo e vejo o barco a s'afastar [afastar-se] da terra. > Não existe nenhum motivo para utilizar a próclise nesta situação, assim que a forma correta seria: Entretanto, eu começo a olhar pra [para] baixo e vejo o barco a afastar-se.

Informante 4:

- i) Me entrevir [intervir-me/envolver-me] na agricultura... > No Português europeu, as regras indicam que nesta situação seria necessário utilizar a ênclise. A frase está, portanto, incorreta. A forma correta seria: Intervir-me/Envolver-me na agricultura...
- ii) Toca a se meter [meter-se] num camião que eles tinha [tinham]... > Não existe nenhum motivo para utilizar a próclise nesta situação, assim que a forma correta seria: Toca a meter-se num camião que eles tinham...
- iii) Come [como] se carregava porcos aqui na Madeira... > A ênclise está corretamente aplicada, de acordo com as normas do Português europeu.
- iv) Faziam-me perguntas, sim. > A ênclise está corretamente aplicada, de acordo com as normas do Português europeu.

Informante 5:

- i) Leve-me ao Porto Santo que eu também quero... > A ênclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu.
- ii) O meu pai só vem me chamar [chamar-me]. > A presença do advérbio focalizador “só” poderia justificar a utilização da próclise se não fosse sucedido por um verbo (vem), assim que a oração está incorreta. A forma correta seria: O meu pai só vem chamar-me.
- iii) Ela não me mandou buscar primeiro... > A próclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu.
- iv) Mas eu me lembro [lembro-me] que ele fazia consultório [consultas] à frente da “Confeitaria Camacho”... > A próclise está a ser utilizada incorretamente uma vez que, nesta situação, as normas do Português europeu aconselham a ênclise: Mas eu lembro-me que ele fazia consultório [consultas] à frente da “Confeitaria Camacho”...
- v) Posso lhe dizere [dizer] [posso dizer-lhe] até o nome... > De acordo com as normas do Português europeu, dever-se-ia utilizar a ênclise: Posso dizer-lhe até o nome...

Informante 6:

- i) Podiam lhe dar [dar-lhe] um dia de folga... > Não há nenhuma justificação para recorrer à próclise nesta situação, assim que a frase encontra-se incorreta. A sua forma correta seria: Podiam dar-lhe um dia de folga...
- ii) Chamava-se “Chave D’Ouro”... > A ênclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu.
- iii) Já não me lembra [lembro]... > A próclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu.
- iv) Foram me pôr [pôr-me] lá à casa desse senhor... > Não existe nenhuma razão para proceder ao uso da próclise neste caso, de forma que será necessário utilizar a ênclise para obter uma frase correta: Foram pôr-me lá à casa desse senhor...

Informante 7:

- i) Custou-me bastante, só Deus sabe! > A ênclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu.

Informante 8:

- i) Emigrou, veio (lhe)... arranjar [arranjar-lhe] noiva... > A próclise está incorretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu. A forma correta envolveria o uso da ênclise: Emigrou, veio... Arranjar-lhe noiva.
- ii) Quando o meu pai foi pá [para a] tropa foi preciso lhe arranjar [arranjar-lhe] um nome, como não t... sabiam bem. > A próclise está incorretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu. A forma correta envolveria o uso da ênclise: Quando o meu pai foi pá [para a] tropa foi preciso arranjar-lhe um nome, como não t... Sabiam bem...
- iii) O mais novo não, o penúltimo é que já foi tratado com algodão e safou-se. > A ênclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu.

Informante 9:

- i) Nos domungos [domingos] à tarde, por exemplo, ajuntava-se [juntavam-se] eh amigos e amigas eh madeirenses e portugueses. > Apesar da falta de concordância verbal, a ênclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu.
- ii) Não se fala, não. > A próclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu, devido à presença de uma negação.
- iii) Quando ela ensinava eles [lhes ensinava] alguma coisa depois duns [de umas] três, quatro semanas eles *inda* [ainda] me... *inda* [ainda] lembravam *aquilho* [aquilo] qu'ela [que ela] tinha... > Ocorreu uma confusão entre a 3ª pessoa do plural e o pronome pessoal “lhes”. Nesta situação, o advérbio focalizado “quando” indica a utilização da próclise: Quando ela lhes ensinava alguma coisa depois duns [de umas] três, quatro semanas eles *inda* [ainda] me... *inda* [ainda] lembravam *aquilho* [aquilo] qu'ela [que ela] tinha...

Informante 10:

- i) Ela não lhe deu muitas hipóteses... > A próclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu, devido à presença de uma negação.
- ii) Acho que já tinha-te dito... [Já te tinha dito]... A minha mãe era professora... > A ênclise está incorretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu. A presença do advérbio “já” indica a necessidade da próclise: Acho que já te tinha dito...
- iii) Ela não concretizou-se [se concretizou] com ele... > A ênclise está incorretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu, devido à presença de uma negação. Nesta situação, seria necessário recorrer à próclise: Ela... não se concretizou com ele...

Informante 11:

- i) Ele também já morreu... eh... que ele era dos Prazeres... (foram) passaram na fronteira, na fronteira deram-lhes outra vez sinais de luz para os outros passadores de lá eh por causa d’ eles [de eles] não tornarem (voltarem) a ser presos pa [para] eles vir [virem] para trás para Moçambique. > A ênclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu.
- ii) Quando lhe deu isso, já tava [estava] cá... > A próclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu, devido à presença do advérbio focalizado “quando”.
- iii) Não, no princípio eu tive medo de me enganar [enganar-me]... > Não há nenhum motivo para recorrer à próclise nesta situação, assim que a ênclise seria a opção correta: Não, no princípio eu tive medo de enganar-me...

Informante 12:

- i) Dum [de um] *senhore* [senhor] que necessitava dum [de um] *chofer* [motorista] p’ra [para] mim [eu] o ir buscar [buscar] [buscá-lo]... > A próclise está incorretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu. Seria necessário recorrer à ênclise para obter uma

frase correta: Dum [de um] senhore [senhor] que necessitava dum [de um] chofer [motorista] p'ra [para] mim [eu] ir buscá-lo...

- ii) Não me dava muito jeito... > A próclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu, devido à presença de uma negação.

Informante 13:

- i) Qu'ele [que ele] precisava de alguém só pa [para] dar um impulsozinho [empurrãozinho]... pa [para] lhe ajudar [ajudar-lhe]. > A próclise está incorretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu, uma vez que não existe nenhum motivo que justifique o seu emprego. A forma correta seria: Qu'ele [que ele] precisava de alguém só pa [para] dar um impulsozinho [empurrãozinho]... pa [para] ajudar-lhe.
- ii) Não tava [estava] a me adaptar [adaptar-me]... > A próclise está incorretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu. Nesta situação, uma vez que o verbo “estar” sucede a negação, a ênclise seria a escolha correta: Não tava [estava] a adaptar-me...

Informante 14:

- i) Primeiro, em primeiro lugar lembre-se que eu... > A ênclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu.
- ii) E então eu só falava africanse apesar do facto de não me compreendesse [compreendessem] muito bem porque... > Apesar da falta de concordância verbal, a próclise está corretamente aplicada de acordo com as normas do Português europeu, devido à presença de uma negação.

- b) Ausência de artigo definido antes do possessivo em nomes de parentesco

A ausência de artigo definido antes do possessivo, na História da Língua Portuguesa, é geralmente associada à conservação de um traço do Português antigo, enquanto a sua presença corresponde ao Português contemporâneo.

Informante 1:

- i) O que [o] meu pai disse: “Olha, quem boa boa... quem boa cama busca, boim [bom] bom sono dorme.”

- ii) Bem, entretanto [a] minha... a minha cunhada tinha uma irmã /e/ cá, e a minha cunhada já tinha ido pó [para o] para o Brasi/he [Brasil] com o meu irmão.
- iii) Da minha cunhada e prontes [pronto], e aí então, claro que nós mulheres, eu e [as] minhas irmãs, [as] duas e [a] minha mãe, tudo fica [de] fora...

Informante 2:

- i) [O] meu pai disse: “Eu amanhã vou passar o vinho, passe lá e toma um copo de vinho.”
- ii) [A] minha mãe chorou muito...
- iii) [A] minha mãe dizia: “Nã [não] dizes isso de coração!”

Informante 3:

- i) Entretanto [o] meu pai já tinha regressado, estava cá há mais ou menos um ano.
- ii) [A] minha mãe trabalhava e portanto... Havia sempre coisa... Mas era [eram] tempos difíceis, naturalmente...
- iii) Até porque eventualmente [o] meu pai acabou por emigrar novamente pá [para a] Venezuela e já...

Informante 5:

- i) E depois entretanto [o] meu pai saiu de lá da Quinta...
- ii) Mandou buscar [o] meu irmão...
- iii) Eu não sei se [a] minha mulher tem algumas...

Informante 6:

- i) [O] meu pai construiu uma casinha...
- ii) Preencheu lá uns documentos e nessa altura [o] meu pai tinha alguém que lá na África do Sul que...
- iii) [A] minha cunhada...
- iv) Conheço [os] teus irmãos...

Informante 8:

- i) Coisa, porque [a] minha tia mais velha tinha mais dez anos e meio qu’a [que a] minha mãe.

Informante 9:

- i) [O] meu avô era sapateiro portanto dinheiro... não havia (sempre) com dinheiro...
- ii) [O] meu pai foi para Joanesburgo e...
- iii) E uma... [O] meu pai chegou a ajudar muita...

Informante 11:

- i) Na fazenda. [A] minha mãe bordava e [o] mê [meu] pai trabalhava na fazenda.
- ii) [O] seu irmão já estava lá.
- iii) Ele já sabia que era [o] meu irmão cas [com as] luzes do carro.
- iv) Também [a] minha mãe se fosse ao Funchal passava lá...
- v) Todos os meus irmãos e todos [os] meus cunhados.

Informante 12:

- i) Sim senhor... [O] meu pai e [a] minha mãe...
- ii) [A] minha ideia era... voltar pa [para] casare [casar]...

Informante 14:

- i) [O] meu pai... e depois [a] minha mãe...

- ii) Nesse caso [o] meu pai trabalhava como empregado para um comerciante de peixe...
- iii) Ele, [a] minha mãe, [o] meu pai iam abrir essa mercearia e [a] minha mãe ficava na mercearia...

c) Falta de concordância verbal, nominal e adjetival

A falta de concordância verbal, nominal e adjetival, sobretudo nas marcas gramaticais de género e número nos adjetivos estão, muitas vezes, relacionadas com a influência da língua do país de acolhimento, o Inglês.

Informante 1:

- i) E o... pai da minha [do meu] cunhado era amigo do meu pai... > Falta de concordância nominal na marca gramatical de género (“minha” em vez de “meu”).
- ii) Realmente às vezes ainda me apetece, mas eu tenho ainda uns bordados matiz, esses eu use [uso], mas o [os] de madeira não use [uso]. > Falta de concordância nominal na marca gramatical de número (“o” em vez de “os”).

Informante 2:

- i) Era [eram] sempre os clientes primeiro, os clientes primeiro... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“era” em vez de “eram”).

Informante 3:

- i) Portanto... Tinha um [uma] pequena casita [casinha]. > Falta de concordância nominal na marca gramatical de género (“um” em vez de “uma”).
- ii) Mas entretanto, as circunstâncias também não era [eram] assim muito fáceis na nossa terra como na altura. > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“era” em vez de “eram”).
- iii) P’ra [para] já hoje inda [ainda] são difícil [difíceis], mas na altura inda [ainda] pior... > Falta de concordância adjetival na marca gramatical de número (“difícil” em vez de “difíceis”).

- iv) Mas era [eram] tempos difíceis, naturalmente... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“era” em vez de “eram”).

Informante 4:

- i) Foi [fui] até à terceira classe por uã [uma] razão... completar os doze anos... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“foi” em vez de “fui”).
- ii) Sim... Depois de chegar a Moçambique foi [fui] p’ra [para] uma residencial [residência]... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“foi” em vez de “fui”).
- iii) Diziam eles uns p’ra [para] o outro [os outros]... > Falta de concordância nominal na marca gramatical de número (“o outro” em vez de “os outros”).

Informante 5:

- i) Depois foi [fui] crescendo... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“foi” em vez de “fui”).
- ii) Vai [vão] os pais... e então... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“vai” em vez de “vão”).

Informante 6:

- i) Praticamente essa casa tinha quatrê [quatro] cartes [quartos]... E no [na] qual vivia [viviam] os meus avós... Vivia um tio meu que era irmão da minha mãe... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“vivia” em vez de “viviam”).
- ii) Era... mais era [eram] semilhas... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“era” em vez de “eram”).
- iii) E talvez os três irmãos mais velho [velhos] do que eu... > Falta de concordância adjetival na marca gramatical de número (“velho” em vez de “velhos”).
- iv) Era assim que as coisas funcionava [funcionavam]... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“funcionava” em vez de “funcionavam”).

Informante 7:

- i) Pá [para a]... pá [para a] minha sogra, era [eram] as pessoas... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“era” em vez de “eram”).
- ii) Que há pessoas que nem todas tem [têm] a mente aberta como... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“tem” em vez de “têm”).

Informante 8:

- i) O começo foi sempre por necessidades [necessidade]... > Falta de concordância nominal na marca gramatical de número (“necessidades” em vez de “necessidade”).
- ii) E quase na primeiro [primeira]... Na primeira... > Falta de concordância adjetival na marca gramatical de género (“primeiro” em vez de “primeira”).
- iii) Venderam tudo o que tinham, tudo [todos] as [os] seus haveres e foram para o Brasile [Brasil]. > Falta de concordância nominal na marca gramatical de número e género (“tudo” em vez de “todos” e “as” em vez de “os”).

Informante 9:

- i) Ela... Ela tinha muito medo quando havia dois [duas]... dois [duas] vacas a se... > Falta de concordância nominal na marca gramatical de género (“dois” em vez de “duas”).

Informante 10:

- i) Foi [foram] meses... Acho que foi [foram] seis meses depois... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“foi” em vez de “foram”).
- ii) Eu acho que mesmo a nossa casa era rodeado [rodeada] por pessoas de lá... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de género (“rodeado” em vez de “rodeada”).

Informante 11:

- i) Que ele era dos Prazeres... (foram) passaram na fronteira, na fronteira deram-lhes outra vez sinais de luz para os outros passadores de lá eh por

causa d'eles [de eles] não tornarem (voltarem) a ser presos pa [para] eles vir [virem] para trás para Moçambique. > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“vir” em vez de “virem”).

- ii) Sim, com onze anos! Com onze anos já foi [fui] para casa alheia... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“foi” em vez de “fui”).

Informante 12:

- i) Entretanto eu já foi [fui] com um aviso... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“foi” em vez de “fui”).
- ii) Ainda tive lá três negócio [negócios]... > Falta de concordância nominal na marca gramatical de número (“negócio” em vez de “negócios”).

Informante 13:

- i) Então era [eram] duas associações que tinham lá... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de número (“era” em vez de “eram”).
- ii) Infelizmente as coisas correm [correram] mal e depois divorciou-se... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de tempo (“correm” em vez de “correram”).

Informante 14:

- i) Porque foi assim o... [a] minha irmã... > Falta de concordância nominal na marca gramatical de género (“o” em vez de “a”).
- ii) Dávamos desenhos p'ra [para] eles desenhar [desenharem]... > Falta de concordância verbal na marca gramatical de tempo (“desenhar” em vez de “desenharem”).

d) Sujeito expreso com *a gente* em vez de *nós*

Informante 1:

- i) Eh... Prontes [pronto] **a gente** [nós] sabe [sabemos] que o nosso caminhe [caminho] qu'era [que era] o casamento, mas...

Informante 2:

- i) Ele disse: “Olha, **a gente** [nós] pode-se [podemos] fazer um...

Informante 3:

- i) “Olha... eh... Entretanto quando **a gente** [nós] vamos [formos], vais pôr umas batatinhas a cozer para quando nós chegarmos já ter a [as] batatas cozidas.”
ii) Mas e depois adaptamos aquela [àquela] gente. Eles davam-nos até gelados pá [para a] **gente** [nós] comer [comermos] de borla, aqui/ho [aquilo] era era uma alegria que nós (tínhamos).

Informante 4:

- i) P’ra [para] onde **a gente** [nós] ia ir [íamos].
ii) Como os trabalhos aqui é como **a gente** [nós] sabe [sabemos]...

Informante 5:

- i) **A gente** [nós] pa [para] termos uma vida tínhamos que emigrar...
ii) Há coisas... que **a gente** [nós] começa [começamos] a falar...

Informante 6:

- i) **A gente** [nós] também escrevia [escrevíamos] numa...
ii) Ela sabia que **a gente** [nós] ia [íamos] com aquele fim...

Informante 7:

- i) Eh... e s’a [se a] a escola era de manhã, **a gente** [nós] de manhã até à hora d’ir [de ir] pá [para a] escola...
ii) **A gente** [nós] vemos [viemos] pr’aqui [para aqui], vemos [viemos] de vez, em noventa e dois.

Informante 8:

- i) Eles convidavam-me e **a gente** combinava um grupo e lá ia p’ra [para] casa duma [de uma] e depois p’ra [para] casa...

Informante 9:

- i) E já era muito longe p’ra [para] minha mãe andar p’ra [para] cima e p’ra [para] baixo com **a gente** [connosco] na escola...

Informante 11:

- i) Não era. O neto dele podia dar até à quarta classe que era o Jordão e **a gente** [nós] vinha-se lá [vínhamos/íamos] lá...

Informante 12:

- i) **A gente** [nós] tinha [tínhamos] que se ir fugides [fugidos] pa [para] Moçambique...
ii) Já **a gente** [nós]... já não se dava [nos dávamos] muito bem...

Informante 13:

- i) Porque **a gente** [nós] nunca sabe [sabemos] quando vai...
ii) E **a gente** [nós] ficava-se [ficávamos] lá depois da missa e ficava-se [ficávamos] na rua a falare [falar]...

Informante 14:

- i) Acho que não era justo **a gente** [nós] tar [estar/estarmos] a pagar impostos pa [para] dois carros que íamos comprar...
- ii) **A gente** [nós] devia [devíamos] ter as nossas palavras...

Situações como esta ocorrem frequentemente, porque a expressão *a gente* corresponde à linguagem informal e popular, como equivalente de *nós*.

e) Verbo *ter* com valor existencial (em vez de *haver*)

Informante 3:

- i) Mas eu, é qu'a [que a] a a minha vida na África do S... propriamente dita, passou-se por várias situações que dá uma história para contar que não... Não **tem** fim, por exemplo...

Informante 5:

- i) A primeira vez que era aqueles aviões... **tinha** aquelas hélices... Não é? Eu fui daqui p'ra [para] Lisboa...
- ii) **Tinha** erva deste tamanho... ((risos)) e um telheiro zinco...
- iii) E **tinha** uma quinta muito grande...
- iv) **Tinha** fábricas de fazer ração pa [para] animais...

Informante 11:

- i) **Tinha** dois quartos, cozinha e casa de banho.

Informante 12:

- i) Já **tinha** a casa...
- ii) *Adepois* [depois] **tinha** aqui... um carro...

Informante 14:

- i) O único sítio onde (...) não **tinham** muita cárie era Caniçal e Porto Santo...
- ii) No (...) Porto Santo... Caniçal não havia flúor na água, mas também **tinham** dentes bons...

O uso do verbo *ter* com valor existencial, em vez do verbo *haver*, era característico do Português antigo, tendo sido conservado junto da população mais isolada dos meios rurais e menos escolarizada, onde não houve a imposição da norma da escola. Este traço conservador, que é corrente no Português do Brasil, também ocorre

na variedade do Português falado na Madeira, como demonstram os estudos de Aline Bazenga (cf. webgrafia), sobre as construções existenciais com o verbo *ter*, sempre que é possível substituí-lo pelos verbos *haver* ou *existir*, distinguindo-se do valor semântico de posse. A autora também estuda o uso do pronome *a gente* e dos possessivos pronominais sem artigos (que informa ocorrerem igualmente nos Açores, ainda que com menor frequência), sendo usos recorrentes no Português do Brasil. Os dados da Madeira foram reunidos e analisados pela investigadora acima referida no *Corpus Sociolinguístico do Funchal (CSF)*, em construção desde 2010.

f) Omissão de preposições e de outros elementos gramaticais

Informante 1:

- i) **[O]** mé [meu] maride [marido] ficou a trabalhar com o irmão, outro irmão que também tava [estava] na Suazilânde [Suazilândia], **[que]** queria casar aqui na Madeira.

Informante 2:

- i) **[A]** minha mãe não... não **[se]** envolveu em nada nisto.

Informante 3:

- i) Como é **[que]** hei de dizer?

Informante 4:

- i) Depois [depois] de tar [estar] no snack-bar, já aprendi um bocadinho **[de]** Inglês.

Informante 5:

- i) E depois, entretanto, **[o]** meu pai saiu de lá da Quinta, foi trabalhar p'ra [para] um barco que **[se]** chamava “O Lisbonense”...

Informante 6:

- i) Eu lembro-me... lembra-me [lembro-me] **[que]** o primeiro pare [par] de sapatos que eu tive, fui eu que comprei co [com o] meu dinheiro...

Informante 8:

- i) S'ela [se ela] tivesse **[de]** dizer: “Levas duas bofetadas!” a uma filha já crescida, casada, ela...

Informante 9:

- i) A minha mãe dizia [contava] muitas histórias **[de]** quando ela era m... era nova.

Informante 10:

- i) Quem era **[de]** descendência europeia, mas tipo mediterrâneo **[mediterrânica]**...

Informante 13:

- i) Mas se for, por exemplo, se houvesse alguém que queria **[quisesse]** emigrar daqui pá **[para a]** África do Sul, como já houve um amigo meu, **[que]** foi o ano passado... ou este ano...

Informante 14:

- i) Eu, claro, que nunca tinha acabado de estudar porque eu sabia **[que]**, logo que acabasse de estudar, tinha que ir trabalhar.
ii.) Neste caso, também é raça negra. Isto é só p'ra **[para]** ver... eh... o... o valor à... à **[da]** noção **[de]** vida.

Capítulo III - Estudo sociocultural das temáticas do quotidiano

Nesta seção, serão abordados conteúdos relativos à variação sociocultural dos informantes: sexo, idade, escolaridade e profissão; aspetos da língua nos relatos da infância, da sociedade, dos hábitos, costumes e tradições (tendo em conta a sua identidade sociocultural); as consequências do contacto entre línguas e a visão da Madeira e dos países de acolhimento.

1. Factores de variação linguística e de identidade sociocultural

Na presente investigação, foram utilizados os discursos fornecidos por catorze informantes, sendo 6 informantes do sexo feminino, 7 do sexo masculino e 1 misto (um informante masculino e um informante feminino na mesma entrevista), de diferentes faixas etárias e com diferentes níveis de escolaridade e, conseqüentemente, com profissões distintas. Pretende-se verificar até que ponto estas variáveis de identidade sociocultural dos indivíduos correspondem a diferentes usos da fala, com maior ou menor variação linguística.

a) Sexo

A variável sexo é importante para este trabalho, visto que no âmbito da emigração e da própria vivência, tanto na Madeira como na África do Sul, por vezes, havia espaços e tarefas diferenciados para os dois géneros. Como se pode ver no gráfico abaixo, procurou-se ter o mesmo número de informantes dos dois sexos.

É já na Grécia Antiga que se observam as discrepâncias entre as atividades e espaços designados a homens e mulheres. A *pólis* (cidade), a título de exemplo, era um local tradicionalmente masculino, onde se reuniam os grandes oradores e políticos e discutiam os assuntos da comunidade. As mulheres, por sua vez, estavam excluídas deste espaço e deixadas a cuidar do lar, podendo, eventualmente frequentar o mercado ou outros espaços tradicionalmente aceites. Esta tendência separatista e discriminatória continuou a prevalecer na cultura ocidental, com a visão de que as mulheres deveriam permanecer em casa e os homens sair para trabalhar. Na época de emigração em questão, verifica-se não só este sistema de separação, mas também, em alguns casos, as

mulheres apresentam um papel significativo no trabalho, geralmente nos negócios, juntamente com o marido.

Então, por um lado, temos a informante 11 que só trabalhou antes de casar, como criada numa casa no Funchal, para ajudar a família que era pobre. Depois de casar, o marido não quis que ela trabalhasse mais fora de casa, acontecendo o mesmo quando foram para a África do Sul. Neste caso, o marido trabalhava na construção civil, não sendo comerciante, como era habitual entre os emigrantes madeirenses naquele país, o que poderá explicar o facto de ser a única informante que não trabalhou. As informantes 1, 2 e 7 trabalharam nos negócios dos respetivos maridos, sobretudo na área da restauração (*Fish and chips* e *take-away*), mas também em frutarias e mercearias. A este propósito, citamos a informante 2:

L: E eu tinha tanta... Eu só tinha um filho... Só disse ao meu marido: “Ai, se aquele filho morre, eu *elouqueço* [enlouqueço]! S’ele [se ele] morre, eu *elouqueço* [enlouqueço]!”. Ter um filho só... Eu queria [ter] mais um filho! Ele nunca quis qu’eu [que eu] tivesse mais filhos por causa de trabalhar com ele. Isto é bom trabalhar co [com o] marido, mas também eles ficam muito...

D: [Agarrados?

L: *Nã* [não] podem passar sem a mulher. ((risos))

D e D2: ((risos))

L: E depois eu fazia tudo e mais alguma coisa, não é? Como uma empregada. ((risos)) Ele sabia que podia confiar em mim, no trabalho e em tudo... eh... Até que derivado [devido] a isso, trabalhei muito... Fiquei... eh... Era [eram] sempre os clientes primeiro, os clientes primeiro... Fiquei a sofrer da bexiga isto... Vocês não me tão [estão] a con... a perguntar da vida privada...

A informante 10, visto pertencer à segunda geração de emigrantes, já teve a possibilidade de estudar na África do Sul, fazendo o mestrado lá e prosseguindo os estudos na Universidade da Madeira, onde fez o doutoramento e continua como investigadora, depois de ter regressado à Madeira com os pais. Quanto à informante 8, enfermeira reformada, não emigrou para a África do Sul, fazendo parte deste *corpus* devido ao seu voluntariado na Ação Católica Feminina, ajudando muitas raparigas a escrever e a ler cartas dos noivos emigrados e a tratar dos papéis para os casamentos por procuração, conhecendo e acompanhando as suas histórias de vida.

Atualmente, o estatuto da mulher sofreu mudanças significativas e o momento de entrevista pretende captar essa reconstrução sociocultural: o passado vs o presente.

Ao longo do tempo, a mulher assumiu novas atribuições e integrou-se à vida pública, deixando de ser uma mera reprodutora (biológica, linguística e social), assumindo seu lugar nas transformações da comunidade na qual está inserida. No contexto específico da linguagem, passou também a deixar suas marcas, as quais despertam, há tempos, a curiosidade de linguistas, que, descrevendo-as, procuram atrelá-las a fatores de ordens várias (Vieira; 2010: 1).

Eckert (1989: 257) declara que “a diferença linguística entre os gêneros é maior em alguns segmentos da sociedade, principalmente naqueles onde não há muito prestígio”. Assim sendo, nas classes sociais mais elevadas, ao contrário das mais baixas e menos escolarizadas, não há grandes diferenças entre os dois gêneros no uso da língua.

b) Idade

No que diz respeito à variável idade, a amostra dos entrevistados oscila entre os 39 e os 82 anos, pelo facto de serem indivíduos da primeira e da segunda geração de emigrantes.

De acordo com Wildner (2009: 43), “sempre que lidamos com fenómenos em processo de mudança, o controle da faixa etária é necessário para que se possa analisar o estágio em que se encontra a mudança”. Neste caso, podemos observar a variação e a mudança linguísticas no uso da Língua Portuguesa falada pelas duas gerações de emigrantes, bem como as visões distintas sobre a temática da emigração e a própria realidade madeirense e sul-africana.

A maior parte dos informantes são da primeira geração, entre os 66 e os 86 anos, enquanto os restantes informantes, da segunda geração, têm entre os 39 e os 60 anos. Nota-se que estes já não se dedicam ao comércio como os pais, tendo tido a oportunidade de estudar, inclusive até no ensino superior.

c) Escolaridade

Neste estudo, os emigrantes da primeira geração apresentam o ensino básico (1º ciclo), muitas vezes incompleto, como é o caso dos informantes 4 e 12 com apenas três anos de escolaridade e da informante 11, apenas com a antiga segunda classe, ou seja, dois anos de escolaridade. Na segunda geração, existem 4 informantes com qualificações superiores, nomeadamente dois cursos superiores profissionais (informantes 9 e 13), uma licenciatura (informante 14) e um doutoramento (informante 10). No quadro abaixo, reúnem-se os dados socioculturais dos informantes.

Informante	Sexo	Idade e geração	Escolaridade	Profissão	Localidade de origem
1	Feminino	74 - 1ª geração	4º ano	Comerciante/ reformada	Santa Cruz
2	Feminino	70 - 1ª geração	4º ano	Comerciante/ reformada	Fajã da Ovelha (Calheta)
3	Masculino	66 - 1ª geração	8º ano	Comerciante/ reformado	Ponta do Pargo (Calheta)
4	Masculino	69 - 1ª geração	3º ano	Comerciante/ reformado	Ribeira Brava
5	Masculino	69 - 1ª geração	4º ano	Comerciante/ reformado	Monte (Funchal)
6	Masculino	73 - 1ª geração	Ensino básico	Comerciante/ reformado	Lamaceiros (Porto Moniz)
7	Feminino	72 - 1ª geração	4º ano	Comerciante/ reformada	Curral das Freiras (Câmara de Lobos)
8	Feminino	76	Bacharelato	Enfermeira/ reformada	Câmara de Lobos
9	Misto	48 e 43 - 2ª geração	MBA 12ºano (?)	Marketing (?)	Witbank – Pais da Ponta do Pargo (Calheta)
10	Feminino	39 - 2ª geração	Doutoramento	Investigadora	Joanesburgo – Mãe de S. Vicente e pai da Ponta do Sol
11	Feminino	78 - 1ª geração	2º ano	Doméstica	Água de Pena (Machico)
12	Masculino	82 - 1ª geração	3º ano	Comerciante/ reformado	Rosário (S. Vicente)
13	Masculino	43 - 2ª geração	Curso Técnico de Informática	Dono de Agência Imobiliária	Pretoria - Pais de S. Martinho (Funchal)
14	Masculino	60 - 2ª geração	Licenciatura	Dentista	Cape Town - Pais da Fajã da Ovelha (Calheta)

Fig. 2: Quadro de identificação sociocultural dos informantes

Como é lógico, a escolaridade tem um reflexo nas profissões dos mesmos, assim que, nos informantes com maior escolaridade, verifica-se a existência de profissões menos “manuais”, como por exemplo, técnico de informática, dentista, enfermeira e investigadora. Uma vez que são profissões que exigem certos conhecimentos da língua na oralidade e escrita, verifica-se um maior cuidado no discurso oral destes informantes.

2. Aspetos socioculturais da vida na Madeira

A maioria dos informantes que participaram nesta investigação são provenientes de zonas rurais da ilha da Madeira, como é o caso da Ponta do Pargo, Fajã da Ovelha, Porto Moniz, entre outros, pelo que se verifica uma continuidade dos traços linguísticos e socioculturais dessas zonas rurais nas suas narrativas.

Através dos relatos dos informantes da primeira geração, que têm em comum a dura vida do campo, a escolaridade reduzida e poucas ou nenhuma condições de progresso social e económico, é possível perceber as semelhanças de vida nas suas localidades de origem, quanto à infância e à própria sociedade: a agricultura de subsistência, a necessidade de trabalhar para ajudar a sustentar a família ou, por vezes, apenas para ter uma refeição e, por fim, o desejo de emigrar para melhorar as condições de vida, tendo em vista o regresso à ilha com dinheiro para construir uma casa.

Os indivíduos do sexo masculino, habitualmente, iam já de tenra idade trabalhar para o campo na agricultura ou no tratamento do gado, podendo inclusive, trabalhar terrenos de vizinhos ou outros interessados para ganhar algum dinheiro extra para casa. Observe-se alguns testemunhos:

Informante 3:

A erva de manhã... Eh... E então ficávamos ali em casa... Eu era o mais velho, /eu/ tinha, mais ou menos, uns sete anitos [anos] e a minha mãe dizia: “Olha... Eh... Entretanto quando a gente [nós] vamos [formos], vais pôr umas batatinhas a cozer para quando nós chegarmos já ter a [as] batatas cozidas.” E /eu/ recordo-me perfeitamente que na altura eles deitave [deitavam] um... Um certo, Um... Acho qu’era [que era] uã [uma] coisa qualquer... Um produto qualquer... P’ra [para] com’ é [como é] que se diz... P’ras [para as] batatas se manter [manterem-se]... Para durar mais tempo... Eh...

Informante 4:

Quis aprender a tirar o leite aís [às] vacas... Daí p’ra [para a] [frente] já me tocou esse trabalho... Essa responsabilidade...

De seguida, estes indivíduos tentavam sair não só da zona onde se encontravam mas da própria Madeira, procurando locais onde fosse relativamente fácil entrar e onde pudessem fixar-se com sucesso. Ora, estes locais eram, tradicionalmente, colónias portuguesas. O maior problema da emigração direcionada à África do Sul estava relacionado, como já referido, com a entrada legal e a adaptação à nova língua e à cultura. Visto que muitos deles desempenhavam funções ditas inferiores e não dominavam a língua, por norma, não se envolviam com a comunidade local, o que se refletia no regresso à Madeira para casar ou nos casamentos por procuração. Estes casamentos arranjados eram uma prática corrente, não só na emigração para a África do Sul, mas também para a Venezuela, e foram um factor muito importante de manutenção da ligação à Língua Portuguesa e à cultura madeirense. Ao contrário dos casamentos da segunda geração, que tendem a ser feitos já com sul-africanos, e em que, sobretudo quando a mãe não é luso-descendente, se perde a transmissão da língua e das tradições, isto é, a ligação à comunidade de origem.

A informante 1 conheceu o marido quando este veio à Madeira e depois casaram por procuração, enquanto o marido da informante 2 veio à Madeira para arranjar noiva e arranjou o casamento através do primo de um outro emigrante madeirense na África do Sul, quando ela tinha 16 anos e casaram-se cá. O informante 3, tal como o 4, conheceu a esposa numa vinda à Madeira e depois regressou para casar, enquanto o informante 7 casou por procuração.

A vida das mulheres na Madeira era diferente da dos homens. Embora estas também participassem nas atividades agrícolas, bordavam ou aprendiam costura e tinham de preparar o dote para o casamento. Por isso, por vezes, pagavam mesmo a bordadeiras para bordarem toalhas e lençóis, com bordado Madeira, para o seu dote. Já em crianças aprendiam a cozinhar e tomar conta de uma casa, fazendo tarefas de limpeza. Algumas delas, especialmente se eram as filhas mais velhas, eram enviadas para a cidade, para a casa de famílias ricas, para trabalharem no serviço doméstico, de forma a ganharem algum dinheiro para a família. Atente-se no seguinte diálogo com a informante 11:

D2: Trabalhou?

L: Eu foi [fui] com onze anos pá [para a] casa alheia.

D2: Já em criança?

L: A gente era-se [éramos] muitos filhos (...) Hum?

D2: Já em criança? Começou a trabalhar...

L: Sim, com onze anos! Com onze anos já foi [fui] para casa alheia (...)

D: E o que é que fazia?

L: Regando flores e comendo co [com]... Co... [com]... Cos [com os] pratos na cabeça.

D: E pagavam-lhe ou pagavam à sua mãe?

L: Vinte euros! Eh... Vinte escudos!

D: Vinte escudos...

L: Eu lembro-me sempre... Vinte escudos!

D: E davam o dinheiro a si ou à sua mãe?

L: À minha mãe, coitadinha. Por causa da ajuda do café e do pão. ((risos))

Em relação à separação entre géneros, as mulheres tinham de ter um comportamento recatado, por isso apenas os homens frequentavam as tascas e, mesmo nos arraiais madeirenses, para beber uma laranjada, as mulheres tinham de esperar fora, enquanto eles compravam e lhes traziam as bebidas, conforme relata a informante 1.

Assiste-se a uma Madeira antiga, em que não havia dinheiro, uma altura predominantemente marcada pelas trocas de produtos e não monetárias, como indica o informante 6: “Alguma coisa... Às vezes açúcar... *Piquena* [pequena] coisa... *Piquena* [pequena] coisa... Que ela comprava... Peixe era de vez em cando [quando] aparecia... Mas não era comprado, era trocado por... por...”.

No que diz respeito aos costumes e à tradição madeirense, especialmente em épocas festivas, verifica-se um conjunto de comportamentos e rotinas diferentes, especialmente no que toca à alimentação, à música e à religiosidade. Este comportamento cultural assumiu-se como um verdadeiro marco identitário, na medida em que os emigrantes os levaram para os países de acolhimento.

No que diz respeito à música, o Visconde do Porto da Cruz (1995) afirma que as danças portuguesas, são características e estão embebidas do “sentimentalismo nacional”. Isto, torna-se evidente através da existência de Casas da Madeira na África do Sul, onde se tocam e cantam músicas portuguesas e madeirenses. O informante 10, elemento da segunda geração, comprova a existência desta identidade musical, mas reconhece que já não a identifica como sua, mas sim como um elemento identitário da geração anterior (os pais e os seus conterrâneos): “Eh... exatamente. A idade da parva... eh... Eu não gostava porque achava que era um pouco foleiro... e era para

ouvir... E eles convidavam... eh... tipo Jorge Palma... E eu, para mim, não gostava de ouvir aquela música. Para mim era... Não gostava...”. Quanto ao informante 13, apesar de ser da segunda geração, identifica-se com esse traço cultural, participando ativamente nas festas portuguesas, organizadas pela Casa da Madeira, com o seu grupo musical “Atlântico”, que tocava e cantava músicas portuguesas e madeirenses: “O *bailhinho* [bailinho] da Madeira... Os *bailhinhos* [bailinhos]... Ok... E... o... Jorge Ferreira... O... muitos artistas portugueses... O... Rui Veloso... O... seja o que for, não é? Tudo o que era português, o qu’era [que era] madeirense”.

Falar da Madeira e dos madeirenses é falar-se de um verdadeiro conjunto de características que só na ilha podem ser encontradas, uma verdadeira “madeirensidade”, que surge a par do conceito de “portugalidade”. O termo “madeirensidade”, proposto pelo historiador Paulo Miguel Rodrigues (2010), pretende analisar a problemática da conjugação da ideia de insularidade com a de autonomia:

A Ilha emerge, portanto, como um espaço em simultâneo centrípeto e centrífugo (prisão *exilante* e refúgio paradisíaco, e, por vezes como um lucrativo entreposto de trânsitos múltiplos e miscigenadores, de que a Madeira será apenas um exemplo. E neste sentido, a Ilha é, ao mesmo tempo, espaço de consolidação identitária e lugar de risco/ameaça; local de (re)nascimento e morte (Rodrigues, 2010: 212).

De facto, até ao século XIX, o porto madeirense assumiu-se como um ponto de paragem quase obrigatória para a maioria das rotas transatlânticas, o que por sua vez, proporcionou um intercâmbio cultural significativo. No entanto, a crise económica que assolou a ilha da Madeira, na década de 40 e 50 desse mesmo século, foi um grande impulso à emigração.

A população, especialmente nas zonas rurais, vivia em condições de extrema pobreza e inclusive fome. Os trabalhos disponíveis na área da agricultura e no tratamento do gado eram extenuantes e, frequentemente, eram em terrenos de grandes proprietários onde tinham que pagar pela sua utilização. O papel dos senhorios e grandes proprietários de terrenos agrícolas só viria a decrescer significativamente décadas mais tarde, quando, como Vieira (2007: 98) descreve, “por força das circunstâncias da mudança política resultante, primeiro da revolução liberal e depois da República, assistiu-se a uma mudança radical na sociedade madeirense”.

3. Vivências socioculturais no(s) país(es) de acolhimento

Movidos pelo desejo e necessidade de melhores condições de vida, os madeirenses emigraram e, no caso da África do Sul, a maior parte trabalhava como empregado ou proprietário de negócios de restauração, os chamados “Fish and chips” (peixe e batata), frutarias (“fruit shops”) ou mercearias.

O informante 3 emigrou com 12 anos para a África do Sul, com carta de chamada para estudar, mas na realidade já era para trabalhar. Frequentava a escola até às duas horas da tarde e trabalhava após as aulas. Diz que “a África do Sul era um mundo num país”. Começou por ajudar no supermercado de um tio, depois trabalhou por conta de um compadre numa “fruit shop” e um ano depois tornou-se sócio. Aos domingos, único tempo livre que tinha, jogava à bola e frequentava os clubes portugueses. Os informantes 4, 5, 6 e 12 entraram ilegalmente, “a salto”, na África do Sul, através de Moçambique. Esta era a situação mais comum de emigração, na altura, para a África do Sul: rapazes que além da motivação económica para emigrar também fugiam à guerra colonial. No caso do informante 4, emigra para Moçambique aos 16 anos para fugir aos serviço militar e paga a um passador para levá-lo para a África do Sul, onde trabalhou muitos anos num snack-bar por conta de outrem, até ter o seu próprio negócio. O informante 5, enquanto esperava por carta de chamada, acabou por completar os 18 anos na Madeira e já não pôde emigrar legalmente. Passou a salto para a África do Sul, onde começou por trabalhar num “Fish and chips” e depois como gerente de um hotel, trabalhou também como vendedor e chefe de vendas de uma fábrica de produtos alimentares e acumulou um part-time como “night manager” (gerente noturno) num bar. No que respeita ao informante 6, para fugir ao Ultramar, emigrou para Moçambique com 19 anos e passou ilegalmente para a África do Sul. Teve trabalhos pouco remunerados até conseguir a legalização, quando trabalhou para uma firma que lhe tratou dos papéis. O informante 12 teve várias experiências de mobilidade e migração em diferentes países. Começou por emigrar para o Curaçau, regressando à Madeira, depois emigra de forma ilegal para a África do Sul, através de Moçambique. Volta à Madeira e emigra para a Venezuela, volta novamente para a Madeira, onde trabalha como motorista, mas como o ganho é pouco, volta a emigrar, desta vez, para a Rodésia, onde trabalha num negócio de *fish and chips*. Diz que este era um país muito bom para ganhar dinheiro e para viver, mas teve de deixar o país por questões de segurança, depois das mudanças políticas e das retaliações dos negros.

No que diz respeito às mulheres, estas só emigravam para acompanhar os respetivos maridos. No caso da primeira informante começou por ficar em casa e não falava nem compreendia Inglês, dependia do marido para tudo, tendo poucos contactos sociais, o que fez com que tivesse uma primeira gravidez não acompanhada e um filho deficiente. Chegou a deixar o filho na Madeira com uma cunhada e depois levou a cunhada para lá, para poder trabalhar no negócio de “Fish and chips” com o marido. Na África do Sul foi a primeira vez que viu “sour milk” (leite azedo), entre outros produtos e realidades que não existiam na Madeira. Sofreu muito porque o marido era passador e foi apanhado e preso durante 6 meses, deixando o negócio sob a responsabilidade do cunhado. Mais tarde, ela conseguiu assumir o negócio do marido e gerir as contas. A informante 2 também não sabia falar nada de Inglês e não trabalhou durante os primeiros anos, ficando sempre em casa. O marido tinha um negócio na área da restauração, onde começou a trabalhar para aumentar o ganho e as poupanças da família. A informante 7 trabalhou igualmente com o marido num negócio de “Fish and chips” e numa carniçaria. Ao longo de 22 anos, tiveram negócios em três cidades diferentes da África do Sul. Em relação à informante 11, esta era doméstica e o marido pedreiro. Após o casamento e já com dois filhos, o marido emigrou legalmente para a África do Sul, com uma “carta de chamada” de um cunhado, onde permaneceu uns anos e fez uma casa, mandando depois chamar a mulher e os filhos. Esta locutora relata a abundância de carne, peixe frutas e legumes de toda a espécie à disposição na África do Sul, por oposição à carência alimentar na Madeira. Diz ter conservado os hábitos alimentares madeirenses em casa e refere o seu isolamento, tanto de madeirenses e continentais, como de sul-africanos.

Quanto aos quatro informantes da segunda geração, os dois irmãos da entrevista mista, identificada como informante 9, os pais também tinham negócios de fish and chips. A informante 10 fala da emigração legal dos pais. O pai abriu um negócio de frutas e legumes e a mãe dedicou-se ao ensino porque era professora. No que se refere ao campo social, frequentavam a Casa da Madeira. Nas férias, quando vinham à Madeira, aproveitava para aprender receitas de bolo de mel e de broas para fazer na África do Sul. Os pais do informante 13 trabalhavam em negócios de fruta e legumes e em supermercados. Ele também trabalhou num supermercado, mas eram muito horas de trabalho e pouco rentável, por isso decidiu voltar a estudar e fez um curso de informática. Diz ter tido uma infância feliz e segura, na altura do *apartheid*, na África do Sul e que aquele era um mal necessário. Frequentava e participava nos convívios da

Casa da Madeira. De igual modo, os pais do informante 14 tiveram negócios de frutas e legumes na África do Sul. A sua infância foi passada entre a escola e a venda de gelados no negócio da família. Informa que, em casa, fazia-se comida tradicional madeirense, sobretudo a sopa de verduras aos pedaços e que a comida típica da África do Sul é o “barbecue” com salchichas tipicamente sul-africanas.

Os relatos de memória ou histórias de vida dão muitas informações sobre o quotidiano e a manutenção de certas tradições associadas às épocas especiais do ano, para “matar as saudades da Madeira”, como as malassadas no Carnaval ou sempre que eram lembradas, a carne-de-vinho-e-alhos no Natal, juntamente com os licores e os bolos e broas de mel-de-cana, a par da “armação da lapinha” ou presépio, assim como a “espetada” nos momentos de convívio, como relata o informante 5, que fazia muitos convívios entre madeirenses e continentais aos domingos.

Como é possível verificar através do relato dos informantes, quase todos aqueles que partiam pretendiam poupar dinheiro para regressar à Madeira, fazer uma casa e estabelecer-se. Quase todos regressaram à Madeira devido às mudanças políticas na África do Sul e à crescente criminalidade e insegurança. A informante 2 menciona que, após o regresso, o marido trabalhou num terreno de bananeiras em Santa Cruz, plantando produtos agrícolas como “semilhas” e feijão e ela teve uma “barraquinha” de vender legumes no Funchal, onde compraram uma casa. O informante 5, que trabalhou numa loja de ferragens até aos dezoito anos, no Funchal, antes de emigrar, após o regresso tentou trabalhar por conta própria a vender vinho do continente, mas teve prejuízo. Depois, conseguiu trabalhar como segurança no Hotel Madeira Palace, até este fechar. Relativamente aos informantes de segunda geração, apenas os irmãos, que correspondem ao informante 9, continuam a viver e a trabalhar na África do Sul. Os outros três luso-descendentes já vivem e trabalham na ilha.

Enquanto estavam na África do Sul, o contacto com a família era estabelecido frequentemente, mantendo a ligação à ilha. Como nem sempre era possível visitar a ilha nas férias, devido às condições laborais e/ou económicas, os madeirenses emigrados mantinham o contacto com os familiares e amigos através de cartas e, no que toca à alimentação e às tradições madeirenses, faziam o máximo por conservá-las.

Hoje em dia, a carta já não pertence ao nosso quotidiano, tendo sido substituída por meios muito mais rápidos e seguros, como o correio eletrónico, as redes sociais, as mensagens por telemóvel, entre outros. No entanto, no passado era a única forma

(entenda-se, mais acessível) de contatar com aqueles que estavam longe era através do envio de cartas, mesmo sendo esta forma mais demorada e nem sempre segura:

Uma carta entregue a bordo tinha, muitas vezes, um destino incerto e moroso. Estava sujeita às contingências da viagem: um naufrágio, um assalto de piratas poderiam desviar a missiva do seu destinatário e implicar a sua não entrega. Para obviar estas incertezas, apostava-se no envio de diversas cópias, entregues a distintas embarcações, com destinos também diversos. Só assim se teria a certeza que o destinatário iria receber algumas destas cópias. Mas a confirmação poderia tardar muito ou nunca acontecer. Só a resposta era a confirmação da sua entrega e da materialização de um interesse comercial ou pessoal. (Vieira, 2011: 752-753)

Através das cartas, os madeirenses relatavam as suas vivências, o seu dia-a-dia, a saudade dos familiares e da Madeira. Era, não só uma forma de manter o contacto, mas também de manter e vincar a identidade insular.

4. O contacto entre línguas e o processo de transmissão da Língua Portuguesa como identidade cultural

O espírito de aventura e conquista do povo português é, desde há muito, mundialmente reconhecido. Impelidos pela ânsia da descoberta, a necessidade de expandir território e obter novas e melhores condições de vida, os portugueses partiram à procura de novos horizontes. A viagem, o contacto com novos povos, línguas e diferentes culturas, as tarefas desempenhadas e as próprias rotinas dos locais, marcaram de forma inesquecível todos aqueles que se ausentaram da sua terra natal. É possível verificar o impacto destas culturas no dia-a-dia dos emigrantes: a sua alimentação, a forma de falar, a forma de vestir, estilos musicais, entre outras marcas identitárias. Vieira (cf. webgrafia) afirma:

A identidade é aquilo que nos identifica e diferencia dos outros, expressando-se por valores e significados. É a nossa imagem por oposição aos outros. Mas, para que esta exista, é necessário a criação de uma consciência nacional ou regional, com expressão nos diversos estratos sociais, com base nas principais fontes que definem o nosso carácter particular, isto é, a literatura, a arte, o artesanato, o folclore, a gastronomia, etc.

Falar de identidade é, como já mencionado anteriormente, falar de uma memória partilhada: não pode existir identidade sem memória. A formação da identidade, conforme refere Prette (2003: 127), está “relacionada com processos cognitivos de busca de compreensão do ambiente”. No que diz respeito aos elementos que compõem a memória, Pollak (1992: 2) completa:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.

Em suma, a identidade individual está sempre relacionada com a identidade do coletivo e “o enraizamento identitário numa comunidade não é uma herança que o indivíduo recebe ao nascimento, mas sim o reflexo da mentalidade, dos vícios e das virtudes próprias do grupo” (Tomé e Carreira, 2000: 1). Da combinação dos dois conceitos, conclui-se que os acontecimentos vividos pessoalmente e pelo grupo dão compreensão ou significado ao ambiente em que o indivíduo está inserido, formando o sentimento de pertença a uma comunidade.

A questão do contacto entre línguas, que ocorre no país de acolhimento, neste caso na África do Sul, num contexto em que a Língua Portuguesa é minoritária, face à língua maioritária, que é o Inglês, é importante, para observar até que ponto o Português prevalece no seu processo de transmissão entre gerações como identidade cultural, dando conta de algumas transformações da língua falada sobretudo pelos falantes de 2ª geração, por influência da língua do país de acolhimento, como se pode ver no estudo linguístico. Neste estão bem patentes as variações características da fala dos entrevistados, refletindo as particularidades do Português falado na Madeira ou recebido dos pais, no caso da segunda geração, juntamente com o adquirido na escola portuguesa, que é condicionado pelo contacto entre línguas e culturas. Daí a importância das informações socioculturais, não só da terra natal dos emigrantes, mas também do país de destino.

Ao sistematizar as informações que os informantes fornecem sobre a transmissão da Língua Portuguesa como marca identitária, verifica-se que a aquisição desta por parte dos filhos era importante para a 1ª geração, visto tencionarem regressar à sua terra de origem. Assim, no caso da primeira informante, o primeiro filho foi deficiente e nunca chegou a falar e o mais novo veio ainda criança com o regresso dos pais e frequentou a escola na Madeira. A informante 2 não dá informações sobre esta temática, tal como o informante 3, que teve duas filhas e trabalhava muitas horas todos os dias, vendo-as somente ao fim de semana, não referindo se estas frequentaram a escola portuguesa na África do Sul. O informante 4 teve três filhos, mas regressou à

Madeira quando ainda eram crianças, para crescerem e estudarem cá. Relativamente ao informante 5, pelo menos uma das filhas, a mais nova, fez a escola inglesa e portuguesa e regressou à Madeira com os pais, quando tinha 12 anos, frequentando a escola na região, a partir do 7º ano, o mesmo acontecendo com o informante 6, que regressou com os três filhos, para fazerem a escolaridade na Madeira. O informante 7 não dá informações sobre o tema, enquanto a informante 8, como referido anteriormente, não emigrou para a África do Sul. Os informantes 9 são dois irmãos que fizeram a escola portuguesa lá, o homem, mais velho, até ao 5º ano, e a mulher, mais nova, até ao 3ºano, por imposição do pai, que era um dos fundadores da Associação Portuguesa Comunidade de Witbank (APCW), tendo como principal objetivo o ensino do Português. A informante 10 e o irmão também fizeram a escola portuguesa até ao 9º ano ou secundário, por imposição da mãe, que era professora de Português e trabalhava no consulado de Portugal. O filho da informante 11 fez o primeiro ciclo do ensino básico na Madeira, dando continuidade aos estudos lá, e a filha começou lá a escolaridade, tendo chegado a trabalhar num banco. Depois de voltarem para a Madeira, não conseguiram emprego cá e tiveram que emigrar para Jersey, onde ele tem emprego sazonal como porteiro e empregado de mesa num hotel e ela trabalha como empregada de limpeza por hora e num supermercado à noite. Por isso, a entrevistada diz que para ela e o marido foi bom ter estado na África do Sul, para poderem fazer a sua casa na Madeira, mas para os filhos teria sido melhor terem ficado e estudado cá.

O informante 12 foi o único a emigrar, porque a mulher nunca quis ir para lá e ficou cá com os filhos. O informante 13, de segunda geração, frequentou a escola portuguesa na África do Sul, por imposição dos pais. Enquanto o 14, nunca teve educação formal em Português, talvez porque os pais trabalhavam muitas horas no negócio, onde ele também ajudava desde muito pequeno, e não frequentavam as comunidades portuguesas ou madeirenses, nem visitavam parentes ou amigos da Madeira, porque no único dia de descanso que tinham, ao domingo, o pai preferia andar de carro e estar ao ar livre. E existia ainda outra razão, segundo o informante 14, é que os pais não se identificavam com as pessoas que organizavam as atividades nas associações portuguesas e madeirenses, talvez porque vinham da Fajã da Ovelha, uma zona rural muito isolada na ilha da Madeira.

D: A sua família participava em... alguma sessão das comunidades portuguesas, lá?

L: Não.

D2: Casa da Madeira...

L: Não, não... eh... por causa dessa razão mesmo. De segunda a sábado tavam [estavam] a trabalhar, domingo não queriam se envolver em nada. Por essa razão, não participavam em nada disso. Mas eu também, eu acho, mas também não era só por aí. Claro, praticamente era por aí, mas também na parte de... eh... a parte social de... a parte psicológica, eles também não se viam nessa parte. Porquê? Porque, geralmente, quem organizava a... o... a sessão... o... o... por exemplo, lá como é que chamam... como é que chamavam *aquihlo* [aquilo]? É a associação de portugueses... e, geralmente, era [eram] as pessoas... Não era bem as pessoas ligadas a... ao mesmo modo de vida dos meus pais. Eram aquelas pessoas que... eram aquelas pessoas que geralmente tinham outros tipos de trabalho, outros modos de vida... e, por isso, não havia ali uma ligação.

D2: Aquela conversa que tivemos...

L: [No início...

D2: p'lo [pelo] caminho.

L: Exatamente.

D2: Quem vai do campo e quem vai da cidade...

Este entrevistado não frequentou a escola portuguesa, na África do Sul, porque os pais não valorizavam tanto a Língua Portuguesa e a educação como os outros, tanto que, quando terminou a escola obrigatória, os pais deram-lhe a possibilidade de ter um negócio e começar a trabalhar, mas ele optou por estudar. Tem uma posição de defesa do uso da Língua Portuguesa, afirmando mesmo que esta não deveria aceitar tantos empréstimos da Língua Inglesa e que deveria haver uma política de língua em Portugal semelhante à francesa. Ele próprio procura não misturar as duas línguas, quando fala Português, embora tenha muitas interferências da Língua Inglesa, pelo facto de esta ser a sua língua materna e de não ter tido escolarização em Português. Este informante é um caso curioso porque os pais trabalhavam tantas horas, de tal forma que foi criado por uma senhora que falava Africanse, depois frequentou a escola inglesa e fez o ensino superior numa universidade Africanse. Explica que os pais também se integraram muito bem na sociedade sul-africana, falando e compreendendo as duas línguas, Inglês e Africanse, e chegavam mesmo a ler os diários, todos os dias, nas duas línguas. Como não tinham contactos nem relações sociais com outros conterrâneos, integraram-se totalmente na sociedade local, como ele próprio indica:

L: E... eh... se achavam que isso ia p'ra [para] o uso... eh... errado... eles então... eh... diziam que não havia. Eu acho que eram coisas piquenas [pequenas], mas que

eu acho que era uma maneira de... de... de... de eles contribuírem pá [para a] sociedade.

D2: Exatamente.

L: Exato. De tal forma que, desde 61 até 68, eles tiveram [estiveram] sempre no mesmo negócio e os meus pais nunca foram assaltados, nunca tiveram problemas. Mesmo com, às vezes, outros problemas nos arredores, nunca fomos... nunca tivemos problemas... eh... desde... desde que eles tiveram [estiveram] lá. Depois que nós vendemos o negócio, já começou... já começou às vezes a haver problemas.

(...)

L: Eu acho que não. Eu não me identifico nem com uma nem com outra, porque eu tive a sorte e também foi o que os meus pais fizeram. Eu acho que, quando foram à África do Sul, tiveram a perspicácia de assimilar aqui/ho [aquilo] que era bom da África do Sul e aqui/ho [aquilo] que era bom de Portugal... ou da Madeira e juntaram as duas coisas. Ao contrário, muitas vezes, vê-se um pouco ao contrário. Eu tive essa sorte, de tal forma que, os meus pais, /mesmo/ [apesar de] os dois ter [terem] [a] quarta classe, mesmo os dois não saber [sabendo] falar grande coisa em Inglês ou Africanse, aprenderam as duas... eh... o diário... Os diários eram lidos de fio a pavio, tanto de manhã como à tarde, tanto em Inglês como [em] Africanse. Eles passavam os olhos... gostavam...

O facto de este informante afirmar que não se identifica nem com a cultura madeirense nem com a cultura sul-africana, porque teve a sorte dos pais terem assimilado o melhor das duas culturas e ele próprio identifica-se como uma mistura das duas, faz com que tenha uma identidade intercultural e mesmo transcultural, como a maior parte dos luso-descendentes de segunda geração que estudaram na África do Sul. A percepção da existência do outro como diferente, ou o princípio da alteridade, constitui antes de mais a prova da própria identidade. Pois, é essa diferença do outro que faz com que alguém olhe para o outro e se compare com ele, descobrindo pontos semelhantes e diferentes e, dessa forma, percebendo os seus próprios traços identitários. Neste sentido, na mobilidade, são sempre preservados traços da identidade original, sendo alguns destes transmitidos às novas gerações. No entanto, há também uma necessária integração na sociedade e cultura de acolhimento, com diferentes níveis de adaptação, conforme a área de atividade ou trabalho e a participação ou não numa comunidade de migrantes da mesma região ou país. O informante 13 fala dessa conservação da identidade, língua portuguesa e cultura madeirense em casa, mas também da integração com alguns amigos sul-africanos:

D: Os seus pais falavam Português em casa?

L: Sim.

D: Sempre o Português em casa?

L: Sempre, sempre, sempre.
D: E a comida, em casa, era madeirense?
L: Era. Era sempre madeirense.
L: Os meus pais sempre foram... Português.
D: Português.
L: Agora, se teve alguns amigos meus que são... Prontes [pronto], continentais ou madeirenses... eh... Mas com os meus pais, até os tios, os meus primos, todos falavam Português em casa.
D: E foram eles que quiseram que vocês fizessem a escola portuguesa?
L: Foi. Infelizmente, sim.
D: Foram eles que fizeram questão, porque vocês não faziam?
L: Porque a pessoa não tinha tempo. ((risos)) Por acaso foi. Não... Mas... Foi muito bom fazer, dar a escola portuguesa... eh... que tinha-se [tínhamos]... Estudámos a História de Portugal, a geografia, não é? Eh... Aqueles rios todos... eh... Tanto pa [para] escrever [escrever], como pa [para] lere [ler]. E prontes [pronto]...
(...)
L: Sim, sim, sim, sim. Uma grande... grande diferença, muito grande. Por exemplo, eh... Só quando entrava numa casa sul-africana, a pessoa já sentia-se [se sentia] muito estranha, que... da forma de eles serem... eh... O comer deles... eh...
D: A música, é tudo diferente?
L: A música, é tudo diferente. Quando eu fui a uma festa, também não sentia-me [me sentia] muito à vontade. Eh... Mas se eu fosse pa [para] uma festa portuguesa, que era só... prontes [pronto], madeirenses ou continentais ou quem for [fosse]... seja português, uma pessoa já sentia-se [se sentia] mais à vontade. Já sentia-se [se sentia] mais alegre.
D: Ah.
L: Os sul-africanos já não era bem assim. Era diferente. A pessoa parece que tava [estava] a...
D: Não tava [estava] em casa.
L: Não tava [estava] em casa, não é? Mas a pessoa depois acostuma-se, não é?

São adquiridos traços de identidade intercultural e transcultural, devido à situação de contacto e imersão em diferentes línguas, sociedades e culturas. Isto significa que os emigrantes portugueses em geral e os madeirenses em particular, já não são só madeirenses, tal como qualquer outro emigrante, passam a ser indivíduos interculturais. Quer dizer, neste caso, também são um pouco sul-africanos, principalmente a segunda geração, porque estiveram ou estão em contacto com as línguas e as culturas daquele país plurilingue e multicultural e desenvolveram de alguma forma competências de comunicação interculturais, de mediação e globais, por estarem imersos numa comunidade multicultural. Bizarro e Braga (cf. webgrafia) sublinham que o diálogo intercultural, num contexto de pluriculturalismo e plurilinguismo, como é o caso da África do Sul, suscita a necessidade de desenvolver:

uma competência global de comunicação em várias línguas e da experiência em culturas diversificadas. Esta competência permite que cada indivíduo, enquanto

ator social, possa interagir linguística e culturalmente em diversos contextos linguísticos, só assim sendo capaz de dar uma resposta de qualidade aos desafios da mobilidade e do diálogo entre culturas.

Ou seja, o multiculturalismo e o multilinguismo conduzem à interculturalidade, pelo contacto com outras línguas e culturas, como é o caso do Inglês e do Africanse e, sobretudo depois do fim do *apartheid*, também com as línguas nativas africanas das várias etnias, declaradas línguas oficiais (Ndebele do Transvaal, Sepedi ou Sotho, Sesoto ou Sotho do Sul, Suázi, Tsonga, Tsuana, Venda, Xhosa e Zulu), chamadas por alguns informantes “línguas pretas”. Primeiramente, o contacto foi mais com os africanes ou falantes de Africanse, de descendência europeia, mas também indianos, árabes, etc. e com os empregados ou criados negros. Depois do *apartheid*, passou a haver mais contacto com os negros, sobretudo com a lei do *affirmative action*, como informa a informante 10.

É a partir destas competências interculturais que surge o conceito de transculturalismo, o processo que ocorre quando uma pessoa adota uma cultura diferente da sua, podendo ou não perder a sua identidade cultural original. Apresenta-se aqui a explicação de Onghera (cf. webgrafia):

La transculturación es, pues, un proceso cuyas partes resultan modificadas y del que emerge una nueva realidad, compuesta y compleja; una realidad que no es una aglomeración mecánica de caracteres, ni un mosaico, sino un fenómeno nuevo, original e independiente. Dice el autor [F. Ortiz, *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*] que «para describir este proceso, el vocablo de raíz latina transcultural nos proporciona un término que no contiene la noción de una cierta cultura hacia la cual debe tender la otra, sino una transición entre dos culturas, las dos activas y participantes, con sus aportaciones propias, cooperantes en el advenimiento de una nueva realidad de civilización».

Muitas vezes, só há tomada de consciência deste processo, quando os migrantes regressam à sua terra natal e verificam que já não são só madeirenses, constatando a sua identidade intercultural ou plural, porque estão entre e para além de duas ou mais culturas, por isso, muitas vezes, sentem-se sem terra e divididos, por questões afetivas (família e amigos), mas também linguísticas, socioculturais e económicas. Portanto, na questão da identidade, está presente também a relação indissociável entre a língua, a sociedade e a cultura, como mostra este estudo linguístico e sociocultural, com base na recolha de materiais empíricos do projeto “Nona Ilha” sobre a emigração madeirense. A

este respeito, podemos citar Maria Helena Mira Mateus (2001), que fala da língua como fator de identificação cultural.

O espaço de discussão sobre as relações entre língua e cultura tem sido progressivamente preenchido pelas preocupações dos sociolinguistas no que respeita às questões da variação linguística. A grande importância atribuída à variação das línguas, em interação com a variação das sociedades, abriu campo para o estudo dos fatores intervenientes nessa variação, internos e externos, históricos e resultantes do contacto entre línguas, e para o desenvolvimento das perspectivas teóricas nesta área. (...) Ou seja, a variação das línguas não resulta apenas das capacidades cognitivas do homem, mas da interação dos fatores estritamente linguísticos e dos fatores sociológicos. (...) Se a concretização da língua se faz através da produção linguística individual, utilizada de acordo com o dialeto, o socioleto e o próprio registo do indivíduo, também a identificação cultural é a realização, para cada pessoa, de uma determinada cultura abstratamente considerada. Assim, essa identificação cultural de que no início falei está intimamente ligada aos hábitos, crenças, atividades artísticas, relações parentais e sociais do meio restrito em que o indivíduo está inserido. (...) Em resumo, a língua materna de cada indivíduo contribui poderosamente para se reconhecer a si próprio e para ser reconhecido pelo outro. É na realidade um fator de identificação cultural, mas no uso, e pelo uso, que dela faz o indivíduo no contexto em que está inserido e não apenas por pertencer a uma das várias comunidades que utilizam a mesma língua (Mateus, 2001: 8 e 19-20).

Na África do Sul, tal como noutras áreas de emigração, os madeirenses sobretudo da primeira geração são, muitas vezes, identificados como portugueses porque falam Português entre eles ou na comunidade, sendo a sua identidade inseparável da língua e da cultura do país de origem. Por isso, destaca-se aqui a questão do contacto entre línguas e da transmissão da Língua Portuguesa como identidade cultural, associada a tradições e costumes madeirenses.

Maria Beatriz Rocha-Trindade (2001: 49 e 51), ao refletir sobre o passado, o presente e o futuro da emigração portuguesa, escreve:

Regulares e anualmente significativas, as correntes migratórias transatlânticas dominaram largamente todo o século anterior e ainda metade deste, originando sucessivas multiplicações de gerações nos países de acolhimento. Transportando uma cultura de raízes essencialmente rurais e com proveniências conhecidas e reconhecidas, as comunidades portuguesas assim reorganizadas nos países de destino mantiveram e acarinham os traços mais emblemáticos da sua herança cultural: festas, danças e cantares, celebrações e devoções, histórias, provérbios e chistes vindos da tradição oral, feriados e dias de santos. Sem deixarem naturalmente de ser afetadas pela cultura da sociedade maioritária, estas comunidades caracterizam-se por uma extraterritorialidade cultural que faz reviver, em terra estrangeira e após várias gerações, algo de remanescente do Entre-Douro-e-Minho, dos Açores ou da Madeira. (...) Esta evidência é mais forte quando as origens são predominantemente rurais ou quando se trata de áreas naturalmente circunscritas (como acontece para os arquipélagos atlânticos), em ambos os casos

dotados de marcada especificidade cultural, cujos traços distintivos são mais facilmente transportados e assumidos em terra estrangeira.

No caso da emigração madeirense para a África do Sul, constata-se que existia uma marca predominantemente identitária nos madeirenses que emigravam, por serem, como diz Rocha-Trindade, de uma área geográfica circunscrita e predominantemente de zonas rurais, com histórias de infância semelhantes, enfrentam os mesmos problemas de travessia (documentação e afins) e exercem atividades semelhantes, nomeadamente atividades nos chamados restaurantes de *fish and chips* (peixe e batata), *fruit shops* (frutarias) e mercearias. Por serem estrangeiros e não partilharem a língua e o passado em comum com o povo sul-africano, algumas vezes, os madeirenses não eram capazes de se integrar na comunidade local e, por isso, enfrentavam algumas desigualdades sociais. O caso da África do Sul é um caso ainda mais especial, quando se fala em “integração cultural”, uma vez que os madeirenses estavam, normalmente, integrados em comunidades com outros madeirenses e continentais.

Relembre-se que, nesta altura de emigração, imperava o *apartheid* e a separação, para além de cultural e social, era também política: “O *apartheid* criou um monstro – um Estado branco enquistado numa região multiétnica” (Mendonça, 2000: 13). A este respeito, o informante 14 desta investigação, fornece observações curiosas quanto à discriminação política e social entre os nativos: desde normas de relacionamento social às regras de frequência de espaços públicos. A África do Sul, habitada por uma variedade de povos distintos, ao mesmo tempo que proporcionou um verdadeiro intercâmbio cultural, foi, desde cedo, palco de inúmeros conflitos inter-raciais. Recorde-se aqui que a colonização britânica e holandesa usou os nativos como mão-de-obra escrava para extração de ouro, diamantes e outros recursos naturais da sua própria terra. Com a abolição da escravatura, os negros continuaram a ser discriminados: “Igualdade e a ideia de oportunidades iguais são conceitos razoavelmente novos para a maioria dos sul-africanos” (Jaarsveld, 2000: 17). Todas estas situações reuniram condições para que, aquando da chegada dos madeirenses, os negros sul-africanos estivessem imersos em desconfiança, frustração e ódio pelos brancos.

Salvo a segunda geração de informantes, os restantes dão a conhecer uma realidade de tensão, confronto, querelas, roubos e assassinatos de que os madeirenses instalados na África do Sul são vítimas, especialmente aqueles que possuíam negócios próprios e eram vistos como usurpadores de uma terra e de direitos que não eram, por

natureza, legitimamente seus. É importante destacar, neste momento, que se os nativos, após o *apartheid*, não tinham qualquer interesse em aproximar-se dos emigrantes, estes também não tinham qualquer desejo de mergulhar na sua cultura. Todos os informantes da primeira geração afirmam que, em termos gerais, mantiveram os hábitos e costumes como madeirenses tanto na alimentação como nas épocas festivas, e sempre se identificaram como portugueses, nunca assumindo a terra africana como sua. Na verdade, o isolamento dentro da própria comunidade era muito comum: “Eles praticamente não precisavam sair da colônia, pois tinham tudo o que eles precisavam para a vida dentro dessa “ilha linguística” (Spinassé, 2006: 3). O informante 5 confirma esta informação, ao declarar que havia inclusive uma cidade na África do Sul que era chamada de “Little Portugal” (Portugal Pequeno), devido à concentração de portugueses: “Que *aquilho* [aquilo] era só portugueses em toda a parte. *Aquilho* [aquilo] era uma cidade *piquena* [pequena] e tudo [todos] falava [falavam] Português ali. Era madeirenses, continentais, tudo ali. Então, tinha o nome de *Little Portugal* [Pequeno Portugal]”.

O mesmo não acontece com as segundas gerações, os chamados “falantes de herança”, que nesta área de investigação, são os “emigrantes de segunda (ou terceira) geração que adquirem duas línguas na infância em contextos de aquisição divididos entre o espaço familiar e o espaço social fora da família (no qual se inclui a escola)” (Flores, 2014: 18-19), que dotados de uma identidade híbrida, sentem, por vezes, que não pertencem a lado nenhum. A este respeito, quando questionado acerca da sua identidade, o informante 9 responde: “*Sêmes* [somos] portugueses, nem *sêmes* [somos] da África do Sul nem de Portugal”. De facto, esta segunda geração sente-se dividida na sua identidade: se, por um lado, frequentaram a escola e aprenderam as línguas (Inglês e Africanse e mesmo, por vezes, uma língua nativa) e os costumes sul-africanos, por outro, não os puderam absorver ao máximo, uma vez que também fizeram a escola portuguesa, por imposição dos pais, que sempre pensavam em voltar, fazendo-os assimilar os costumes da tradição madeirense. Visitavam, juntamente com os pais, a Madeira e a família insular, com a promessa do regresso. A respeito do desejo de voltar, presente nesta questão das mobilidades, e da troca de correspondência com os familiares que ficaram na ilha, Vieira (2011: 757-758) informa:

Os madeirenses, não obstante, o elevado analfabetismo também escreveram as suas missivas aos familiares mas, porque cumpriram a sua função, muitas se perderam

com o tempo ou ainda permanecem guardadas como recordação ancestral. Entre nós, faz falta um trabalho de recolha e tratamento das muitas que certamente jazem em baús e espólios particulares.

Uma das formas de vincar e fortalecer essa identidade insular, era, sem dúvida, através da comunicação ou contacto, tipicamente por cartas, mas também por telefone, muitas vezes para a casa de um vizinho porque nem todas as famílias o tinham, com aqueles que permaneceram na ilha, fortalecendo esse vínculo identitário com a terra natal e os seus familiares e habitantes. No entanto, é de destacar a mudança entre a primeira geração e a segunda, a nível das relações afetivas: enquanto a primeira geração (indivíduos do sexo masculino) emigrava mas voltava à ilha para casar ou casava por procuração, a segunda geração tende a estabelecer relações e a casar no próprio local de emigração. Tudo isto demonstra uma maior abertura e anseio de integração.

Uma outra característica pertencente à identidade está relacionada com a religiosidade e a sua forma e possibilidade de expressão. O povo madeirense, por tradição, é um povo cristão que professa adorar um Deus uno:

Mas, ao lado desta fundamentação na unidade da natureza humana da unidade religiosa que se plurifica numa multiplicidade de crenças, há um outro aspecto antropológico extremamente importante que tem a ver com a importância concedida à singularidade (...) que qualifica antes de mais Deus, como não outro, e, por isso, Ele é, por essência, “singular e não plurificável” (André, 2005: 38-39).

No que diz respeito à tradição religiosa africana, esta admite as divindades plurais e está frequentemente associada ao misticismo e à tradição do “bruxo” ou “bruxa”, que tem a capacidade de prever e resolver os problemas do quotidiano. Atente-se no relato disponibilizado pelo informante catorze: “Entre pessoas de cor e pessoas brancas, caucasianas, são noções diferentes. Eh... E ele, essa pessoa... Essa *piquena* [pequena] desapareceu. Quando vieram a descobrir, a *piquena* [pequena] tinha sido morta. E o que é que tinham feito? Tinham tirado os lábios, as orelhas, a língua, os olhos. E o que é que tinham feito com isso? O homem ia montar um cabeleireiro e, então, o bruxo disse: “Se tu, na massa da parede, puseres a... os ouvidos, os olhos... O cabeleireiro vai ser o... o cabelei... cabeleireiro vai ser um grande sucesso. As pessoas vão-te ver [ver-te] melhor, vão-te ouvir [ouvir-te] melhor, falar melhor de ti”. Acontece ainda hoje”.

Perante o acima exposto, era somente natural que o conservadorismo insular insistisse em permanecer, sendo possível falar-se aqui da “metáfora da árvore”, o

ímpeto da permanência, em relação à “metáfora da canoa”: símbolo de mobilidade, mas sendo feita da madeira da árvore, permite a fluidez entre duas margens, logo a identidade de origem continua presente. Esta metáfora surge no texto de Bonnemaïson (1994), como a visão tradicional do povo de Vanuatu sobre a sua própria identidade cultural, no âmbito dos estudos de geografia cultural do autor. Bonnemaïson (1994: 30) escreve:

Can the tree, symbol of rootedness and stability, be reconciled with the canoe, symbol of journeying and unrestricted wandering? At first sight, apparently not. Nevertheless, Melanesian civilisation uses this dual metaphor, this apparent contradiction, to define traditional identity. On the island of Tanna in Vanuatu, they say that man is a tree that must take root and stay fixed in its place. The local group, on the other hand, is a canoe that follows “roads” and explores the wide world.

Esta metáfora da cultura tradicional deste povo traduz muito bem a questão das raízes e da necessidade de mobilidade humana para obter melhores condições de vida, neste caso da emigração madeirense. Bonnemaïson (1994) chega assim à noção de identidade cultural através do lugar, ou seja, há uma identidade geográfica que advém das memórias e valores associados aos lugares. Desta forma a identidade individual e social ou coletiva dos emigrantes madeirenses está relacionada com o território de origem (infância e juventude), como sociedade territorial, derivando a sua identidade não só da apropriação de um território comum mas também da identificação com a terra natal. Bonnemaïson (1994: 33) procura responder à questão de conservação ou perda desta identidade, no processo de mobilidade:

Does the present increase in mobility, continuing despite unfavourable economic conditions, mean that Melanesian identity has changed in nature? Has economic development and a consumer society, not previously achievable by the planter settlers, been attained quietly in the space of a few postwar years? If so, is current mobility the sign not only of a new identity but also that the traditional culture, linked with the semiology of place, is dead? In my view, this is not the case. Behind the outward appearance stands a society that is astonishingly true to itself. The Persistence of Territorial Mobility Melanesian mobility is still largely circular, congruent with a mental attitude that indissolubly links identity with faithfulness to the territory of origin. The strength of the territorial bond is what best defines this circular mobility and is demonstrated in many ways: regular and frequent returns, news from home and a constantly flowing between places of origin and destination (...) in their residence or at work, migrants reconstitute places of hospitality as an extension of their territory. (...) the frequent renewal of the migrant population as people come and go is based on territorial solidarity.

Esta solidariedade e o movimento circular entre as raízes e o destino ou país de acolhimento e o retorno à terra natal aconteceu muito, no caso da emigração madeirense para a África do Sul. Por isso, no regresso, porque partem com a intenção de voltar, estes migrantes fazem parte da própria mudança da sociedade tradicional ou rural madeirense e da sua estrutura de valores. O regresso é sempre ao lugar da identidade porque a terra, segundo Bonnemaïson, é a mãe da identidade, visto que o espaço é inseparável da cultura. Daí o autor afirmar que a conservação da originalidade de uma cultura depende da memória e que a mobilidade contribui para a consciência dessa identidade, através do confronto com outras línguas e culturas.

(...) inherited identity is reproduced and reacquired in each generation through journeying and circulating within the areas of alliance and shared identity. If no true identity exists beyond localisation in the places of memory; neither is the achievement of destiny possible without adventure beyond those places. The canoe concept responded to this dual requirement, providing a framework for mobility while preserving rootedness; admitting the prospect of the journey while preserving the security of territory. The problem nowadays is less to recover a lost identity than to rediscover canoes, which reestablish the connection with venturing on the high seas - to recreate, in other: words, social units capable of adapting to the modern world while do preserving the specific values of Melanesian identity. (...) The contemporary journey that retains links with identity values and the memory of place avoids the risk of displacement that stalks any potential relocation. This journeying continues to be territorially defined, a matter of circulation and two-way movement and thus it can reconcile the tree and the canoe (Bonnemaïson, 1994: 43 e 62).

Todavia, quando regressam às suas raízes, já não são vistos como madeirenses e podem sentir dificuldades em integrar-se na sociedade regional, principalmente a segunda e a terceira gerações, por ser um meio pequeno com poucas oportunidades de trabalho, ao contrário da África do Sul. Porém, dos quatro entrevistados de segunda geração que fazem parte da amostra em estudo, os três que regressaram (informantes 10, 13 e 14) estão plenamente integrados na ilha da Madeira. Nos casos dos informantes 10 e 13 foi muito importante terem tido escolarização formal em Português e o informante 14, embora não tenha tido essa formação, casou-se com uma madeirense e era falante de Português como “língua de herança”, sobretudo pelo contacto com os avós, tanto paternos como maternos, que também foram para a África do Sul.

A chamada “língua de herança” é, tipicamente, utilizada para denominar a primeira língua a que um falante é exposto e, conseqüentemente, adquire, num país de acolhimento, por se tratar da língua dos pais e/ou dos avós. Geralmente, o uso da(s) língua(s) do país de acolhimento ocorre quando a criança começa a frequentar o infantário ou outros espaços sociais onde a língua do país é predominante:

Porém, no momento em que a criança de origem emigrante entra no infantário ou na pré-escola e começa a construir relações sociais fora do núcleo familiar, o contacto com a língua maioritária cresce consideravelmente. (...) Rapidamente, esta passa a ser a língua preferida da criança, falada com os amigos, os professores e os irmãos. Em muitos casos, a partir deste momento, a língua maioritária também passa a ter um papel muito mais importante enquanto língua de comunicação na família. E se um dos pais é ele próprio já emigrante de segunda geração e/ou falante nativo da língua maioritária (com ou sem conhecimentos da língua minoritária), a presença da língua maioritária no seio da família é ainda mais forte e o contacto com a LH² mais restrito (Flores, 2014: 19).

Este é um processo complexo e envolve muito mais do que “tornar-se um falante bilingue”. De facto, é uma temática estudada no âmbito da sociolinguística. Em Cunha e Cintra (1998: 2), lê-se:

A sociolinguística, ramo da linguística que estuda a linguística como fenómeno social e cultural, veio mostrar que estas inter-relações são muito complexas e podem assumir diferentes formas. Na maioria das vezes, comprova-se uma covariação do fenómeno linguístico e social. Em alguns casos, no entanto, faz mais sentido admitir uma relação direcional: a influência da sociedade na língua, ou a língua na sociedade.

Uma vez que os falantes da segunda geração desenvolvem facilmente a língua do país de acolhimento e participam de grupos sociais na comunidade, integram-se muito melhor e, por isso, estabelecem relações muito mais facilmente. Esta dinâmica social favorece o estabelecimento destes falantes no país, através do casamento com locais. Visto que apenas um dos cônjuges domina, neste caso, o Português, o outro só pode comunicar com ele em Inglês. Ora, na terceira geração, uma vez que, tanto em casa como na escola, a criança é confrontada apenas com o Inglês, o Português adquire um estatuto de quase língua “mística”: os filhos sabem que um dos progenitores fala mas não tem necessidade e/ou interesse em aprendê-la. Exigirá um esforço de ambas as gerações para que o Português volte a ser uma língua de comunicação. Observe-se o relato da informante 9, de segunda geração, a respeito dos seus filhos (3^a geração):

“P’ra [para] dizer a verdade eles agora tão [estão], pro [pelo] menos o ma... o mais moço, ele tem oito anos, e ele quer pre... aprender Português. Ele de vez em quando diz-me /a mim/: “Mamã, eu quero aprender. I want to learn to speak portuguese [Quero aprender a falar Português]”.

² Língua de Herança.

Capítulo IV - Discussão dos resultados linguísticos e socioculturais

1. Resultados Linguísticos

No que diz respeito à análise fonética, através dos dados recolhidos é possível verificar que as hesitações, reformulações, repetições, truncamentos, contrações de vogais (ex: pao = para o), aférese ou queda de som ou sílaba átona no início da palavra e e elipse de vogais (ex: p'la = pela) estão presentes ao longo do discurso de todos os informantes. Uma vez que a linguagem oral é mais fluída e mais espontânea é frequente ocorrerem estes fenómenos: a ideia gera-se mais depressa do que a fala é capaz de transmitir, daí que surjam momentos de silêncio, hesitações e até reformulações daquilo que foi dito. A contração de vogais e aférese surgem como uma forma rápida de comunicar, sendo que nesta última, para além de ser uma maneira menos lenta é também culturalmente aceite nas palavras “para” e “pelo/a”.

Quanto ao Português falado na Madeira, ou seja, aos traços característicos da variedade madeirense, é possível constatar que na palatalização da consoante lateral [l], quando precedida da vogal palatal [i], por exemplo *familhia* por *familia* está presente com grande relevância no discurso de todos os falantes, à exceção daqueles que não usam a palavra “família” em nenhum momento da entrevista, mas, mesmo nesses, ocorre na forma *aquilho* (cf. “Cap. II 1.2 a”). Esta palatização ocorre em ambos os géneros, tanto em informantes mais jovens como mais idosos, independentemente da sua escolaridade. O apagamento da vogal [u] no final da palavra (posição que a enfraquece), como, por exemplo, a utilização de *tude* por *tudo* e *casamentes* por *casamentos* aparece em apenas metade dos falantes, sendo predominantemente utilizados pelos informantes mais idosos das zonas rurais com menor nível de escolaridade, mas, como podemos ver (cf. “Cap. II 1.2 b”) também surge na fala do informante que tem um curso técnico profissional que pertence à segunda geração. A semivocalização do –s final em [j], por exemplo *ui* por *os*, *ai nove* por *às nove*, *vamui lá* por *vamos lá* e *atrai do forno* por *atrás do forno* (traço que também ocorre com certa frequência na ilha das Flores e na freguesia dos Mosteiros em S. Miguel, nos Açores) encontra-se apenas nos informantes mais idosos pertencentes à primeira geração, não ocorrendo em nenhum dos mais escolarizados da segunda geração (cf. “Cap. II 1.2 c”). Quanto à síncope da consoante –g- em contexto intervocálico, por exemplo *aua* por *água* surge num único informante sénior do sexo feminino, proveniente de uma zona

rural e com pouca escolaridade com menos contactos sociais por ter sido doméstica, o que poderá ter contribuído para a conservação deste traço antigo (cf. “Cap. II 1.2 d) Informante 11”). Em relação à realização do ditongo gráfico <ou> em [w α], em posição final, esta também ocorre apenas na informante 11, tratando-se de um traço antigo conservado na fala desta entrevistada (cf. “Cap. II 1.2 e”). Por fim, no que diz respeito à ditongação do [u] tónico em [aw], como por exemplo, *laua* por *lua*, *auva* por *uva*, *pessaua* por *pessoa* surge, ainda que com menor predominância, nos informantes idosos de zonas rurais com reduzida escolaridade, especialmente na palavra “pessoa” (Informantes 1,6,7,11, cf. “Cap. II 1.2 f”).

No que diz respeito às ditongações, embora não estejam presentes em nenhum informante, é importante referir a sua existência na Ilha da Madeira, sendo elas: a) ditongação da vogal tónica [i] em [aj] e [ej], conforme refere Cintra (2008:7): “Como exemplos madeirenses, poder-se-ão dar formas como *navéio* por *navio*, *vaila* por *vila*, *espaiga* por *espiga*”; e b) ditongação resultante da instabilidade da vogal acentuada (o timbre da vogal tónica não é constante, facto que encontra a sua explicação em fenómenos de harmonização vocálica (cf. Cruz e Saramago, 1999:710), ou seja, a vogal tónica é modificada pelo timbre das vogais e das semivogais das sílabas átonas que a precedem, modificação que consiste na inserção, imediatamente antes da vogal acentuada, de uma semivogal com a mesma zona de articulação da vogal ou da semivogal precedente, originando a formação de ditongos crescentes), em *ai Bram* por *abram*, *ceifiar* por *ceifar* e *buscuar* por *buscar*. Este traço dialetal é comum à Madeira e aos Açores.

Foi possível encontrar alguns fenómenos fonéticos do Português popular tais como: alterações vocálicas, por exemplo, *sêmes* por *somos*, *buber* por *beber* e *luvar* por *levar*, muito frequente na fala da informante 6, que como já referido, é um informante conservador. As assimilações (como *antão* por *então*, *rubucador* por *rebocador*, *amaricano* por *americano*) estão presentes em informantes de distintas faixas etárias provenientes de zonas rurais e de ambos os géneros, predominantemente na palavra “então”. As dissimilações (como *chomar* por *chamar*, *arrencar* por *arrancar*, *vurmelhas* por *vermelhas*, *piquenas* por *pequenas*) surgem sobretudo na palavra “pequena”, inclusive na fala dos quatro informantes de segunda geração. De uma forma geral, esta dissimilação é frequente na variedade madeirense. As metáteses ou troca de posição dos sons ou das sílabas na palavra (como *maniqua* por *máquina*, *frever* por

ferver, trocar por torcer) foram encontradas em apenas dois informante sêniores, um do sexo masculino (informante 4) e um do sexo feminino (informante 11), oriundos de zonas rurais e com fraca escolarização (cf. “Cap. II 1.3 d”). Quanto ao rotacismo ou alteração consonântica do [l] em [r], (por exemplo *prantar* por *plantar* e *firmar* por *filmar*) foi verificada uma utilização no informante 9 (informante de segunda geração) como um possível reflexo da transmissão oral da língua Portuguesa pelos pais que viviam numa zona rural: *prantar* por *plantar* (cf. “Cap. II 1.3 e”). Relativamente à prótese ou adição de vogal no início da palavra (*adepois* por *depois*, *alembro* por *lembro*, *assentar* por *sentar*, *avoar* por *voar*) surgiu de uma forma mais acentuada do que a epêntese ou adição de um som no meio da palavra. Este fenómeno aparece na forma *despois* por *depois*, utilizada pelos informantes de zonas rurais, de ambos os géneros e com poucas habilitações académicas. As nasalizações (*muinto* por *muito*) e as desnasalizações (*aparelhage* por *aparelhagem*, *home* por *homem* e *selvage* por *selvagem*) têm presença reduzida, sendo que foram verificadas especialmente na palavra “homem”. As monotongações (*nã* por *não*) surgiram com algum destaque, sendo comum a falantes de diferentes idades, géneros e formação. As vogais paragógicas pronunciadas no final das palavras terminadas por consoantes (por exemplo *azule* por *azul* e *mare* por *mar*), tal como a alteração da terminação nasal das formas verbais da terceira pessoa do plural, (*aparecio* por *apareciam*, *começaro* por *começaram*, *davo* por *davam*, *fazio* por *faziam* e *fezere* por *fizeram*) e a síncope ou queda de um som no meio da palavra (por exemplo *cando* por *quando* e *poliça* por *polícia*) aparecem especialmente nos informantes idosos com pouca escolaridade. No caso da paragoge de vogais, esta foi registada também nos informantes de segunda geração 9 e 13, enquanto que a terminação nasal das formas verbais ocorre no informante 9. A introdução de vogais no meio da palavra para desfazer grupos consonânticos (*carapinteiro* por *carpinteiro*, *cancar* por *cancro*) não foram encontradas em nenhum discurso.

De uma forma geral, estes fenómenos fonéticos do Português popular mantiveram-se como traços linguísticos dos falantes mais idosos de zonas rurais e com pouca escolaridade (primeira geração), uma vez que após a emigração houve a tendência de continuar o isolamento linguístico-cultural que já predominava nas zonas onde viviam. Possivelmente, este isolamento foi propício a que estas marcas se conservassem inclusive durante décadas, possibilitando o seu registo na atualidade.

Relativamente à análise lexical foram encontrados vários regionalismos madeirenses (lexicais e semânticos), tendo os lexicais obtido maior utilização por parte

dos informantes da primeira geração: *barreta* por boné, *rezondar* por ralhar, *semilhas* para batatas e *genica* por esforço, na fala do informante 1; *fatestinha* por engraçada (provavelmente de “fadestinha”) e *batatas* para batata-doce, assim como *semilhas* para batatas; a palavra *semilhas* para batatas e *brinquinho* (brinco/grupo musical) encontra-se no discurso da informante 11 e ainda *semilha* para batata no informante 14, juntamente com *tratuário* para passeio. Sem dúvida que o regionalismo madeirense mais conhecido e utilizado é a palavra *semilha* para batata, seguido de *caminhar* para sair e *bailinho* para música e dança tradicional da Madeira, ocorrendo sobretudo nos emigrantes da primeira geração, mas também no informante 14 de segunda geração, embora, neste caso, no que se refere à palavra *tratuário*, o seu uso possa advir do facto de o informante ter casado com uma madeirense e viver na Madeira há mais de 30 anos. Em relação aos regionalismos semânticos, foram encontrados os seguintes: *rabescava* (rabiscava/tirava) e *cortadinho* (vinho com laranjada) na narrativa da informante 1, neste último caso, como bebida característica típica dos arraiais madeirenses. No informante 3, observou-se apenas o uso da palavra antiga *moço* por criado ou empregado, enquanto no informante 5, verificou-se a ocorrência de *olho de boi* (lanterna) e *joeiras* (papagaios de papel). Nos informantes 6, 7 e 11, encontrou-se a palavra *caminhar* por sair. Neste último informante, ocorre ainda o vocábulo *furado* por túnel. Nos informantes de segunda geração, constata-se, no caso do 9, a utilização de *moço/moça* para novo/nova. O 13 refere a palavra *bailinho* como denominação da música e dança madeirense, a propósito das festas realizadas na Casa da Madeira em Pretória.

Os empréstimos da língua do país de acolhimento foram verificados de formas distintas na primeira e segunda geração de informantes: a primeira geração utiliza vocábulos da língua Inglesa de uma forma pontual e para descrever conceitos, funções ou trabalhos inexistentes ou desconhecidos para eles antes da emigrarem para a África do Sul, como no caso das palavras *fish and chips* (peixe e batata), *fruit shop* (frutaria), *take-aways* (pronto a levar), *sour milk* (leite azedo), *farms* (fazenda), *dam* (barragem) *flat* (apartamento) e *train* (comboio); enquanto que, nos falantes da segunda geração, se verificou a utilização e construção de frases complexas em Inglês ao longo do discurso. Por exemplo, os informantes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12 que pertencem à primeira geração utilizam apenas e esporadicamente palavras tais como *fish and chips*, *take aways* e *fruit shops*, não utilizando nenhuma construção frásica mais complexa, provavelmente porque, tendo emigrado já em idade adulta e não frequentado nenhuma

instituição de ensino, nunca conseguiram assimilar a língua Inglesa. É de destacar que o informante 6 utiliza ainda a palavra híbrida “refusado”, resultante da palavra “recusado” do Português e “refused” do Inglês. Por outro lado, os informantes 9, 10, 13 e 14, membros da segunda geração, utilizam várias frases e expressões ao longo do discurso, como por exemplo, o informante 9 quando diz: “How do you say lazy [Como se diz preguiçosa]?” ou ainda o informante 10: “Agora vou falar Inglês, *Are you caucasian* [És caucasiano]? *Are you black* [És negro]? *Are you white* [És branco]? *Are you asian* [És asiático]?”, demonstrando até uma certa dificuldade em encontrar expressões ou palavras portuguesas que transmitam a ideia que pretendem passar.

Em relação às alcunhas individuais e coletivas ou gentílicos, foi possível encontrar apenas três alcunhas individuais: duas fornecidas pela informante 11 e uma pelo informante 12. A alcunha *Batalha*, fornecida pelo primeiro, poderá estar associada a um traço de personalidade do indivíduo referido, ou seja, provavelmente seria alguém propenso à violência. Quanto à alcunha *Jibinha*, tal como descrito pelo mesmo informante, é um termo associado a uma característica física, ou seja, tratava-se de um indivíduo corcunda. Quanto à alcunha *Machete* referida pelo informante 12 está relacionada com o facto do informante tocar o instrumento musical chamado de machete.

No que diz respeito aos provérbios e expressões populares, foram encontradas algumas nos informantes da primeira geração. Quando o informante 1 diz “O que foi qu’eu [que eu] disse... O que [o] meu pai disse: “*Olha, quem boa boa... Quem boa cama busca, boim [bom] bom sono dorme*”, está a remeter para um outro provérbio igualmente conhecido: “Cada um colhe o que planta.” Ambos referem-se à subjetividade das consequências das nossas ações: se procurarmos uma boa cama ou se plantarmos algo bom, dormiremos um bom sono ou colheremos algo bom. O mesmo se aplica no inverso. A informante 2, ao dizer “Eu acho qu’ia [que ia] fugir logo pás [para as] saias da minha mãe eh, pa [para] pa [para] me cozinhar [cozinhar-me/proteger-me] ali, não era?” está a usar uma expressão (“fugir para as saias da mãe”) tradicionalmente associada à dependência dos filhos pela proteção maternal e “cozinhar-se” significa uma estadia por um longo período. Desta forma, as duas expressões, em conjunto, demonstram que a informante pretendia buscar refúgio na mãe para ali permanecer por um longo tempo. O informante 3 utiliza também uma expressão popular bastante conhecida: “Agora o senhor cônsul venha prá [para a] minha... P’ra [para a] minha cadeira e eu vou prá [para a] sua!”. Esta expressão de “sentar-se na cadeira de outro”

está relacionada com colocar-se no lugar do outro, perante uma determinada situação: remete para o sentimento de empatia. O informante 4 usa a expressão “dar a volta”, que está relacionada com o poder de alterar uma decisão ou uma situação provocada por outrem: “Faziam-me perguntas, sim. Mais [mas] havia já alguém a trabalhare [trabalhar] com isso que *dava a tal volta...*”. O informante 5 utiliza “cair em graça” como uma forma de dizer que o dono do restaurante onde trabalhava simpatizou com ele e deram-se bem: “O dono do restaurante... Não sei porquê... *Mas me caiu [caiu-me] em graça...* Gostava muito e a mulher também... que a mulher era daqui de Santo António...”. O informante 7 diz: “Tenho o nome *debaixo da língua*”, como uma maneira de afirmar que conhece um nome, tópico ou assunto, mas não se consegue recordar no momento. As expressões “pé de meia” e “água abaixo” são referidas pelo informante 8, que se referem às poupanças que fez ou que alguém faz e à anulação de alguma situação, respetivamente. Por fim, a informante 11 utiliza uma expressão bastante popular para descrever alguém forreta: “*Se um tostão servia, ele não deu um tostão*”. Desta forma e neste estudo, os provérbios estão ligados aos informantes da primeira geração, ligados à cultura popular regional. De uma forma geral, as alcunhas individuais e coletivas, os provérbios e expressões populares surgiram com pouca relevância, provavelmente pelo seguimento de temas da entrevista. Para uma maior amostra destes dados, seria necessário proceder a entrevistas diretas a respeito das mesmas. As formas diminutivas com valor afetivo, características do Português popular (por exemplo *dinheirinho, vaquinha, carrinho*) surgiram de modo geral tanto em informantes da primeira como da segunda geração, nas palavras “dinheirinho”, “bocadinho”, “pouquinho”, “casinha”, “quartinho”, entre outras, sendo que as formas aumentativas (como *dinheirão, casarão, carrão*) não se manifestaram.

Por fim, quanto à análise morfossintática, no âmbito da colocação dos clíticos na frase, foi possível verificar que, de uma forma geral, independentemente da idade, género ou escolarização e apesar de nem sempre serem capazes de utilizar a posição correta em orações declarativas, foram capazes de utilizar corretamente a ênclise e próclise nas situações que são exceção no Português Europeu (como nas negativas, interrogativas, entre outras). A ausência de artigo definido antes do possessivo apresentou pouca relevância, tendo como uma possível explicação a associação a um Português medieval (*minha senhora e meu senhor*) e influência do Inglês, cujo artigo definido é inexistente em frases idênticas (por exemplo, “a minha mãe gosta de rosas” tem a sua tradução em inglês sem artigo definido: “my mother likes roses”). A falta de

concordância verbal, nominal e adjetival, sobretudo nas marcas gramaticais de género e número nos adjetivos apresentou grande relevo nos discursos dos informantes tanto por influência do inglês como pela espontaneidade do discurso oral. Quanto ao sujeito expresso com “a gente” e o verbo *ter* com valor existencial (em vez de *haver*) mostraram ter uma grande preponderância por serem expressões culturalmente aceites e disseminadas.

2. Resultados socioculturais

Os relatos das histórias de vida que constituem esta amostra de emigrantes madeirenses para a África do Sul são muito ricos em informações sobre temáticas socioculturais do quotidiano, tanto da Madeira como da África do Sul. No que diz respeito à Madeira, tratam-se sobretudo de informações sobre a família, a infância, e as rotinas da vida dos emigrantes da primeira geração, uma vez que foram estes que nasceram e cresceram na Madeira. Pode constatar-se que a maior parte emigrou a partir de zonas rurais, principalmente da Calheta, Fajã da Ovelha e Ponta do Pargo mas também do Porto Moniz, São Vicente (Rosário), Lamaceiros, Câmara de Lobos, Santa Cruz, Machico e Funchal (Monte). A grande maioria teve uma fraca escolarização porque tinham que começar a trabalhar desde muito cedo para ajudar a família, usualmente compostas por vários elementos e que viviam em situações de pobreza e precariedade, trabalhando na agricultura para a sua subsistência. Quanto às mulheres, também ajudavam nas tarefas agrícolas mas algumas delas aprendiam a bordar com as mães que eram bordadeiras e outras aprendiam costura. Estas emigram apenas para acompanhar os maridos, desenvolvendo tarefas na área do comércio e tendo profissões e contactos sociais que dificilmente teriam na Ilha.

Como referido no capítulo anterior, a maior parte dos homens emigraram para a África do Sul de forma ilegal para fugir ao serviço militar e, conseqüentemente, à guerra do Ultramar, viajando de barco para Moçambique e passando a fronteira “a salto” pagando a passadores durante a noite, a pé, sem bagagem para não serem detetados. As mulheres, por sua vez, iam depois dos seus maridos já terem a documentação legalizada no país por carta de chamada, assim como outros familiares, incluindo irmãos e pais. Em relação ao transporte, a maior parte fez a viagem de barco nos chamados “Vapores do Cabo”. Outros, indicam-nos os nomes, nomeadamente, Pendennis Castro, o Príncipe Perfeito, o At Long Castle e dois já foram de avião (informantes 7 e 11). Todos tiveram

negócios na área da restauração, frutarias, mercearias ou supermercados, com a exceção do marido da informante 11, que sempre foi pedreiro. Os casais que tinham negócios trabalhavam imensas horas do dia, de manhã até à noite, para ganharem e pouparem dinheiro suficiente para regressar à Madeira e fazer uma casa. Por isso, tinham apenas alguns convívios aos domingos: alguns faziam convívios com familiares e amigos e outros frequentavam atividades nas Casas da Madeira. Tendo o regresso em perspectiva, grande parte deles fizeram questão que os filhos frequentassem a escola portuguesa, aprendendo o Português. Assim como conservaram e preservaram a língua portuguesa, enquanto elemento identitário, também a transmitiram aos filhos, conservando muitas tradições culturais, nomeadamente, alimentação, festas religiosas e música regional.

A segunda geração, fornece pouca informação sobre a Madeira mas muita sobre as suas vivências na África do Sul, embora deem ainda algumas informações acerca da vida dos pais na Madeira antes de emigrarem, como é o caso do informante 9 que relata a vida dura na Ponta do Pargo. A informante 10 afirma que a mãe era de S. Vicente e o pai dos Canhas (Ponta do Sol) e que contactava com a família que estava na Ilha através de cartas e fotografias. O informante 13 destaca a sua infância feliz e segura na altura do *apartheid* em Pretória. Por fim, o informante 14 indica que os pais trabalhavam na agricultura na Fajã da Ovelha e é o que mais oferece informações sobre as línguas e culturas africanas, inclusivé sobre os mestiços: os *cape coloured*. Estes luso-descendentes que já nasceram na África do Sul, em Joanesburgo, Pretória e Witbank, já tiveram a oportunidade de estudar até o ensino superior, sendo os informantes mais escolarizados deste estudo, tendo frequentando, maioritariamente, a escola inglesa e portuguesa simultaneamente.

3. Resultados esperados e observados

Como enunciado na Introdução deste estudo, as hipóteses de partida são: os emigrantes da primeira geração, por terem nascido na Ilha e terem fraca escolarização, serão mais conservadores, tanto no que diz respeito à língua portuguesa, regionalismos madeirenses como no uso de formas do Português popular, alcunhas e provérbios, bem como a nível das tradições (alimentação, religião, música); a segunda geração, como nasceu no país de acolhimento e fez a escolarização sul-africana, utiliza mais palavras e

expressões das línguas do país de acolhimento do que os emigrantes de primeira geração.

Em relação à primeira hipótese, foi possível verificar que os resultados observados correspondem aos esperados. Ou seja, os emigrantes de primeira geração, das zonas rurais, mais idosos e menos escolarizados tendem a manter as particularidades fonéticas da variedade madeirense, assim como muitas características do Português popular. Destes, a informante 11, por ter sido doméstica e ter tido menos contactos sociais é a que mais apresenta estes traços. No que se refere à segunda geração, algumas destas marcas ainda estão presentes no discurso dos informantes, devido à interação oral com os pais, e, no caso do informante 14, por não ter escolarização formal em Português. A nível lexical, mais concretamente no que se refere aos regionalismos madeirenses semânticos e lexicais, estão presentes principalmente nos informantes da primeira geração, como é possível verificar no estudo linguístico do corpus da língua falada (capítulo II). Na segunda geração, é possível encontrá-los nos informantes 13 e 14, respetivamente, nas palavras “*bailinho*”, “*lapinha*”, “*semilha*” e “*tratuário*”. Quanto à existência de provérbios, expressões populares e alcunhas, foram detetadas apenas nas narrativas dos informantes da primeira geração. Estes elementos linguísticos e culturais não ocorrem nos relatos da segunda geração porque estes não estiveram diretamente em contacto com a cultura popular regional, não tendo a riqueza dessa vivência. A nível dos aspetos morfossintáticos, designadamente, a posição dos clíticos na frase, a ausência de artigo definido antes do possessivo em nomes de parentesco, a falta de concordância verbal, nominal e adjetival, o sujeito expresso com “a gente” em vez de “nós”, o verbo “ter” com valor existencial e a omissão de preposições e de outros elementos gramaticais, de uma forma geral, foram registados em ambas as gerações, destacando-se a ausência do artigo definido antes do possessivo, que é um traço do Português antigo conservado na Madeira. No entanto, a segunda geração exhibe alguns traços específicos que, visto serem relativos à segunda hipótese, serão expostos de seguida.

Os dados observados também correspondem aos esperados na segunda hipótese, uma vez que os empréstimos da língua do país de acolhimento, não são simples e pontuais como na primeira geração mas ostentam construções frásicas complexas em Inglês, como recurso discursivo quanto faltam expressões em Português ou mesmo para relatos de situações específicas, como no caso do informante 9. No informante 14 destaca-se a falta de concordâncias, nomeadamente, entre o nome e o adjetivo, dado que

esta não existe em Inglês, língua materna do mesmo. Este é também o que omite mais preposições e outros elementos gramaticais que não ocorrem na língua Inglesa. Recorde-se, como já mencionado, que este locutor não teve escolarização em português, daí que apresente maior número de interferências gramaticais da sua língua materna.

Considerações Finais

As condições económico-sociais que imperavam na ilha da Madeira foram um factor impulsionador das dinâmicas migratórias que marcaram o século XX na Região. Nas zonas rurais, a maior parte da população exercia atividades agrícolas, algumas vezes em terrenos alugados e costumava ocorrer não a venda, mas a troca de géneros: batatas por peixes, couves por cortes de carne, cebolas por ovos, entre outros. Usualmente, viviam numa só casa, avós, pais e filhos e a acessibilidade a serviços e produtos era, por vezes, reduzida ou impossível pela falta de dinheiro. A esmagadora maioria das crianças, muitas vezes, nem completava o primeiro ciclo, acabando por ficar com apenas o segundo ou terceiro ano, visto que tinham que trabalhar para ajudar a família. Ora, se os empregos já eram escassos, com habilitações mínimas as hipóteses de conseguir um bom trabalho tornavam-se nulas. A emigração para a África do Sul, bem como para outros destinos comuns na época, tal como Venezuela, Curaçau, Austrália, entre outros, foi uma hipótese de escapar à pobreza e à falta de oportunidades que a Madeira oferecia. Este fluxo teve um impacto tanto na população emigrante como nos familiares e nos nativos dos países de acolhimento.

Tendo em consideração os objetivos desta investigação, as grandes linhas conceptuais deste estudo foram as questões da mobilidade, migração, os relatos de memória ou histórias de vida e a língua falada. Quanto aos pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam esta investigação, foi utilizado o método da entrevista semi-estruturada, para a recolha das narrativas dos informantes que constituem o corpus desta amostra da emigração madeirense para a África do Sul. O estudo qualitativo destas informações obtidas através da recolha oral, pressupõe a transcrição das entrevistas com normas simples e bem definidas, que garantem o rigor e a comparabilidade dos dados. Sem estas, não seria possível a análise das informações do corpus do ponto de vista qualitativo, característico das ciências sociais, neste caso, através da análise temática. No entanto, por se tratar de um estudo linguístico e sociocultural, foi também efetuada a análise de forma, ou seja, o levantamento dos traços fonéticos característicos da variedade madeirense e do Português popular encontrados na fala dos informantes. A nível lexical, sublinha-se a presença de regionalismos, alcunhas e provérbios madeirenses e empréstimos da língua do país de acolhimento nas duas gerações de emigrantes. Finalmente, foram ainda levados em consideração alguns traços morfossintáticos registados na fala dos locutores.

As hipóteses de partida permitem comparar os resultados esperados com os observados. Conforme apresentado no capítulo anterior, em geral, houve uma confirmação das duas hipóteses avançadas, ou seja, os emigrantes da primeira geração tendem a conservar os traços identitários linguísticos e socioculturais adquiridos na Ilha da Madeira, levando-os e mantendo-os no país de acolhimento, como forma de ligação à sua terra de origem. Por sua vez, os emigrantes de segunda geração que nasceram e frequentaram a escola sul-africana, conservam apenas alguns destes traços transmitidos pelos pais, independentemente de terem ou não frequentado a escola portuguesa. Contudo, verifica-se que estes, assim como o uso da língua portuguesa, tem tendência a desaparecer na terceira geração. Além disso, a segunda geração apresenta uma maior interferência e recurso à língua do país de acolhimento, não só em vocabulário ou pequenas expressões mas também em construções fráscas em Inglês, enquanto que os da primeira geração, apenas usam pontualmente algumas palavras simples inexistentes na língua portuguesa e na realidade sociocultural madeirense.

No que diz respeito à emigração para a África do Sul, o acesso nem sempre era o mais fácil. Eram necessários vários documentos para entrar legalmente, entre eles, uma carta de chamada de um familiar ou de um empregador. Quando isto não acontecia, a alternativa era emigrar para Moçambique e daí atravessar ilegalmente a fronteira. Esta situação poderia ocorrer de algumas formas distintas: ir no barco em direção a Moçambique e fugir na paragem da África do Sul, candidatar-se a serviço militar para Moçambique e proceder à mesma fuga assim que possível, ou com a ajuda dos chamados passadores. Estes homens, alguns madeirenses inclusive, cobravam valores elevados para guiar os ilegais pela fronteira e, por vezes, denunciavam-nos à polícia a troco de um valor monetário.

Esta emigração esteve concentrada nas zonas de Joanesburgo, Pretória e Cidade do Cabo. Estas zonas eram predominantemente comerciais e quase todos os madeirenses exerciam atividades no comércio: frutarias, supermercados e restauração - restaurantes de venda de peixe e batatas fritas (*fish and chips*) e snack bares. Os homens costumavam trabalhar o dia inteiro nos negócios e as mulheres ajudavam-nos ou ficavam em casa a cuidar da família. Os filhos destes casais, as chamadas segundas gerações, embora ajudassem em algumas tarefas dos negócios ou de casa, tiveram uma maior escolaridade e envolveram-se de uma forma mais profunda com a comunidade, não só porque dominavam a língua, mas também porque se identificavam com o local e os seus pares. Desta forma, os membros destas segundas gerações tendem a adquirir

uma identidade híbrida, ao passo que os membros da terceira (filhos da segunda geração com sul-africanos) tendem a identificar-se mais com a África do Sul do que com a Madeira.

Em suma, a emigração para a África do Sul assumiu um papel predominante na emigração madeirense, sendo ainda hoje um ponto de referência para os insulares. O contacto com o povo sul-africano teve um grande impacto linguístico e sociocultural na vida dos emigrantes madeirenses. Portanto, reveste-se de especial utilidade a continuação de estudos que investiguem as modificações na língua, hábitos e costumes destes indivíduos bem como a conservação dos traços identitários do povo madeirense nas novas gerações de luso-descendentes.

Como sugestão de estudo futuro e tendo em conta a experiência de realização desta investigação, seria importante aperfeiçoar a metodologia de trabalho. Nas recolhas das informações e de forma a poder registar a grande riqueza e diversidade da língua e cultura regional e popular, seria necessário (re)criar momentos e situações em que, por exemplo, pudessem ocorrer de forma espontânea mais alcunhas, provérbios e expressões populares, contribuindo para a sua salvaguarda.

Referências Bibliográficas

Dicionários e Gramáticas

Cunha, Celso e Cintra, Lindley, 1992, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 9.^a edição, Lisboa, Edições Sá da Costa.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley, 2005, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Sá da Costa.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, 2003, 18 vols., Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal, Lisboa, Temas e Debates.

Obras de referência

André, João Maria, 2005, *Diálogo intercultural, utopia e mestiçagens em tempos de globalização*, Coimbra, Ariadne Editora.

Bardin, L., 2003, *L'analyse de Contenu*, 9^a ed., Paris, PUF.

Bennett, M. J., 2013, *Basic concepts of intercultural communication. Paradigms, Principles & Practices*, Boston, Intercultural Press.

Berber Sardinha, Tony, 2000, “Linguística de Corpus: Histórico e Problemática (Corpus Linguistics: History and Problematization)”, *D.E.L.T.A.*, vol. 16, nº 2, pp. 323-367.

Bizarro, Rosa e Braga, Fátima, 2004, "Educação intercultural, competência plurilingue e competência pluricultural: novos desafios para a formação de professores de Línguas Estrangeiras", *Homenagem ao Professor Doutor António Ferreira de Brito*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 57-69.

Bonnemaison, Joel, 1994, “The tree and the canoe: roots and mobility in Vanuatu societies”, *The Tree and the Canoe: History and Ethnogeography of Tanna* (trad. et adaptation de Josée Pénot-Demetry), University of Hawai Press, Honolulu, pp. 30-62.

Bueno, Francisca Izabel da Silva (2008): *A importância da história oral como instrumento de inclusão da cultura negra*

Cardoso, Agostinho, 1968, *O fenómeno económico-social da emigração madeirense*, Coimbra, Junta Geral do Funchal.

Cintra, L. F. Lindley, 2008, “Os dialectos da ilha da Madeira no quadro dos dialectos galego-portugueses”, *Cultura madeirense: temas e problemas* (coord. José Eduardo Franco), Porto, Campo das Letras, pp. 95-104.

- Cruz, M. Luísa Segura da e Saramago, João, 1999, “Açores e Madeira: autonomia e coesão dialetais”, *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão* (org. Isabel Hub Faria), Lisboa, Edições Cosmos, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 707-738.
- Deardorff, Darla, 2009, *The Handbook of Intercultural Competence*, Los Angeles/London/New Dehli/Singapore/Washington DC, Sage Publications.
- Eisenstadt, S. N., 1953, “Analysis of patterns of migration and absorption of immigrants”, *Population Studies*, London, School of Economics, London.
- Ferrarotti, E., 1983/1981, *Histoire et histoires de vie. La méthode biographique dans les Sciences Sociales*, Paris, Méridiens Klincksieck.
- Hall, Stuart, 1998, “Pensando a Diáspora (reflexões sobre a terra no exterior)”, *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*, Belo Horizonte, UFMG/UNESCO.
- Isabel Castro Henriques, Os Pilares da Diferença. Relações Portugal-África (Séculos XV-XX), Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2004, p. 302.
- Lewis, Gareth, 1982, *Human Migration: A Geographical Perspective*, London/Canberra.
- Martins, Ana Maria, 2013, “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. *Gramática do Português*, organizada por Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.
- Milroy, James, 1992, *Linguistic Variation and Change*, Oxford, Oxford University.
- Milroy, Lesley, 2002, “Introduction: Mobility, Contact and Language Change – Working with Contemporary Speech Communities”, *Journal of Sociolinguistics*, 6, 3-15.
- Milroy, Lesley, 1980, *Language and Social Networks*, Oxford, Oxford University.
- Mucchielli, A., 2006, “Les processus intellectuels fondamentaux sous-jacents aux techniques et méthodes qualitatives”, *Bilan et prospective de la recherche qualitative*, Béziers, pp. 27-42.
- Nunes, Naidea Nunes, 1997, “Alguns Aspectos da Antroponímia Primitiva da Madeira (séc. XV e XVI). Os Nomes Geográficos e a Origem Geográfica e Dialectal do Povoamento no Arquipélago da Madeira”, *Revista Ilzenha*, nº 20, jan.-jun, pp. 93-102.
- Nunes, Naidea Nunes, 2004, “Alcunhas e Nomes Geográficos na Literatura Regional Madeirense”. In *Novi te ex nomine. Estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter*

Kremer (org. Ana Boullón), Biblioteca Filológica Galega, Instituto da Língua Galega, La Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, pp. 509-517.

Nunes, Naidea Nunes, 2014, “Variação social e vitalidade de alguns regionalismos madeirenses no Português falado na cidade do Funchal”, *Confluência* nº 46, Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, pp. 335-370.

Paillé, P., 1996, “De l’analyse qualitative en général et de l’analyse thématique en particulier”, *Recherches Qualitatives*, vol. 15, pp. 179-194.

Passerini, Luisa, 1993, Mitobiografia em História Oral. Projeto História. São Paulo: EDUC, n. 10, pp. 29-40, Dezembro.

Peneff, J., 1990, *La méthode biographique. De l’école de Chicago à l’Histoire orale*, Paris, Armand Colin.

Portelli, Alessandro, 1997, “O que faz a história oral diferente”, *Proj. História*, São Paulo, pp. 25-39.

Porto da Cruz, Visconde do, 1995, *Folclore Madeirense*, Funchal, Câmara Municipal do Funchal.

Quivy, R., Campenhoudt, L. V., 2005, *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (1ª. ed. 1995, 4ª. ed. tradução de João Minhoto Marques, Mara Amália Mendes e Maria Carvalho), Lisboa, Gradiva.

Ramilo, Celeste e Freitas, Tiago, 2002, “Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas”, *Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (org. de Isabel Duarte, Joaquim Barbosa, Sérgio Matos, Thomas Husgen), vol. 2, Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto.

Rocha-Trindade, Maria Beatriz, 2001, “Passado, Presente e Futuro”, *Universalismo e Particularismo Cultural em Contexto de Migração – A Desconstrução dos Fluxos Emigratórios*, Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/CEMRI, Lisboa, Universidade Aberta, pp. 47-57.

Rodrigues, Paulo Miguel, 2010, *Da insularidade: prolegómenos e contributo para o estudo dos paradigmas da Madeirensidade (1910--1926)* in Anuário 2010, Centro de Estudos de História do Atlântico, Funchal, Madeira.

Spinassé, Karen Pupp, 2006, *Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil*.

Tomé, Alice e Carreira, Teresa, 2000, *Emigração, Identidade, Educação: Mitos, Arte e símbolos Lusitanos*.

Vieira, Alberto, 1989, “Consequências do povoamento e o ciclo do açúcar na Madeira nos séc. XV e XVI”. In *Portugal no Mundo* (dir. Luís Albuquerque), vol. I, pp. 212-224.

Vieira, Alberto, 2015, *Mobilidades Humanas no Arquipélago da Madeira. Bibliografia Fundamental*, Cadernos de Divulgação CEHA nº 1, Funchal, CEHA.

Wildner, Ana Kaciara, 2009, *A realização do sujeito pronominal na fala de descendentes de portugueses: abordagem sociolinguística*.

Webgrafia

“Alcunhas”, Aprender Madeira, *Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprendermadeira.net/alcunhas/> (consultado a 23 de março 2017).

Anuário 2010, CEHA. Disponível em <https://app.box.com/s/7buwjtokg1hn7m2utqit> (consultado a 12 de janeiro 2017).

Bazenga, Aline, Andrade, Catarina e Almeida, António, “Représentations sociales et attitudes linguistiques. Varietés du Portugais Européen dans l’île de Madère”. Researchgate, Publications, Conference papers. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/277852007_Representations_sociales_et_attitudes_linguistiques_varietes_du_Portugais_Europeen_parle_dans_l'ile_de_Madere (consultado a 25 de abril de 2017).

Biber, D., Conrad, S., Reppen, R. *Corpus Linguistics: Investigating Language Structure and Use*, Cambridge, Cambridge University Press, 1998. Disponível em http://assets.cambridge.org/97805214/99576/excerpt/9780521499576_excerpt.pdf (consultado a 15 de março 2017).

Bizarro, Rosa e Braga, Fátima, 2004, “Educação Intercultural, competência plurilingue e competência pluricultural: novos desafios para a formação de professores de línguas estrangeiras”, in *Revista da Faculdade de Letras*, 57-69. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4373.pdf> (consultado a 10 de novembro 2016).

Cancian, Juliana Ragazzoni, “O contexto da diáspora na construção da identidade cultural: a experiência do personagem José Viana, do romance *Sem Nome*, de Helder

Macedo”. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cancian-juliana-contexto-da-diaspora.pdf> (consultado a 20 de março de 2017). (consultado a 25 de novembro 2016).

Centro das Comunidades Madeirenses e Migrações: <http://ccmm.madeira.gov.pt/index.php/emigracao/historial-da-emigracao> (consultado a 23 de março 2017).

“Diáspora, conceito de”, Aprender Madeira, *Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprendermadeira.net/diaspora-conceito-de/> (consultado a 23 de março 2017).

Hall, Edward T., “The Power of Hidden Differences”, *Basic Concepts of Intercultural Communication. Selected Readings* (edited by Milton J. Bennett), Intercultural Press, 1998: 53-67. Disponível em <http://homes.lmc.gatech.edu/~herrington/classes/4406f2000/Hall.pdf> (consultado a 12 de abril de 2017).

Flores, Cristina e Melo-Pfeifer, Silvia, 2014, “O conceito “Língua de Herança” na perspectiva da Linguística e da Didática da Língua: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico da criança luso-descendente na Alemanha”, disponível em http://www.academia.edu/8368809/O_conceito_Lingua_de_Heranca_na_perspetiva_da_Linguistica_e_da_Didatica_de_Linguas_consideracoes_pluridisciplinares_em_torno_d_o_perfil_linguistico_das_crianças_lusodescendentes_na_Alemanha (consultado a 5 de janeiro de 2017)

“Imigração/emigração”, Aprender Madeira, *Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprendermadeira.net/imigracao-emigracao/> (consultado a 5 de abril 2017).

“Ingleses”, Aprender Madeira, *História Económica e Social*, disponível em <http://aprendermadeira.net/ingleses/> (consultado a 15 de novembro de 2016)

Mateus, M. H. M., 2001, “Se a língua é um fator de identificação cultural, como se compreende que uma língua viva em diferentes culturas?”. Disponível em <http://www.iltec.equipa.mhmm> (consultado a 23 de janeiro de 2017).

“Newsletter Memória das Gentes que fazem a História”, Centro de Estudos de História do Atlântico. Disponível em <http://memoriadasgentes.ml/> (consultado a 14 de março 2017).

Onghera, Yolanda, “Transculturalismo y identidad de relación”. Disponível em http://www.iemed.org/publicacions/quaderns/10/q10_366.pdf (consultado a 10 de abril de 2017).

“Património cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica, Donizete Rodrigues. Disponível em <http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodriques-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf> (consultado a 13 de fevereiro 2017).

“Regionalismos madeirenses”, Aprender Madeira, *Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprendermadeira.net/regionalismos-madeirenses/> (consultado a 8 de março 2017).

Sousa, Vítor de, 2014, “Qual o significado de ‘Diáspora’ em tempo de globalização? A relação controversa entre Império, Lusofonia e ‘Portugalidade’”, *Atas do IV Congresso Internacional de Estudos Culturais*, CECS-UMinho. Disponível em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/40813/1/VS_2014_atas_congresso_estudos_culturais.pdf (consultado a 25 de março de 2017).

Teixeira, Vítor (2009): *Entre a Madeira e as Antilhas A emigração para a ilha de Trindade Séc. XIX*, disponível em: <http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/324/1/MestradoV%C3%ADtorTeixeira.pdf>

Vieira, Alberto, “África do Sul”, Aprender Madeira, *Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprendermadeira.net/afrika-do-sul/> (consultado a 17 de janeiro de 2017).

Vieira, Alberto, 2008, “MADEIRA – “Um Cais de Permanentes Chegadas e Partidas, Funchal”, CEHABiblioteca Digital, disponível em: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/bdigital/avieira/2008-avmigra.pdf> (consultado a 15 de março de 2017)

Vieira, Alberto, 2015, “*Nona Ilha – O Projeto*”, disponível em <http://memoriadasgentes.ml/nonailha/nona-ilha-o-projeto/>

Apêndices

1. Guião da entrevista
2. Transcrições das entrevistas
3. Fichas das entrevistas
4. Histórias de vida
5. Autorização dos informantes
6. Ficheiros áudio das entrevistas

Devido ao elevado número de páginas, os itens do apêndice (1, 2, 3, 4, 5 e 6) encontram-se arquivados em pastas devidamente identificadas no CD-ROM que acompanha esta dissertação.